



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social

Débora Campos de Paula

**O espelho quebrado: perspectivas sobre
o envelhecimento, o velho e a velhice**

Rio de Janeiro

2005

Débora Campos de Paula

**O espelho quebrado: perspectivas sobre
o envelhecimento, o velho e a velhice**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: ciências Humanas e Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Antônio Castro Santos.

Rio de Janeiro

2005

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CB-C

P324 Paula, Débora Campos de.

O espelho quebrado: perspectivas sobre o envelhecimento, o velo e a Velhice / Débora Campos de Paula. – 2005.

153 f.

Orientador: Luiz Antônio de Castro Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social.

1. Velhice – Aspectos sociais – Teses. 2. Envelhecimento – Teses.
3. Idosos – Teses. I Santos, Luiz Antônio de Castro. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social. III. Título.

CDU 159.922.63

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada da fonte.

Assinatura

Data

Débora Campos de Paula

O espelho quebrado: perspectivas sobre o envelhecimento, o velho e a velhice

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Epidemiologia.

Aprovada em 11 de abril de 2005.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Antônio Castro Santos (Orientador)
Instituto de Medicina Social – UERJ

Prof.^a Dra. Anna Maria de Souza Monteiro Campos
Centro Biomédico – UERJ

Prof.^a Dra. Clárisse Ehlers Peixoto
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

Prof.^a Dra. Lina Rodrigues de Faria
Faculdade de Fisioterapia – UFJF

Rio de Janeiro

2005

Débora Campos de Paula

**O espelho quebrado: perspectivas sobre
o envelhecimento, o velho e a velhice**



(*) Preços cotados em São Paulo e sujeitos
a variações em outros Estados

DEDICATÓRIA

A Jorge, meu pai *Peter Pan*... sua partida me ensinou a olhar a vida sem lentes de aumento.

AGRADECIMENTOS

Ao Luiz Antônio, por dosar na certa medida, liberdade, incentivo e diretrizes em sua bem humorada orientação.

À Marlene, minha mãe, linda mulher que nunca me deixou faltar estímulo e colo.

Ao Carlos Henrique, meu amado, primeiro e mais crítico leitor.

À Carmem, minha *vó* amada, e à Noemia, minha *vó* rainha, ambas inspiração e princípio de tudo que sou.

A todos os meus alunos, por me emprestarem suas vidas e me permitirem ser uma velha companheira de viagem.

Às maninhas: Karla, pelo espelho de determinação, inteligência e força; Erica, pelas doces conversas à distância; e Beta, por estar sempre ao lado.

Aos colegas, camaradas de batalha: a doce Bianca, a energética Carol, a forte menina Erlinda, a *crazy girl* Fernanda, o intenso Marcelo, a confiante Paola, o pragmático Paulo e a determinada Selma. Vocês contribuíram mais do que podem supor.

A Jane Russo, Benilton, Ortega, Kenneth, Laura, Sérgio e Madel, por me ajudarem a trilhar um caminho por mim ainda desconhecido.

[...] Tout le monde voudrait vivre longtemps, mais personne ne voudrait être vieux [..].

Jonathan Swift

[Todo mundo gostaria de viver muito tempo, mas ninguém gostaria de envelhecer.]

Interpretação da autora

RESUMO

PAULA, Débora Campos de. *O espelho quebrado: perspectivas sobre o envelhecimento, o velho e a velhice*. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.

O fio condutor deste trabalho é a abordagem das representações do velho, da velhice e do envelhecimento, tendo como material de análise matérias da revista *Veja*, de 1968 a 2003. O estudo foi centrado nas imagens, sentidos e significados destas três categorias, destacando-se a preponderância, permanência ou o desaparecimento de algumas representações observadas ao longo dos anos analisados. Sobressaiu das análises o crescimento da visibilidade do tema nas revistas, bem como a utilização do discurso de especialistas corroborando as visões prevalentes, conferindo legitimidade a padrões de saúde, de comportamento e de estética. Lidando com as imagens disponíveis nas publicações, margeando as representações-chave para um dado momento, foi possível observar outras tantas, as quais flexibilizaram uma primeira leitura do material que, a princípio, conferia ao mesmo menor variabilidade de representações do que aquela que, de fato, foi observada.

Palavras-chave: Envelhecimento. Velho. Velhice. Representações sociais.

ABSTRACT

The conducting thread of this work is the social representations of the elderly, of old age and aging, according to the material published by *Veja* magazine (from 1968 to 2003). The study was based on the images, meanings and significances of these three categories, giving special attention to the preponderance, the permanence or the disappearance of some of the representations observed along the analyzed years. The analysis highlighted the growing visibility of the subject in the magazines, as well the use of specialists to corroborate the prevalent visions, inferring legitimacy to health, behavior and esthetics patterns. Examining the images available in the different issues, it was possible to observe that, besides the key representations of a certain time, there were many others that made the reading of the material more flexible, contradicting the first idea that there were fewer varieties of representations than those that had really been observed.

Keywords: Aging. Elderly. Old Age. Social representations.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Envelhecimento e palavras associadas	43
Quadro 2	Revistas coletadas na primeira fase	44
Quadro 3	Resumo da amostra dos exemplares analisados da Revista Veja – grupo A	45
Quadro 4	Resumo da amostra dos exemplares analisados da Revista Veja – grupo B	46
Quadro 5	Total de revistas analisadas	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Perfil do leitor da Revista Veja	40
-----------------	--	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
1	QUE IDADE VOCÊ TEM ?	15
1.1	A velhice e o nascimento de um novo saber	22
1.2	A construção da velhice	26
2	O CAMINHO METODOLÓGICO	37
2.1	A mídia em foco	37
2.2	A Revista Veja	40
2.3	A escolha do material de análise	42
2.4	Opções metodológicas	50
3	A REVISTA VEJA (1968-2003)	52
4	O TEMPO COMO PALCO	129
	REFERÊNCIAS	145
	ANEXO A – Outras imagens	150
	ANEXO B – “Mulheres alteradas”	153

INTRODUÇÃO

O LUGAR DA VELHICE

[...] O homem velho é o rei dos animais [...].

Da música *O Homem Velho*, de *Caetano Veloso*

A concepção de curso da vida como um caminho linear evidencia a velhice como uma fase próxima ao ponto final da existência. E a idéia da finitude traz à tona inquietações que influenciam a maneira como os sujeitos se percebem (e são percebidos) ao envelhecer.

A idéia de degenerescência corporal, psicológica e social que esteve presente no imaginário social e em publicações de diversas áreas do conhecimento, é percebida ainda hoje. À velhice se alia um quadro de perdas, seja no âmbito biológico estético, da saúde física e psíquica ou das relações sociais.

A associação do envelhecimento com estas perdas cria dificuldades ainda não suplantadas pelos estudiosos deste tema: a delimitação entre a velhice dita “normal” e a velhice “patológica”.

Se tomarmos o entendimento de Canguilhem (1978: 90-117) sobre os conceitos de normalidade e de patologia¹, passaremos à compreensão dinâmica do binômio doença/sanidade. Traçando um paralelo em relação ao binômio juventude/velhice, é possível divisar espectros de normatividade entre estas duas experiências.

Então, juventude e velhice seriam polaridades dotadas de valor, ambas partes da dinâmica da existência; logo, a velhice, tal como a doença, não seria algo a ser corrigido ou evitado. Não seriam inerentemente negativas, mas agregariam valores negativos a elas atribuídos socialmente.

Também a percepção da saúde e da juventude como estados desejáveis e ideais, seria fruto do que o autor aponta como uma tendência do ser humano em se considerar,

[...] ele próprio como patológico, algo a ser corrigido ou evitado [...] certos estados ou comportamentos que, em relação à polaridade dinâmica da vida, são apreendidos sob forma de valores negativos [...]. (CANGUILHEN, 1978: 96)

¹ A normalidade parte da instituição de uma norma, que é a referência a uma ordem possível, e esta referência parte de uma escolha informada por valores. A patologia, da mesma forma, também é um conceito valorativo, e não o desvio de uma média.

Dizem os gerontólogos que velhice não é doença. No entanto, a forma como as modificações que ocorrem ao longo da vida são encaradas, não é investida de positividade. Assim como o doente, o velho tem o seu corpo, a sua estética e o seu funcionamento comparados a um padrão de normalidade e eficiência, que nem sempre está de acordo com suas possibilidades. Tais padrões, fundados no entendimento da saúde como um bem estático que alguém possui ou não, ou ainda na percepção da estética como a perfeição das formas, estabelecem dificuldades de adequação para sujeitos em qualquer idade.

O desejo ou a necessidade de adequação social, aliados ao fato de estarmos vivendo um número maior de anos enquanto velhos, contribuiu para o aparecimento de uma nova configuração para a velhice: os velhos ‘jovens’. Estes aparecem nos comerciais da TV, nas academias de ginástica, nos grupos de convivência, lotam as platéias de teatro e os consultórios médicos.

A velhice como um momento de vida, produção, descoberta e desafio, ativa o mercado consumidor, e eleva a auto-estima de muitos, mesmo daqueles que não se encaixavam no modelo de velho sem perspectivas, tendo no passado a única referência existencial.

Entretanto, apesar dos avanços científicos, cosméticos e médicos, e de inúmeras promessas de um envelhecer jovem, o que parece estar ocorrendo é um deslocamento etário do que é considerado ser velho. Hoje, a Gerontologia já distingue, por faixa etária, os velhos dos muito velhos, sendo algumas das características antes vinculadas ao envelhecimento, de um modo geral, direcionadas agora apenas aos muito velhos.

Se, por um lado, o envelhecimento foi tratado, durante muito tempo, como doença, o que ainda ocorre nos dias atuais, por outro, sua negação em favor da juventude eterna cresce a cada dia. Estas formas diferenciadas e aparentemente opostas de ver os sujeitos que envelhecem, abrem um grande leque de discussões e apontam para uma realidade bem mais matizada e particular acerca do envelhecer.

É no universo relacional que se estabelece a inclusão em determinada categoria: somos velhos ou jovens em relação ao outro e a nós mesmos. Esta relação não é estática; percebemos nosso próprio envelhecer em contraste com o de outros indivíduos e, de forma contextualizada, podemos associar a incapacidade para determinada tarefa à idéia de já estarmos velhos, enquanto que, em um contexto diverso, a mesma incapacidade pode agregar outros motivos.

A associação da velhice ao estado de impossibilidade física, temporária ou permanente, permeia a maior parte dos discursos sobre a velhice, bem como o imaginário social. A concepção de que o velho é alguém que deixou de ser produtivo ou capaz, que

perdeu algo que estava presente na juventude, associa-se à desvalorização do próprio sujeito que envelhece.

O velho é, então, comparado ao modelo de uma juventude idealizada, potencialmente perfeita em suas capacidades física e cognitiva, essencialmente saudável e permanentemente bela, o que evidencia a sua desvantagem.

Ao recordar-se da própria juventude, as lembranças dos idosos são as de um jovem vigoroso, cheio de caminhos possíveis e com um corpo responsivo à sua vontade. Não significa que a velhice não imponha limites. Para muitos, inclusive, tais limites às vezes são definitivos; mas o fator que concorre para a desvalorização das inúmeras possibilidades ainda existentes para os idosos, é quando estes limites assumem um caráter depreciativo.

Além disso, algumas limitações, quase intransponíveis na velhice, podem ter suas raízes em tempos remotos. Os esquecimentos antes imperceptíveis, tornam-se uma preocupação constante; o gênio recluso e introspectivo pode ser visto como tendência à depressão ou ao isolamento; os hábitos, são considerados como manias; as esquisitices, como caduquices... Nomes novos para antigas características, que ganham conotação de problema: 'coisas de velhos'.

Nosso tempo é o tempo da juventude, em que a velocidade das trocas ganha proporções inusitadas: trocas tecnológicas, afetivas, econômicas, coisas 'antigas' do mês passado. Como é possível compatibilizar esta velocidade àquela dos relógios de ponteiros, que não marcavam os segundos? Das vitrolas e dos discos de vinil, que precisavam ser virados a cada cinco, seis faixas?

Para quem viveu pelo menos umas dez trocas da moeda vigente, e a época das longas viagens de navio a vapor, o mundo pode parecer estar andando rápido demais. Os papéis desempenhados, outrora tão definidos, ganham fluidez; e aquele que passou toda a vida sendo trabalhador, marido e provedor, hoje necessita desdobrar cada um destes papéis em tantos outros, com novas exigências e atribuições.

Não obstante, em qualquer época há aqueles que parecem nascer sem data. Para estes, o que chega é prontamente assimilado, sem qualquer resistência; não se percebem velhos, mas também não se percebem jovens. Apenas vivem o que há para viver, consoante com o presente. Participam das transformações culturais, tecnológicas, morais; ou simplesmente observam-nas como expectadores atentos, mas não estupefatos com o novo ou o desconhecido.

Ademais, as inúmeras possibilidades individuais de envelhecer estão imersas em padrões gerais² que, em cada momento histórico e cultural de determinado país ou região, são influenciados e/ou influenciadores de comportamentos, aparências e expectativas.

Hoje, a idéia de que podemos envelhecer ‘jovens’, embora pareça um contrasenso, figura nas páginas das revistas, é veiculada em programas televisivos e transmitida em conversas entre pessoas de diferentes idades e profissões. Vemos crescer a utopia de um envelhecer sem marcas corporais e comportamentais. Só é velho quem quer, é o que se diz. Com uma dose de cuidados diários, a manutenção de atividades físicas e de lazer, novas amizades, muitos cremes e algumas plásticas, a velhice pode ser adiada por alguns anos. A juventude pode ser adquirida em frascos ou em manuais que auxiliam a sua busca numa fonte tão cobiçada, desde os gregos.

Mais que uma categoria, a juventude torna-se um estilo de vida. Ser jovem representa uma abertura para o novo, a possibilidade plena de aprendizagem, de vigor, de beleza e também de incerteza em relação ao futuro. Este estilo de estar no mundo é cada vez mais descolado da matriz etária, e pode ser atribuído tanto ao adulto como ao velho.

Para alguns, o velho ‘novo’ apenas mimetiza a juventude: veste-se, comporta-se e relaciona-se como os jovens; mas este papel, ainda que bem desempenhado, é uma fraude que não ilude nem ao próprio ator. Para outros, as características atribuídas à juventude não são privilégio da mesma, e estariam presentes ou ausentes em qualquer idade. Ver o mar, pela primeira vez, pode ser uma experiência tão intensa para um jovem, como para um velho ou uma criança.

A proposta do envelhecimento ‘jovem’ pode ser vista como um ganho em relação à imagem alquebrada do sujeito: “*sentado no trono de um apartamento, esperando a morte chegar*”.³ A negação de uma vida que conserva a flexibilidade e o descerrar de novas possibilidades.

Porém, a maneira como em diferentes épocas este ou aquele modelo de envelhecimento ganha espaço, impõe reflexões sobre o próprio envelhecer, levando-nos a observar de que forma as representações vigentes sobre a velhice coadunam-se com a expectativa individual e a percepção particular do envelhecer.

Da mesma forma, a experiência individual, o discurso científico e o material midiático retroalimentam-se de símbolos e representações sobre o velho, a velhice e o envelhecimento.

² Refiro-me às características consideradas ‘normais’ ou esperadas para determinada idade, seja por estudiosos do assunto, pela mídia ou pelo senso comum. Uma certa confluência de pensamentos que apontam para uma determinada forma de envelhecer, ou as tensões geradas pelo posicionamento de correntes divergentes.

³ Trecho da música *Ouro de Tolo*, de Raul Seixas.

O presente estudo teve como material de análise apenas um fragmento deste fecundo universo: a observação de um veículo de comunicação de massa, a revista VEJA, e os possíveis diálogos deste material com a contextualização do tema, feito por meio de revisão bibliográfica sobre o assunto.

1 QUE IDADE VOCÊ TEM?

[...] Envelhecer [...] esse é ainda o único meio que se encontrou para viver por mais tempo [...].⁴
Sainte-Beuve

Leonard Hayflick, biólogo celular e gerontologista americano, em seu livro *Como e por que envelhecemos?* (1996), ressalta o quão difícil é estabelecer, por meio de indicadores biológicos, os determinantes do envelhecimento. Na perspectiva da microbiologia, “[...] a maioria das células presentes no nosso organismo hoje não estava presente há cinco ou dez anos [...]” (HAYFLICK, 1996: 8).

Então, como seria possível determinar a idade de um organismo em permanente modificação? Nós teríamos a idade de nossas primeiras células, ou daquelas que acabaram de surgir? O próprio autor brinca com a questão, dizendo que deveríamos comemorar o aniversário de todas as células, visto que, mesmo aquelas que já estão mortas, foram as geradoras das que vivem hoje.

Muitas teorias tentaram explicar o fenômeno do envelhecimento; algumas foram abandonadas pelo meio científico e outras ganharam novos elementos com o avanço tecnológico. Mas, sem dúvida, podemos encontrar traços da maior parte delas no modo como hoje o envelhecimento é compreendido.

A partir do século XIX, as matrizes teóricas para o entendimento da velhice, ganharam um caráter de cientificidade. As pesquisas laboratoriais deram força a uma mudança paradigmática da concepção da velhice, segundo a qual o envelhecimento deixaria de ser apenas uma experiência existencial, ou uma constatação frente às modificações empiricamente observáveis, para tornar-se passível de análises microscópicas e explicações que, muitas vezes, reduzem o envelhecimento a relações bioquímicas.

Em 1882, o biólogo alemão August Weismann formulou as hipóteses de que o envelhecimento seria ocasionado pela impossibilidade de um tecido “desgastado” se

⁴ Citado em: VON ZUBEN, Newton Aquiles. *Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude*. In: NERI, Anita Liberalesso. *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e sócio-culturais*. p. 151.

renovar eternamente, e de que danos teciduais, ao longo do tempo, seriam uma importante fonte de mudanças associadas à idade. Entretanto, segundo Hayflick, devido à impossibilidade de medir este desgaste na maioria dos animais, esta teoria permaneceu estagnada (HAYFLICK, 1996: 226-227).

Dezesseis anos mais tarde, Max Rubner, outro biólogo de origem germânica, evidenciou a relação entre taxa metabólica, tamanho corporal e longevidade, desenvolvendo, a partir destas correlações, *a teoria do ritmo de vida*. A esse respeito, Reymond Pearl e Ruth De Witt Pearl escreveram em 1928: “[...] de modo geral, o tempo gasto de vida é inversamente proporcional ao ritmo de gasto de energia [...]” (HAYFLICK, 1996: 228).

Segundo esta teoria, os animais nasceriam com uma quantidade finita de energia que seria gasta ao longo da vida, em maior ou menor proporção, dependendo do ritmo empregado nesta trajetória: “[...] os animais podem gastar a energia rapidamente, envelhecendo mais rápido [...] ou podem gastá-la lentamente, retardando o envelhecimento [...]” (HAYFLICK, 1996: 229).

As conclusões a que chegaram os pesquisadores, baseados em comparações entre diferentes espécies, seriam extrapoladas para seres humanos. Mais que isso, forneceriam elementos de reforço para um estilo de vida mais parcimonioso, indo ao encontro de uma postura de contenção, comedimento e controle das paixões. Para a obtenção de uma vida longa, seria necessária uma espécie de poupança. Em outras palavras, “[...] quem vive rápido, morre jovem [...]”.⁵

Em 1912, outro importante estudo implementaria uma inusitada forma de conceber o envelhecimento. Alexis Carrel e Albert Ebeling, do Rockefeller Institute, nos Estados Unidos, com base em um experimento que durou 34 anos⁶, concluíram que o envelhecimento não ocorreria no interior da célula e que, portanto, este seria consequência de eventos externos. Além disso, tal experimento sugeriu algo surpreendente: a imortalidade das células normais cultivadas em laboratório. Segundo Hayflick, esta conclusão “[...] afetou durante décadas o pensamento sobre a causa do envelhecimento humano e animal [...]” (HAYFLICK, 1996: 107).

Nas décadas de 40 e 50, foi constatado que em raras ocasiões, a mesma propriedade de imortalidade das culturas do experimento de Carrel e Ebeling estava presente em algumas culturas de células de roedores e seres humanos reforçando, assim, a tese destes cientistas.

⁵ Esta é uma forma pela qual a teoria do ritmo de vida é conhecida, segundo Hayflick.

⁶ Foram cultivadas células do coração de um pinto por 34 anos, e estas continuaram vivas.

Uma das implicações fundamentais da transposição das conclusões destes estudos para o pensamento sobre a velhice e a morte, seria imaginar que, dadas as condições ideais de um ambiente controlado, o envelhecimento e a própria morte deixariam de existir.

Entretanto, no final da década de 60, após muita resistência do meio científico, esta tese foi suplantada, pelas descobertas de Hayflick e Paul Moorhead, que conseguiram comprovar que, de fato, as células que pareciam imortais eram, acidentalmente, substituídas por células novas⁷. A concepção de imortalidade intrínseca às células normais seria, então, substituída pela tese de que todas as células apresentam um número limitado de duplicações. O trabalho de Hayflick e Moorhead identificou que, a partir da primeira duplicação, as células seriam capazes de efetuar de quarenta a sessenta duplicações sucessivas (HAYFLICK, 1996:115). A proposição dos autores estabeleceu a idéia de um controle celular intrínseco do envelhecimento.

Corroborando este pensamento, Cançado (1994) afirmou haver evidências de que o código genético confere ao envelhecimento determinantes presentes no interior das células. Ele cita duas linhas de pesquisa: a primeira considera que, do nascimento à morte, há uma ordem predeterminada e inevitável, na qual o mecanismo de auto-eliminação já estaria definido no código genético. A segunda defende a hipótese de que a inviabilidade funcional e a morte celular se relacionam a mutações cromossomiais, ocasionadas por radiações, infecções e toxinas ambientais, dentre outros fatores.

Bastante similar à teoria descrita acima, a *teoria do acúmulo de resíduos* (HAYFLICK, 1996: 230) afirma que o envelhecimento é resultado do depósito de uma substância chamada lipofuscina (ou pigmento da idade) formada, provavelmente, a partir reações de radicais livres⁸.

A teoria dos radicais livres sustenta que a ação destes fragmentos moleculares pode danificar o DNA, além de possuir fortes implicações em patologias como o mal de Alzheimer.

Outras⁹ teorias são destacadas por Hayflick, todas baseadas em experimentos bioquímicos ou físicos¹⁰ e, assim como os trabalhos pioneiros de Weismann, Carrel e Ebeling e do próprio Hayflick, estas procuram explicar a base biológica para o fenômeno do

⁷ As novas células eram introduzidas juntamente com o fluido utilizado para alimentar a cultura antiga.

⁸ Fragmentos moleculares formados a partir da quebra de oxigênio, altamente reativos e instáveis, que tentam se religar a qualquer molécula próxima.

⁹ Teoria das ligações cruzadas, teoria do sistema imunológico, teoria dos erros e reparos e teoria da desordem. Em HAYFLICK, Leonard. Como e por que envelhecemos: 231, 236, 238 e 245, respectivamente.

¹⁰ Como no caso das teorias que envolvem a força eletromagnética e a energia nuclear.

envelhecimento. No entanto, a busca da ‘verdade’, apesar de contribuir para o impulso dado ao estudo da biogerontologia¹¹, ainda não teve seu desfecho:

[...] alguns biogerontologistas escapam da melhor forma, sugerindo que cada teoria tem uma contribuição a fazer. Concluem que o envelhecimento tem muitas causas, que podem incluir aspectos de todas as teorias descritas [...]. (HAYFLICK, 1996: 247)

Apesar da aceitação de que “[...] o envelhecimento é maleável [...]” (HAYFLICK, 1996: 250), as tentativas da biogerontologia giram em torno da idéia de universalidade da velhice e da busca de elementos que tornem possível identificar e classificar os sujeitos, segundo constatações laboratoriais. Contudo, a dificuldade do controle das variáveis, sobretudo em humanos, prejudica o estabelecimento das constantes que estariam presentes em todos os seres que envelhecem.

As investigações da biogerontologia têm sido importantes na detecção de fenômenos que modificam de forma micro ou macroscópica o corpo humano. Elas contribuem para o entendimento de tais modificações e nos confrontam com algumas de suas implicações. Entretanto, o reducionismo que, por vezes, se faz necessário à observação de um determinado aspecto do funcionamento corporal, pode converter-se na explicação cabal do que seja envelhecer.

Da mesma forma, outros campos de observação da velhice parecem querer esgotar este objeto de estudo; ou, ao menos, apostam na prevalência de uma especialidade que subsuma as demais tornando-se aquela que, de fato, explicaria o envelhecimento.

Sob o título *Novos paradigmas do envelhecimento* (CANÇADO, 1994: 49)¹², Raul de Barros Neto, um estudioso do campo da psicogeriatrics, afirma que “[...] tanto no envelhecimento sadio (senescência), quanto no envelhecimento patológico

¹¹ Segundo Hayflick, este é um termo usado pelos biólogos que atuam no campo do envelhecimento para se distinguirem de outros biólogos.

¹² Subtítulo do capítulo: Parâmetros fisiológicos do envelhecimento cerebral.

(senilidade) [...]”¹³, os problemas dos idosos, sob o ponto de vista biológico, seriam de ordem neurológica.

No mesmo capítulo o autor propõe que, por ser o sistema nervoso central o responsável pela vida de relação¹⁴ e pela vida vegetativa¹⁵, este seria:

[...] o sistema biológico mais comprometido pelo envelhecimento. Fica assim evidente que o processo de envelhecimento compromete as funções nobres do organismo (neurológicas), principalmente aquelas que capacitam o indivíduo para a vida social, diminuindo a capacidade intelectual [...] e ainda na afetividade, na personalidade e na conduta [...]. (CANÇADO, 1994: 49)

Raul de Barros afirma ainda, que este comprometimento estaria presente indistintamente nos sujeitos que envelhecem, havendo apenas uma diferença de intensidade de seus sinais. Logo, mesmo no envelhecimento sadio, alguns sinais característicos das demências poderiam ser encontrados.

No capítulo subsequente, Heloísa Gonzaga¹⁶ propõe uma nova subdivisão para a Geriatria: a preventiva, que começaria ainda no útero materno; a fisiológica, decorrente dos processos normais do envelhecimento; e a clínica, envolvendo os processos patológicos (GONZAGA, 1994: 55). Pensando acerca desta proposta, em relação à geriatria preventiva fica a dúvida: se devemos supor que o estudo do envelhecimento deva ser dirigido a todos, mesmo antes do nascimento, então já nascemos velhos?

Ao longo destes dois capítulos, os autores tentam desvincular o envelhecimento normal do patológico. Entretanto, suas abordagens, se por um lado ajudam a compreender algumas modificações que podem estar presentes na velhice, por outro, não conseguem esclarecer o que é e quando se inicia o processo de envelhecimento.

A tentativa de estabelecimento de um ponto inicial para o desencadeamento do processo de envelhecimento e suas características, decerto, não é algo novo. Os avanços médico-científicos ainda não foram capazes de determinar os marcadores biológicos do envelhecimento. Desta feita, os discursos científicos continuam frágeis na definição do que seja o envelhecimento “normal”, segundo Lopes e Torres (GONZAGA, 1994: 402).

A fisiologia do processo normal do envelhecimento ainda é confundida com os efeitos de algumas doenças, embora envelhecer seja diferente de adoecer. O envelhecimento normal

¹³ Esta divisão é amplamente aceita pelos gerontólogos e geriatras.

¹⁴ Sensações, movimentos e funções psíquicas.

¹⁵ Funções biológicas involuntárias ou inconscientes.

¹⁶ Heloísa Mamede Silva Gonzaga, doutora em Fisiologia e prof. adjunta do Depto. de Fisiologia e Biofísica da Faculdade de Medicina – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

é definido como as mudanças psicológicas e fisiológicas relacionadas à idade, e não associadas às doenças, não obstante não seja claro quais seriam essas mudanças.

A tentativa de desvinculação entre envelhecimento e patologia é bastante clara no trecho acima; no entanto, a mesma clareza não se apresenta quando os autores falam das mudanças fisiológicas e psicológicas normais associadas ao envelhecer. A idéia de que o envelhecimento possui um quadro desejável de normalidade, excetuando-se as patologias intervenientes, permeia o discurso geriátrico e gerontológico (GONZAGA, 1994: 55-59; NEYO, 1994: 45-52; HAYFLICK, 1996; MARTINS, 1999: 225-229; BRIGEIRO, 2000: 8-9).

Deste modo, o recorte por idade continua sendo ainda o mais utilizado para o estabelecimento do início da velhice, como é possível observar no trecho que se segue:

[...] A Organização Mundial de Saúde estabelece o limite cronológico de 65 anos para o início da velhice nos países desenvolvidos, e 60 anos nos países em desenvolvimento. Alguns autores já propõem a quarta idade, que começaria aos 80 [...] e a quinta idade, que começaria aos 100 [...]. (LOPES e TORRES, 1994: 401)

Em uma crítica a esta tentativa de delimitação do envelhecimento, Groisman diz que, embora o critério cronológico (idade) seja apontado como falho e arbitrário, ele é o mais comumente utilizado para a definição do envelhecimento (GROISMAN, 1999: 6). O autor chama a atenção, ainda, para o fato de que talvez a tentativa de delimitação, entre o envelhecimento saudável e o patológico revele algo que Canguilhem apontou em *O Normal e o Patológico: a confusão, em nossa sociedade, da saúde com a juventude*. Sendo assim, o envelhecimento é concebido como uma espécie de doença, pois é medida justamente pelo grau de degeneração que causou ao organismo (GROISMAN, 1999: 8).

No capítulo intitulado, *Mudanças normais associadas à idade*, Leonard Hayflick descreve as características que ocorrem com a idade:

[...] perda da força e do vigor físico, visão curta, crescimento de pelos nas orelhas e narinas, problemas na memória de curto prazo, queda de cabelo, perda de massa óssea, diminuição da altura, diminuição da audição e a menopausa [...] As mudanças associadas à idade [...] afetam as células individuais de praticamente todos os nossos órgãos [...] essas mudanças não-arentes associadas à idade são consideradas normais, e não estados de doença [...]. (HAYFLICK, 1996: 36)

As características normais atribuídas à velhice encontram seu ponto de comparação em um organismo no qual tais características se encontram no ápice e em pleno funcionamento. É a partir do corpo jovem que é pensado o corpo velho; mas o corpo jovem, que serve de padrão, é um modelo, uma idealização que expressa a plena saúde em oposição aos estados patológicos.

Além disso, a concepção de envelhecimento, na qual se baseiam os argumentos de Hayflick, parte da premissa de que a velhice é uma categoria natural e como tal, é definida por critérios unicamente biológicos. Desta forma, é possível encontrar parâmetros de comparação entre o envelhecimento humano e o de outras espécies. Mais ainda, a velhice pode ser compreendida, em si mesma, como um objeto de estudo plausível.

Segundo o autor, somente os homens e os animais em cativeiro envelhecem; logo, seríamos uma anomalia da natureza ou simplesmente um produto da cultura, quando o assunto é envelhecimento? Comparados a outras espécies - animais ou vegetais - conseguimos 'dar uma rasteira' na natureza e prolongar nossa história de forma surpreendente, mas mantemos algo em comum com os demais seres: “[...] não há formas de medição disponível através da qual possamos determinar a idade biológica dos seres humanos e da maior parte dos outros animais [...]” (HAYFLICK, 1996: 4).

Muitos esforços foram feitos a fim de determinar o que, de fato, nos classificaria como velhos, porém, nosso “[...] excesso de variabilidade [...]” (HAYFLICK, 1996: 5) inviabiliza o sonho de alguns pesquisadores. Mas, não seria justamente esta variabilidade que enriquece a experiência de ser humano?

Tentar encontrar formas de classificação poderá ser importante como caráter instrumental, para o pagamento de benefícios ou para estabelecer quem precisa de assistência e cuidados especiais; no entanto, entender que uma categoria homogênea possa subsumir a diversidade e a complexidade, transforma um esforço pragmático em uma 'camisa de força' ontológica.

Imaginar que as características atribuídas ao envelhecimento se estabelecem apenas nos campos bioquímico e anátomo-fisiológico, é ignorar que sobre estas características pesam valores dotados de grande mobilidade ao longo da história e nas diferentes culturas.

Outra questão aventada é que, sobre a perspectiva da funcionalidade biológica, o envelhecimento não tem explicação.

Por que envelhecemos? e *Por que vivemos o tempo que vivemos?* (HAYFLICK, 1996: 250) são perguntas que, provavelmente, as pesquisas laboratoriais não conseguirão responder.

E na ausência de explicações definitivas, a ciência continua investindo em novas descobertas, algumas, prontamente absorvidas por indústrias cosméticas ou de medicamentos, que lançam produtos ‘cientificamente comprovados’¹⁷ assegurando a ‘cura’ ou a amenização da velhice.

As possibilidades de análise do envelhecimento podem se dar em diferentes campos. Algumas abordagens são bastante reducionistas, restringindo o envelhecer a experiências laboratoriais ou a manifestações exclusivamente discursivas.¹⁸ Outras pretendem abarcar, sob a forma de especialidades profissionais, as diversas possibilidades para o que hoje denominamos velhice.

Sua acepção pode cambiar para um ou outro pólo, dependendo da necessidade e da funcionalidade que o conceito velhice pode proporcionar em uma sociedade etariamente compreendida. Ela pode agrupar elementos de definições várias, formando um complexo mosaico onde biologia, cultura, tempo e existência proporcionam ao sujeito um envelhecer que é, ao mesmo tempo, singular e plural, e que também é parte das contingências sociais, políticas, econômicas nas quais ele está imerso. E ainda, uma experiência tão única que se torna difícil expressá-la de forma inteligível.

É justamente a observação destas múltiplas faces que servirá de ferramenta para o entendimento das representações da velhice no material de análise escolhido.

Para formar o cenário no qual estas representações se desenrolam, passarei à observação de alguns discursos que podem ajudar no entendimento deste fenômeno tão rico de significados individuais e coletivos.

1.1 A velhice e o nascimento de um novo saber

A compreensão de como o envelhecer passou a se constituir em um saber específico e sistematizado, é um importante elemento de análise para caminharmos em direção à atual visão acerca do velho e da velhice. A criação de especialidades e a formação de profissionais que atuam focando intervenção, cuidado, assistência, criação de produtos, informação e serviços sobre e para o sujeito que envelhece, ganham espaço.

¹⁷ Grifos meus. Algumas pesquisas financiadas por grandes corporações e indústrias farmacêuticas e cosméticas possuem um caráter duvidoso quanto à metodologia e ao desenvolvimento imparcial dos estudos. A divulgação dos resultados, por vezes, permanece atrelada a exigências mercadológicas, e não ao rigor científico.

¹⁸ Refiro-me à posição adotada por uma corrente de pensamento da Sociologia, que reduz a experiência do envelhecimento à idéia de que a velhice, como outras categorias sociais, é unicamente uma criação, uma expressão de representações mentais e informações sociais, sem implicações biológicas.

A origem deste olhar particularizado é consoante a mudanças da forma de pensar o mundo. O modo como a velhice se tornou cada vez mais visível foi influenciado por questões da ordem econômica, da atuação profissional, da estrutura familiar, da organização e contexto social e histórico.

Reforçando estas questões, o estabelecimento de um campo de estudo e de uma especialidade médica voltada exclusivamente para a velhice, traz à cena a problematização de algo que, de certo, já figurava como interesse, ainda que não se constituísse como um saber.

A Geriatria nasceu no início do século XX; seu fundador foi o médico vienense, naturalizado americano, Ignatz Leo Nascher¹⁹. Ele introduziu o termo *geriatria* na comunidade médica por meio de um artigo escrito em 1909 e publicado no *New York Medical Journal*. Entretanto, o início da geriatria é considerado somente a partir da publicação do livro *Geriatrics: the diseases of old age and their treatments*, em 1914, do mesmo autor. Nascher concebia o envelhecimento como um processo de degeneração celular. Em seu livro, descreve a relação deste processo com um quadro de alterações fisiológicas e propõe uma conexão explícita entre tais alterações e mudanças ao nível mental e comportamental.

No Brasil, a Sociedade de Geriatria foi fundada em 1961, a partir da iniciativa do Corpo Clínico do Hospital Miguel Couto, integrando-se rapidamente ao cenário mundial, valendo-se da participação em congressos e publicação de trabalhos (FILIZZOLA, 1972: 454).

Em 1903, o médico russo Metchnikoff²⁰ publica o artigo *The Nature of Man* no qual o termo gerontologia aparece para designar o “[...] estudo do potencial prolongamento da vida através de intervenções médicas [...]” (GROISMAN, 1999: 19).

A raiz do saber geriátrico e gerontológico se encontra, segundo Katz²¹, no *Discurso sobre a Senescência*, já presente nos séculos XVIII e XIX. Os autores Bichat, Charcot e Broussais foram os responsáveis pela germinação deste discurso pré-geriátrico, modificando a forma como o corpo que envelhecia era visto pela medicina.

Com base na *teoria dos tecidos*²², Bichat prenuncia uma forma diferenciada de entender o envelhecimento: um processo de pequenas mortes. O corpo, tanto em sua

¹⁹ Nasche era pediatra e cunhou o termo *geriatria* para designar a especialidade que cuida das doenças da velhice.

²⁰ Metchnikoff criou o termo *gerontologia*, para a especialidade que estuda o processo fisiológico do envelhecimento.

²¹ KATZ, Stephen. *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*.

²² Através de estudos anatômicos, Bichat concluiria que a doença e a morte começariam nos tecidos, de forma progressiva.

superfície, quanto em suas estruturas microscópicas, “[...] passaria a ser reconhecido como um corpo morrendo [...]” (GROISMAN, 1999: 17).

A partir da década de 40, a gerontologia extrapola o saber biomédico e se propõe a estudar o envelhecimento de forma interdisciplinar, incorporando aspectos psicológicos e sociais. Este alargamento do saber gerontológico constituiu um importante incentivo para a “[...] descoberta dos ‘velhos’ como uma entidade demográfica, uma população [...]” (GROISMAN, 1999: 19).

No Brasil, em 1965, Mario Filizzola endereçou uma carta ao então Governador do Estado da Guanabara, Francisco Negrão de Lima, na qual solicitava a criação do *Instituto de Gerontologia da Guanabara*. Nesta carta, justificava a importância da criação do Instituto:

[...] de cada quatro pessoas que moram no Rio de Janeiro, uma delas está enquadrada no Problema Médico-Social do Envelhecimento. A Gerontologia é a ciência que estuda esse novo e importante problema do mundo contemporâneo e apresenta as soluções científicas ao mesmo...seu objetivo principal consiste em evitar o envelhecimento precoce do povo [...].

Em outro trecho:

[...] Todos os países desenvolvidos procuram hoje dilatar o período de produtividade do homem e reduzir ao mínimo o número de inativos [...].

Seus apelos foram ouvidos, sendo fundado em 24 de abril de 1966 o Instituto de Gerontologia do Estado da Guanabara (FILIZZOLA, 1972: 388-389).

A criação da Associação Brasileira de Gerontologia só seria concretizada em 1968, após uma campanha encabeçada pelo autor, que culminou no *Primeiro Ciclo de Palestras sobre Gerontologia* realizado no Colégio Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro (FILIZZOLA, 1972: 305).

Neste ciclo de palestras, tal como em todo o seu *Velhice no Brasil*, em tom de preocupação e revolta, o autor chama a atenção para um grupo, esmagadora minoria, que necessitava de assistência, cuidado e do olhar atento do poder público.

As palavras de Filizzola apontavam para a necessidade de afirmação de um novo campo de saber e sua preocupação com os velhos, enquanto partes integrantes de um povo que precisava marchar para o desenvolvimento.

A velhice já era vislumbrada como um problema, de ordem social, populacional ou individual; mas, ao sujeito que envelhecia, cabia apenas a espera por uma velhice mais ou menos assistida, dependendo do seu *status* e classe social.

Em 1987, Rowew e Kohn propuseram-se a demonstrar como o estilo de vida estava diretamente ligado ao modo como o sujeito envelhece, procuraram distinguir os indivíduos que são bem-sucedidos ao envelhecer daqueles que apresentam mais deteriorações do que as “alterações normais”²³ do envelhecimento. Esta forma de encarar a velhice propiciou uma prática intervencionista em idades muito anteriores à determinação cronológica ou o aparecimento de características físicas atribuídas ao velho. Além disso, inseriu a idéia de responsabilização do indivíduo pelo seu envelhecimento.

A vida passaria a ser sujeita a um controle que começaria desde o útero e se estenderia por todas as idades visando a um bom envelhecer. O *envelhecer bem sucedido*²⁴, se incorpora ao vocabulário técnico-científico dos profissionais da área e do público leigo que deseja o bom envelhecer, conseguido através de rigorosa atenção sobre dieta, atividade física, combate ao estresse e diversas intervenções médicas preventivas e de cuidados.

A idéia da velhice como o produto de toda uma vida, torna ainda mais complexa a discussão que, no período pós-guerra se pautava, prioritariamente, na assistência aos desvalidos e no papel do Estado enquanto provedor dos mesmos.

Hoje, ainda que as preocupações relativas à assistência, previdência e asilamento estejam presentes na sociedade, o peso destas questões recai cada vez mais sobre os sujeitos, de forma individual, sobre a família ou sobre organizações civis. A responsabilização dos sujeitos pela sua saúde, beleza, bem-estar e pela velhice, incorpora elementos ao envelhecer antes inexistentes. Envelhecer e, sobretudo, envelhecer bem, é um produto de escolha, a qual deve fazer parte da vida de cada um, desde muito cedo.

Desta forma, embora aqueles hoje classificados como idosos não tenham passado, desde sua infância, por todo o processo de preparação para a velhice, ainda assim, participam de um momento onde o bom envelhecer é associado ao desejo, ao querer e à busca desta proposta de velhice onde cada um é responsável, em maior ou menor escala, pela velhice que tem.

Todas estas modificações engendraram formas diferenciadas de entender o envelhecimento e os sujeitos que se percebem enquanto seres que envelhecem. Esta percepção ocorre no cenário histórico cultural, sendo seus atores ao mesmo tempo afetados e agentes da constante reconstrução do que entendemos por velhice.

²³ Grifos meus.

²⁴ Diz-se do envelhecimento sem intercorrências de doenças incapacitantes, funcional, emocional e socialmente ativo, e economicamente estável.

1.2 A construção da velhice

[...] Perguntei certa vez a um velho negro que idade tinha. O negro ancião sorriu com desconfiança: nunca tivera idade.[...].

Eduardo Frieiro, O Cabo das Tormentas

A universalização da velhice e sua inscrição enquanto categoria naturalizada, não é abordada unicamente por cientistas ligados às áreas biomédicas. Em artigo que compara a posição adotada pelo biólogo Hayflick com a de uma parte da antropologia social, Daniel Groisman (1997: 5-15) destaca alguns trabalhos que procuram relacionar diferentes culturas, ou mesmo diferentes espécies, para a aquisição de características biológicas e padrões de comportamento que universalizem a velhice.

Em relação aos estudos de Sarah Blaffer Hrdy e da construção de uma “velhice natural”, Groisman considera dois problemas centrais ao se adotar este entendimento. E sintetiza: “[...] se inicialmente busca-se a velhice nos animais - o que me parece um antropomorfismo - em um segundo movimento busca-se uma velhice natural nas sociedades humanas. O modelo animal inspiraria o modelo da velhice humana [...]” (GROISMAN, 1997: 9).

Pamela Amoss²⁵ e Stevan Harrel propõem, por meio de pesquisas transculturais, uma base biológica comum, universal, para a velhice. Estes autores apontam, além da programação genética do tempo de vida de cada indivíduo, uma idéia de causalidade, relacionando universais biológicos a universais culturais.

Como universais biológicos, destacam: a programação do tempo máximo de vida, a deterioração física e o fato de a duração da vida exceder ao período de capacidade reprodutiva. Dentre os universais culturais, gerados pelos universais biológicos, o que mais se destaca é o fato de toda sociedade possuir uma categoria social na qual os velhos seriam incluídos.

Pensando na proposta de Amos e Harrel, em que categoria seria incluída uma mulher de uma tradicional aldeia portuguesa, que aos trinta anos, tornando-se viúva, assumisse o papel destinado às mulheres velhas da localidade? Qual seria o fato biológico gerador da assunção de um novo conjunto de comportamentos que faria, a despeito da idade ou da etapa

de vida, um sujeito, a partir de um único fato, deslocar-se de um grupo de pertencimento para outro?

Afora a relação causal entre dados culturais e biológicos, as comparações transculturais já foram utilizadas por antropólogos, sociólogos e historiadores, no sentido de encontrar o que há de peculiar e o que há de comum em diferentes comunidades sobre o velho e o envelhecer.

Segundo Debert, Leo Simmons foi o primeiro autor a buscar, com base em material etnográfico²⁶, os *padrões universais de adaptação ao envelhecimento*. Simmons propôs que interesses e objetivos comuns, observados nas diferentes sociedades analisadas, serviriam de material para embasar a existência de fatores constantes que caracterizariam os indivíduos, relacionados à “última etapa da vida”. Seriam estes:

[...] Viver o máximo possível, terminar a vida de forma digna e sem sofrimento, encontrar ajuda e proteção para a progressiva diminuição das capacidades, continuar participando ativamente dos assuntos e decisões [...] prolongar ao máximo conquistas e prerrogativas sociais como a propriedade, a autoridade e o respeito. [...] (DEBERT, 1998: 54)

Embora reconheça a importância do trabalho de Simmons para o entendimento da especificidade da velhice em nossa sociedade, Debert alerta que o problema dos universais é que, ao buscar o que há de comum entre todos os indivíduos, eliminando as particularidades, pode-se chegar a uma relativização extrema ou à formação de categorias vazias, tão genéricas que poderiam dar conta tanto do envelhecimento, como de um outro fenômeno qualquer.

Além disso, na pesquisa antropológica, a definição das etapas da vida para o levantamento das características mais presentes em cada uma delas, é prejudicada pelo fato de que, muitas vezes, os indivíduos são categorizados segundo a impressão do pesquisador acerca de sua aparência, pela auto definição do sujeito pesquisado ou pela idade cronológica.

Logo, o estabelecimento de categorias sociais, bem como a inserção dos grupos etários na organização social, são temas que precisam ser problematizados à luz da plasticidade das culturas. Para tanto, Debert (1998: 55-60)²⁷ sugere analisar as dinâmicas que se estabelecem a partir dos estágios de maturidade, da organização geracional, da idade cronológica e da interação das mesmas na definição das experiências individuais e coletivas.

²⁵ AMOSS, Pamela T & HARREL, Stevan. *Other ways of growing old*.

²⁶ O material referido foi coletado em 71 sociedades primitivas, e reunido no *Yale Human Relations Files*, em 1945.

²⁷ A autora se baseia nas considerações de Meyer Fortes. DEBERT, Guita. *A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade*.

A autora reafirma a velhice como uma categoria desnaturalizada, investida de sentidos e significados variáveis. Contudo, afirmar “[...] que as categorias de idade são construções culturais e que mudam historicamente não significa dizer que elas não tenham efetividade [...]” (DEBERT, 1998: 53). Tanto assim que, em nossa sociedade, elas interferem em mecanismos de distribuição do poder, nas relações intergeracionais e no estabelecimento de direitos e deveres.

Enfim, a estrutura por recortes etários implica em uma determinada visão de mundo e organização social, ancorados em pressupostos que norteiam o aparecimento, a extinção, o fracionamento ou amalgamento das categorias sociais. Como afirma Birman:

[...] A ideologia cientificista do evolucionismo foi à caução científica que fundou o ciclo biológico da existência humana em faixas etárias bem delineadas. O conceito de velhice se constituiu apenas nesta conjuntura histórica e teórica como sendo um momento de decadência da existência humana [...]. (BIRMAN, 1994: 3)

Foi a partir deste contexto histórico que o conceito de degeneração passou a fazer parte da representação do sujeito em relação à vida. Vista sob os olhares biológico e médico, calcada nas idéias evolucionistas, “[...] a existência humana passou a ser representada pelo cânone do desenvolvimento vital [...] a degeneração seria uma forma anormal do desenvolvimento biológico do organismo [...]” (BIRMAN, 1994: 3).

A inserção do corpo envelhecido na lógica evolucionista possibilita a associação entre o mesmo e a idéia de decadência física, psicológica e social. Visto que a vida passa a ser organizada em etapas sucessivas, possuindo um ápice, no qual todas as capacidades estariam em plena maturidade e funcionamento, a velhice representa a curva descendente deste potencial máximo.

Mais do que uma descrição anátomo-fisiológica, a inscrição da velhice como momento de perdas, não somente ao nível individual, mas extensivas a todo um grupo, a partir de determinada idade, alia-se a valores e sentidos que qualificam (ou melhor, desqualificam) o velho enquanto membro de um grupo homogêneo. Este investimento simbólico, que certamente ganhou contornos mais definidos a partir do século XIX, entretanto, encontra eco em momentos muito remotos da história humana. Como cita Featherstone *apud* Lowenthal: “[...] A preferência pela juventude e a antipatia à velhice são sentimentos imemoráveis e quase universais [...]” (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 2000: 111).

Todavia, as concepções de juventude e velhice e suas representações transformam-se ao longo de nossa trajetória, e, segundo Birman, “[...] não são concepções absolutas, mas interpretações sobre o percurso da existência [...]”; desta forma, modificam-se

historicamente, inserido-se nas dinâmicas cultural e dos valores. Para o autor, “[...] não existe qualquer substancialidade absoluta no ser da velhice e da juventude [...]” (BIRMAN, 1994: 2).

Considerando a importância do contexto cultural para o delineamento do envelhecer, e as implicações que o mesmo estabelece na experiência subjetiva, apresento a análise de diferentes exemplos, em sociedades e tempos distintos, destacando os sentidos e significados atribuídos ao fenômeno da velhice, bem como sua inserção na dinâmica cultural.

□ A VELHICE, AQUI E LÁ

Em sua pesquisa sobre o idoso e a dinâmica etária em sociedades banto-falantes²⁸, Theophilos Rifiotis discute a representação do velho em comunidades onde a tradição oral é o eixo da transmissão do conhecimento e dos valores culturais. Contrariamente ao que se poderia esperar, não foram encontradas nestas comunidades relações estáveis de acomodação, sem conflitos intergeracionais. Apesar da oralidade ser a forma de transmissão do saber, e dos anciãos possuírem um papel fundamental nesta transmissão, a relação de poder que se estabelece entre jovens e velhos se dá de forma dinâmica. Os conflitos entre estes dois grupos aparece em contos, lendas e, de modo geral, nas narrativas coletadas pelo pesquisador.

Nas narrativas dos diferentes grupos ouvidos, há um tronco comum no qual, a partir do embate entre os grupo dos jovens e o dos velhos, surge um complô por parte do primeiro grupo, seguido de um gerontocídio. Os jovens criticam o governo dos velhos e resolvem instaurar uma chefia própria. Assim é caracterizada a separação dos dois grupos, manifesta no assassinato dos anciãos. Neste primeiro movimento (RIFIOTIS, 1998: 90)²⁹, a ruptura permite aos jovens a instauração de novas regras e o estabelecimento de um novo contrato.

A morte dos velhos significaria a instalação de novos valores o que equivale a renovar, a fundar novamente a sociedade ou a aldeia, ou, num plano mais amplo, a reviver uma experiência de fundação da própria sociedade (RIFIOTIS, 1998: 91).

Após a morte dos velhos, surge a necessidade de solucionar um problema, que varia de acordo com o grupo étnico, o qual dependeria de um conhecimento específico que só os velhos deteriam. Então, um jovem que havia escondido um dos velhos da comunidade livrando-o da morte, vai ao encontro deste velho³⁰ e pede-lhe auxílio para a resolução do

²⁸ As narrativas coletadas para o trabalho foram feitas entre os seguintes grupos étnicos: Makonde (Moçambique), Mbala (Zaire), Tumbuka-Ksmsnga (Malavi), Tshokwe (Angola) e Luba (Zaire).

²⁹ O autor destaca os pontos de culminância ou de representatividade das narrativas, denominando-os ‘movimentos da narrativa’.

³⁰ Há variações em relação ao grau de parentesco do ancião com o jovem que o salva.

problema. Desta forma, o ancião é reconhecido como aquele que transfere o conhecimento para os jovens. É através dessa transferência que eles se qualificam para governar as aldeias (RIFIOTIS, 1998: 95).

As metáforas correlacionadas aos mitos presentes nestas narrativas servem, ao mesmo tempo, de ilustração e reafirmação dos papéis desempenhados na comunidade, e das tensões intergeracionais que se manifestam. Também, propiciam um reforço à relação dos velhos com sua futura posição de ancestrais.

No contexto simbólico destas comunidades, é impossível compreender ancianidade e ancestralidade de forma isolada. Os jovens ocuparão o lugar dos velhos e estes ocuparão a posição de ancestrais, para tanto, é preciso ceder o lugar ocupado até então, acolhendo um novo papel.

A presença da morte como possibilidade de transformação para um outro estado social, onde o sujeito que morre encontra-se ainda presente no mundo dos vivos por meio do culto aos ancestrais, estabelece um papel social a ser desempenhado mesmo após a morte biológica. Desta forma, não há uma ruptura tão radical entre os dois mundos, e a velhice não é encarada como um ponto final. Sendo assim, a ancestralidade é o devenir do velho.

A menção ao trabalho de Rifiotis remete à reflexão acerca da contextualização de algumas idéias que pesam sobre o imaginário da velhice. Segundo Anita Liberalesso, a maioria dos autores que aborda a questão do envelhecimento com base em análises de sociedades isoladas ou análises interculturais (NERI, 1991: 37), afirma ser a velhice e o velho valorizados por seus conhecimentos, nas sociedades ditas primitivas, no meio rural e nos períodos históricos que antecederam a modernidade.

A autora alerta que este posicionamento não deve ser tomado de forma acrítica, pois o *status* do idoso pode se apresentar de forma ambivalente, mesmo nas sociedades supracitadas.

A visão de que nas sociedades pré-industriais e nas sociedades primitivas os velhos gozavam de maior prestígio e acolhimento, devido ao seu papel nas famílias patriarcais, está presente na maior parte da produção antropológica da década de 60. Entretanto, esta visão romantizada passou a ser discutida a partir dos anos 70, quando uma revisão da idéia homogeneizadora acerca da velhice, nestas sociedades, ganhou força no meio acadêmico.

Ainda que valores como sabedoria, paciência e experiência exercessem maior influência na organização social, sobretudo nas famílias patriarcais tradicionais, estes valores não eram desvinculados de uma relação social onde gênero, raça e posição sócio-econômica tinham fundamental importância.

Ser velho, mas não senil, trazia o *status* de chefe de um clã, o controle familiar sobre os aspectos financeiro, moral, religioso e das relações entre famílias, como amizades e matrimônios. Como aponta Gilberto Freyre (1964: 84, 86, 90), ao discorrer sobre as características educacionais da família brasileira de meados do século XIX,

[...] a disciplina doméstica tinha como base o temor de Deus. Mas se este falhava, entrava vigorosamente em ação o chicote. A severidade era, freqüentemente, exagerada [...] Um filho solteiro de mais de vinte anos não ousava fumar na presença do pai [...] as mulheres amadureciam cedo. Os anos de infância [...] eram curtos. Aos quatorze ou quinze anos, a menina vestia-se já como uma grave senhora [...]. O menino, também, crescia como se fosse desde os oito anos adulto ou homenzinho [...]. A prematuridade de Dom Pedro II pode ser tomada como exemplo. Fez-se imperador aos quinze anos e logo tornou-se pensativo e grave. Aos vinte e tantos era já um velho com as barbas e o aspecto de um avô. A juventude fugira dele a galope [...].

Entretanto, ao analisar o folclore e a mitologia de diferentes países, Ashliman (1997-202) afirma que a contradição entre a afirmação de valores positivos, como sabedoria e paciência, e de valores negativos, como rabugice e senilidade, estão presentes em inúmeros contos, provérbios e mitos. Esta ambigüidade reflete a fragilidade das relações entre as gerações, que tem sido vista ao longo de toda a história da Humanidade.

Segundo Hanns Bächthold-Stäubli, a aparente contradição cultural advém de uma dupla definição da palavra “velho”. Se por um lado, hierarquicamente, o velho gozava em muitas sociedades de um posição privilegiada, em algumas destas, esta posição era frágil na medida em que, caso a contribuição familiar e social não fosse mais possível por parte do velho, ele seria banido, abandonado ou morto. A palavra velho, então, adquire o sentido de sujeito respeitável ou senil, cabendo a cada um destes um determinado papel.

No segundo caso, a idéia de renovação configura-se a partir do momento em que o velho deixa de ser membro participativo da comunidade e assume o *status* de ancestral, ou é eliminado em favor da manutenção do grupo, em períodos de guerra, fome ou migração forçada.

A perda do *status* está relacionada à reconfiguração de papéis sociais e à própria alteração do quadro de valores norteadores de tais papéis. De forma dinâmica, os atores deste processo são, ao mesmo tempo, influenciados e influenciadores do contexto, ainda que para a maior parte dos sujeitos à assunção das fachadas pré-existentes, determine um *continuum* de representações socialmente fixadas *a priori*.

Para a maior parte das culturas pré-industriais, o último capítulo da vida era associado à resignação diante do inevitável: perda de poder, impotência sexual, queda da saúde e

vitalidade e perda do *status* familiar e social. Certos eufemismos como “anos de ouro”, “cidadão *senior*”, “melhor idade”, “terceira idade”³¹ não existiam.

A modernidade, a ocidentalização e o contato com culturas complexas deixam de ser encarados como vilões da velhice, e são problematizados por autores que os inserem como elementos constituintes da experiência do envelhecer, com ganhos e perdas individuais e coletivas para a dinâmica social de inserção do idoso (DEBERT, 1999: 42-47).

As mudanças decorrentes destes processos continuam a surgir nos trabalhos que abordam a temática da família e dos papéis que cada um de seus membros desempenha no cuidado, sustento e assistência ao idoso. Entretanto, o olhar sobre as relações de poder, marginalização e vitimização decorrentes da convivência familiar, é menos ingênuo.

Em trabalho realizado no Rio Grande do Sul, em uma comunidade rural, Heck e Langdon (1998) destacam a importância da figura feminina, como cuidadora, e da figura masculina, como provedora, na organização familiar e social (HECK, 2002: 143). A divisão bastante clara e pouco cambiante das tarefas sociais assegura que os idosos encontrem em algum membro da comunidade, familiar ou não, alguém que será responsável pela realização das tarefas domésticas, bem como pelo trabalho na roça. Esta característica de auxílio é extensiva aos que necessitem de ajuda, como é o caso das parturientes e dos doentes.

As pesquisadoras relatam diferenças de gênero, também em relação à participação social e política dos idosos. As mulheres atuam em diferentes espaços coletivos, de lazer, de discussão política e troca de vivências pessoais, enquanto os homens preferem o isolamento das tarefas em suas próprias casas³².

Ainda em relação à dinâmica familiar, Debert alerta que o fato de os idosos serem absorvidos pelos parentes e conviverem no mesmo espaço, não garante ausência de conflito intergeracional, nem tão pouco, a presença de respeito e prestígio. Ademais, a tendência de os idosos morarem sós, como indicam trabalhos realizados nos Estados Unidos e na Europa Ocidental não reflete, necessariamente, uma situação de abandono por parte de seus familiares (DEBERT, 1999: 51-52).

Portanto, a percepção do papel do velho nas dinâmicas familiar e social é matizada por aspectos que o contextualiza e propõe uma abordagem não homogênea desta categoria.

³¹ O termo terceira idade (do original *troisième age*) foi criado no século XX, na França e, posteriormente, incorporada em outras partes do mundo, inclusive no Brasil, para designar pessoas que chegaram à velhice com poder aquisitivo e, conseqüentemente, de consumo, formando assim uma ‘classe’ de velhos com características peculiares e com maior visibilidade social.

³² Talvez o fato de as pesquisadoras serem do sexo feminino tenha dificultado a inserção em alguns espaços de convivência masculina, citados pelas autoras, dificultando uma análise mais detalhada deste universo.

Na contemporaneidade, alguns desafios e modificações suscitam o enfrentamento pela sociedade, e mais particularmente pelos sujeitos classificados como velhos, de fatos que estão imprimindo, sem dúvida, novas características ao que é ser considerado como tal. A maior expectativa de vida, as cirurgias de transplante e estética, a reestruturação do sistema de previdência, a tecnologia dos medicamentos, as novas configurações familiares, as oscilações do poder aquisitivo e, em breve, as clonagens e outras descobertas no campo genético, vêm alterando um cenário no qual os sujeitos não são meros expectadores, mas atores, agentes das mudanças sociais.

Esta perspectiva aponta para um papel menos passivo para o idoso; ao mesmo tempo, indica a importância da discussão de questões que afligem pessoas alijadas da possibilidade da conquista da velhice saudável, da velhice bem sucedida, participativa e autônoma. Logo, é preciso um certo cuidado para não cairmos no pólo oposto, passando de uma velhice frágil, dependente e alienada, para a visão de que todos podem e querem desfrutar das benesses da velhice jovem.

□ A MÁSCARA DA VELHICE

“[...] Todo homem está, de forma mais ou menos consciente, representando um papel [...]” (PARK *apud* GOFFMAN, 1985: 27). Neste sentido, a máscara e a face real se confundem e expressam o que cada um é em relação ao outro e a si mesmo. Em uma sociedade tão complexa como a nossa, as diversas *personas* de que dispomos no universo de nossas *interações*, coadunam-se com a multiplicidade de crenças, valores e necessidades com os quais somos confrontados.

Em diferentes momentos da vida, de acordo com o grupo social, sexo e idade, apresentamo-nos diante dos outros, e de nós mesmos, com um aparato expressivo montado para que consigamos deixar ver as características, valores, habilidades, defeitos e virtudes que mais se adequam à situação que vivenciamos.

A idéia das relações humanas como interação entre atores, que desempenham seus papéis em cenários, segundo a conveniência circunstancial, aponta uma enorme plasticidade na compreensão da construção e apresentação das identidades. Neste sentido, no universo das representações, somos muitos e, em cada papel, o somos em relação com o outro.

Entretanto, Goffman (1985) aponta que, em decorrência da organização social, as inúmeras *fachadas sociais* podem apresentar-se apenas como desdobramentos de algumas outras (poucas). Desta forma, um conjunto de expectativas estereotipadas tende a compor as características e/ou as expressões que um ator ou grupo deve apresentar ao público.

Em uma sociedade etariamente constituída, os períodos da vida são elementos demarcadores, relacionando-se a uma determinada fachada social. A aparência e o comportamento previstos para determinada faixa etária pode alterar-se de acordo com a época e a cultura, mas, elementos comuns indicam as características pertinentes àqueles atores que se identificam, ou são identificados, como pertencentes a determinado grupo.

Desta forma, ser velho no Brasil, no século XXI, implica em algumas fachadas sociais das quais os sujeitos poderão dispor a fim de cumprirem seus papéis sociais.

As expectativas sociais acerca do desempenho de determinadas dramatizações reforçam características e comportamentos considerados apropriados a cada faixa etária. Tais expectativas são norteadas por valores que darão importância a esta ou aquela característica, em um dado contexto.

Os valores sociais norteadores, bem como a multiplicidade de papéis que se estabelecem frente aos mesmos, produzem a dinâmica de socialização a qual, segundo Strauss (1999), permanece em transformação mesmo na vida adulta.

O autor aposta em uma visão não estática das identidades, na qual “[...] as relações relevantes entre biografias e processos sociais [...]” são estabelecidas a partir da dinâmica entre diferentes papéis sociais articulados. Além disso, as articulações dos papéis, extrapolam as identidades individuais, pois, não há como afastá-las das identidades coletivas. O processo de construção das identidades individuais e coletivas é, portanto, um processo permanente e recíproco. Da mesma forma, os valores não são elementos isolados, pois não prescindem de uma situação interacional.

Para a aplicação dos valores, faz-se necessário o estabelecimento de uma relação, de uma comunicação entre os sujeitos, do seu emprego e reformulação, bem como de um compartilhar de sentidos que informam e suscitam, por meio da ambigüidade, o nascimento de novos valores (STRAUSS, 1999: 44).

A idéia de identidades em constante mobilidade não inviabiliza a importância da análise da inserção destas identidades em quadros temporariamente fixos de associação, pois, a adoção de um determinado *status* e o pertencimento a grupos de referência³³ são ações mobilizadoras de mudanças identitárias, que ocorrem ao longo de toda a vida.

Dentre as passagens de *status* abordadas por Strauss (1999: 136-137), desperta particular interesse a abordagem geracional:

³³ Denomino ‘grupos de referência’ aqueles constituídos pelo que Strauss aponta como *os outros importantes*.

[...] O baralho sociológico tem um curinga que deve ser reconhecido como tal: as diferenças e as semelhanças de idade não são fixadas objetivamente - a menos que definamos gerações simplesmente como toda pessoa que nasce na mesma década. Definições de quem é aproximadamente da mesma idade, de quem é muito mais velho ou um pouco mais velho, de quem é quase tão velho ou um pouco mais novo, são todas categorias sociais, portanto passíveis de mudança. Com quem nos identificamos em idade não é uma definição estática, nem destituída de relação com as estruturas sociais das quais somos membros [...]. (STRAUS,1999:141)

A organização dos sujeitos em grupos pode ser influenciada por considerações geográficas e biológicas as quais podem contribuir para a formação de conceitos³⁴; entretanto, é no universo simbólico que se dá a maior parte das interações para a formação de grupos. Nesta perspectiva simbólica a comunicação é um ponto chave para a relação entre os mundos individuais e coletivos.

As atuais sociedades de massa [...] são feitas de uma variedade alarmante de mundos sociais. Cada um deles é uma perspectiva organizada, constituída pelas pessoas em sua interação uma com a outra [...] uma vez que existe uma diversidade de canais de comunicação [...] os mundos diferem na extensão e na clareza de suas fronteiras, cada um é confinado por algum tipo de horizonte [...] o mais importante de tudo, os mundos sociais não são entidades estáticas; continuamente estão sendo reconstituídas perspectivas comuns a seus participantes [...]. (STRAUSS, 1999:161 *apud* Tomatsu Shibutani)

Dentre as inúmeras formas possíveis de comunicação efetivadas por indivíduos ou grupos aquela que, por ora, suscita interesse é a produzida pela mídia. A riqueza de imagens visuais e verbais expressas nos meios de comunicação de massa e, particularmente, nas revistas, conduz a investigação sobre alguns sentidos, valores e representações veiculados. Tal canal de comunicação possui um papel fundamental nas sociedades ocidentais contemporâneas³⁵, e sua abrangência de potencial comunicador têm despertado a curiosidade de muitos estudiosos.

³⁴ O autor utiliza a palavra conceito como similar à utilização de critério por Simmel, ambos significando características balizadoras que fornecem certa confluência para a formação de um grupo, como por exemplo: sexo, idade, classe social e localização geográfica.

2 O CAMINHO METODOLÓGICO

2.1 A mídia em foco

Os meios de comunicação são importantes formas de circulação de idéias e imagens e exercem, na sociedade contemporânea, uma função fundamental na construção e afluência de informações, comunicando conteúdos simbólicos. Seu papel vai além da transmissão de acontecimentos e informações, sendo veículos transformadores e produtores de sentidos.³⁶

A *sociedade informacional*³⁷ (CASTELLS, 2000) tem nas “[...] tecnologias de geração de conhecimento, de processamento da informação e de comunicação de símbolos [...]” a fonte do desenvolvimento das relações, tanto econômicas como sociais.

[...] As tecnologias da informação tornam-se ferramentas indispensáveis na geração de riqueza, no exercício do poder e na criação de códigos culturais. Particular importância adquire, no entanto, ao potencializar as redes - na verdade, muito velhas formas de organização social - para se tornarem o modo prevaiente de organização das atividades humanas transformando, a partir de sua lógica, todos os domínios da vida social e econômica [...]. (OSVALDO LÓPEZ RUIZ, <http://www.comciencia.br>)

A ampliação das possibilidades de difusão de mensagens através da televisão, Internet e mídia escrita insere-se, neste contexto, como importante instrumento de reelaboração de identidades, pois, os repertórios utilizados pelos sujeitos a fim de dar sentido às suas experiências constituem-se a partir das idéias e conceitos provenientes de diversos domínios³⁸, dentre os quais os meios de comunicação (SPINK, 2000: 45).

³⁵ Em Featherstone e Hepworth (2000).

³⁶ Spink define sentido como “[...] uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com situações e fenômenos à sua volta [...]” (CASTELLS, 2000: 41).

³⁷ Castells ressalta a importância da informação em nossa sociedade, sobretudo pelo papel que esta desempenha na formação das novas ocupações, atividades econômicas e setor de serviços. Além da ampliação do papel do tratamento das informações na tomada de decisões. A esta nova configuração social intitula *sociedade informacional*.

³⁸ Ciência, religião, família, grupos de inserção, arte, meios de comunicação, dentre outros.

Tais domínios constitutivos do que, em última instância, denominamos cultura, contribuem com seu sistema de códigos de significados, que são utilizados pelos indivíduos para organizar, regular e interpretar as próprias condutas e também a de outros (HALL, 2003).

A construção das identidades nas sociedades contemporâneas tem sofrido

modificações e influências de múltiplos sistemas de significação e representação cultural

(HALL, 2003: 13). A identidade é forjada, portanto, em face de um mundo social cambiante, fragmentado e plural, e o produto desta nova realidade é a existência de um sujeito que assume não uma, mas diversas identidades, as quais interagem de forma dinâmica e em constante reelaboração com os sistemas culturais em voga. “[...] No pensamento pós-moderno, o *self* é necessariamente incompleto, inacabado; o que vigora é o sujeito em processo [...]” (SARUP, 1996).

Para Hall (2003: 108), a identidade não assinala um *núcleo estável* que emerge de um sujeito individual ou coletivo; ao contrário, é produto de uma relação dialógica e de tensão entre discursos, devendo ser entendida em um dado contexto histórico-social, e em uma determinada linguagem e dinâmica de poder.

Para Castells (2002: 56, 58), a identidade é o princípio organizacional das sociedades informacionais, e é definida como

[...] o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado, principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla e outras estruturas sociais [...].

A construção dos significados que informam as múltiplas e cambiantes identidades faz-se em um mosaico cultural no qual a comunicação exerce uma forte presença. A comunicação baseia-se na transmissão de signos, intencionais ou não, entre os atores em interação (GOFFMAN, 1985: 12).

Dentre as inúmeras formas de comunicação estabelecidas em nossa sociedade, aquelas operadas pela mídia promovem particular interesse. Os estudos envolvendo o papel e a influência dos meios de comunicação sobre a vida privada e a coletividade das sociedades contemporâneas, apontam diferentes proposições sobre a forma como esta relação se institui.

A mídia pode ser vista como um veículo reprodutor de valores e comportamentos, apenas uma transmissora de conteúdos circulantes. Mas também é apontada como uma difusora da ideologia e dos interesses das classes dominantes sobre o público, um instrumento de manipulação e padronização cultural.

No primeiro caso, o papel dos sujeitos que atuam nos meios de comunicação - homens de imprensa, editores e jornalistas - é completamente desconsiderado. No segundo caso, o público recebe passivamente a influência da mídia, como um papel em branco, sensível às investidas homogeneizadoras dos meios de comunicação de massa.

Antônia Rees (1989) aponta que, durante muitos anos, esteve presente na discussão sobre o assunto, a dúvida entre uma abordagem que confere aos meios de comunicação o

poder de exercer total influência no comportamento dos sujeitos, e uma outra, que aposta na livre escolha e autonomia da audiência³⁹.

Uma proposta distinta das que foram até aqui apresentadas é aquela adotada por Pires (1998), que se funda na complexidade da relação entre a mídia e a audiência, ambas exercendo influência na realidade social, palco das ações destes atores. Os meios de comunicação, neste sentido, representam valores sociais, mas também são agentes da ressignificação destes. Da mesma forma, a audiência detém certa liberdade de interpretação, mas também é tocada pela intenção do autor empírico⁴⁰ (UMBERTO ECO).

Para Castells (2002: 415), “[...] a comunicação molda a cultura [...]”, pois vemos a realidade através de nossa linguagem, e “[...] nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura [...]”.

O autor situa os grandes meios de comunicação de massa como um dos mais importantes sistemas de comunicação da atualidade. Neste contexto, a televisão assumiu um papel central, com a sua difusão no período posterior à Segunda Guerra Mundial. A partir de então, os demais meios de comunicação foram reestruturados em um conjunto “[...] cujo coração compunha-se de válvulas eletrônicas e cujo rosto atraente era uma tela [...]”.

No cenário nacional, já em 1982, a principal rede de televisão tinha capacidade de atingir cerca de 99% do território. Sua importância foi confirmada pela crescente ampliação dos investimentos publicitários destinados a este veículo que, a partir de 1970 manteve uma média de 50 a 60% do total de captação de verbas. Também em 1970, a televisão consolidou sua hegemonia frente aos demais meios de comunicação (WELTMAN, 2003: 136-138).

Todavia, o período conturbado vivido pela imprensa após a promulgação do Ato Institucional nº 5 (13/12/1968) provocou a reorganização do setor. Os veículos “sobreviventes”⁴¹, através de “[...] uma ampla pluralidade editorial [...]”, ganharam a possibilidade de atingir um público cada vez mais diversificado. As revistas também sofreram os abalos da ditadura, e adaptaram-se à conformação social vigente. Neste período, foi observada a decadência dos grandes títulos ilustrados, como *O Cruzeiro*, e a ascensão das nascentes revistas informativas.

³⁹ Segundo esta visão, a audiência escolhe e interpreta as mensagens de diferentes formas não sendo submissa ao senso estrito do que se desejaria transmitir.

⁴⁰ Produtores, autores, editores ou qualquer agente envolvido na criação de um produto midiático.

⁴¹ O autor refere-se aos jornais.

Dentre as publicações informativas surgidas nesta época, a revista *Veja* é considerada um marco no campo editorial, sendo indicada como a primeira a apresentar o novo modelo que seria assumido, posteriormente, por outras congêneres (*Isto É* e *Exame*).

2.2 A Revista *Veja*

A revista *Veja* foi criada em setembro de 1968, seguindo o modelo do semanário americano *Time*. A primeira edição teve tiragem de 700 mil exemplares, alcançando todos os estados brasileiros.

Pertencente ao Grupo Abril fundado por Victor Civita, a *Veja* é, atualmente, a maior revista em circulação no Brasil, estando entre as quatro maiores revistas semanais do mundo. Sua abrangência é de 10 milhões de leitores e 900.547 assinantes. Além disso, detém 2,5% do volume total da receita de publicidade no Brasil.

O perfil dos leitores de *Veja* caracteriza-se por um número aproximadamente equivalente de homens e mulheres com idades entre 18 e 49 anos, sendo a maior parte pertencente à classe B⁴².

TABELA I – PERFIL DO LEITOR DA REVISTA VEJA

Idade	Sexo	Classe Social
66% têm entre 18 e 49 anos	Homens: 48%	Classe A: 27%
	Mulheres: 52%	Classe B: 41%
		Classe C: 23%

Fonte: XLVI Estudos Marplan – 2004 – 1º semestre 2004 – 9 mercados.

⁴² Ver tabela I

Ao longo de sua história, a revista *Veja* sofreu modificações tanto no plano gráfico e editorial, como em relação ao tipo de jornalismo a que se propôs. Na década de 60, a revista assumia a tarefa de “[...] informar de forma rápida e objetiva [...]”⁴³ aos seus leitores sobre “[...] o que estava acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro [...]”. Além disso, ficou marcada por suas coberturas políticas e, assim como a revista *Realidade*, uma outra publicação do Grupo Abril, abordava assuntos polêmicos ligados à política e ao comportamento.

Na década de 70, sofreu com a censura mas, através de algumas estratégias⁴⁴, conseguiu burlá-la e firmar-se como uma revista de resistência. Na mesma época, a revista *Veja* tornou-se o mais importante semanário nacional, mantendo como carro-chefe o noticiário político (DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO, 2001: 5001-6005).

□ CARACTERÍSTICAS EDITORIAIS

A partir de 1972, a abertura das edições era feita por entrevistas, tradicionalmente impressas em amarelo, seguidas por: sessões de humor, destaques da semana, cartas, editorial (carta ao leitor) e uma matéria maior, em geral de cunho político. Nas demais páginas, temas culturais como: cinema, artes dança e, encerrando a edição, uma página de opinião assinada.

Na década de 80, a *Veja* passaria a ser “[...] o principal veículo de divulgação escrita de produtos junto ao público leitor/consumidor de classe média e alta [...]” (ANUÁRIO BRASILEIRO DE MÍDIA, 1990-1991). A sua utilização, para fins publicitários dos espaços específicos concedido à propaganda, e daqueles ligados às sessões culturais, totalizariam uma ocupação de 2/3 da revista com publicidade, em 1980.

Na virada da década de 80 foram criadas as edições locais⁴⁵, ampliando o papel de *marketing* cultural e lazer, através de mais espaço para temas ligados a entretenimento, colonismo social, anúncios e classificados. Atualmente, a revista publica, além dos suplementos regionais, edições especiais sobre crianças, jovens, mulheres, homens, tecnologia, ecologia e saúde, e ainda, a *Veja* na Sala de Aula.

⁴³ Adaptação de um trecho da carta de Vitor Civita ao apresentar a revista como “um veículo de integração nacional”.

⁴⁴ A revista utilizava matérias sobre anjos, demônios, diabos e demologia no espaço aberto pelos cortes feitos pela censura.

⁴⁵ *Veja* Rio e *Veja* São Paulo.

2.3 A escolha do material de análise

A revista *Veja* foi definida como material de análise sobretudo pela sua abrangência, por se tratar de um material impresso lido por homens e mulheres de diferentes classes sociais, principalmente as camadas médias, e por ser um veículo respeitado no cenário editorial como formador de opinião, resistindo a várias décadas de transformações sociais, culturais e políticas.

O material coletado compreendeu parte das publicações, desde a primeira edição em 1968, e foi selecionado em duas fases distintas. Em momento anterior à coleta propriamente dita, foi realizada uma observação prévia nos índices da revista, por assunto, disponíveis na Biblioteca Nacional. Além disso, durante todo o processo foi utilizado o serviço *on line*, com a finalidade de conferir dados e ampliar as informações sobre a revista.

▪ PRIMEIRO CONTATO

O primeiro contato com o material de análise foi efetuado através dos índices da revista *Veja*, por assunto, de 1973 a 1995, que se encontram disponíveis na Biblioteca Nacional. Este levantamento foi importante para um mapeamento inicial da ocorrência de temas na revista, através do tempo.

Foram observadas, além do tema, as palavras utilizadas para designá-lo, bem como aquelas associadas ao mesmo. As palavras ‘velho’ e ‘velhice’ são encontradas nos índices indistintamente, para enunciar matérias que abordem o tema até 1987. Em 1988 não houve nenhuma ocorrência, e em 1989, observa-se a primeira aparição da palavra ‘idoso’. Em 1992, o termo velho seria inteiramente substituído pelas palavras ‘idoso’, ‘envelhecimento’ ou ‘longevidade’⁴⁶.

No Quadro 1, a seguir, estão listados os anos em que o tema aparece, as palavras a ele associadas e algumas observações julgadas relevantes. A seleção das palavras associadas foi feita por proximidade, no texto; e destas, com uma palavra central, diretamente relacionada ao tema: velho, velhice, envelhecimento, idoso. Em alguns casos, foi utilizada uma palavra-chave que sintetizasse a idéia geral do texto.

⁴⁶ No presente trabalho, os termos *velho* e *idoso* foram usados indistintamente, salvo quando a conotação dada pela revista mereceu um destaque particular.

QUADRO 1- ENVELHECIMENTO E PALAVRAS ASSOCIADAS

Ano	Palavras Associadas	Observações Interessantes
1973	Lazer, medicamentos, Previdência Social, turismo	
1975	Geriatria	Criado o primeiro hospital brasileiro para pesquisa e tratamento de pessoas velhas
1976	Crianças, turismo, mulher	
1977	INPS, marginalização, geriatria	
1979	Gerontologia	
1981	Gerontologia	
1983	Geriatria	Artigo sobre o “surgimento da geração de idosos”
1985	Doença de Alzheimer	
1986	Geriatria	
1987	População	
1989	Trabalho	Primeira aparição da palavra ‘idoso’
1990	Aposentado, fonte da juventude	
1991	Vida longa, longevidade, tecnologia	
1992	Vida longa, previdência	
1993	Longevidade, rejuvenescimento, sexualidade	
1994	Doença de Alzheimer, memória, mulher	
1995	Nova droga, velhice saudável, suicídio	

Como consequência deste breve levantamento, surgiu a necessidade de verificar, se algumas modificações e peculiaridades observadas nos índices estariam presentes nas revistas. Devido ao fato deste material não ser de fácil acesso na Biblioteca Nacional, iniciei o levantamento na Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

▪ **ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA**

Na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), as revistas estão encadernadas em blocos (bimensais) e dispostas em prateleiras, o que facilita o manuseio. Todos os exemplares, desde a primeira edição, estão disponíveis, exceto algumas publicações de 2003 que, no início de 2004, ainda estavam incompletas.⁴⁷

- **A PRIMEIRA FASE**

O levantamento foi efetuado de fevereiro a maio de 2004, período em que as revistas foram catalogadas.

Foram selecionadas revistas de 13 dos 37 anos de publicação. Sendo a *Veja* uma revista semanal e, portanto, com cerca de 52 exemplares por ano, a coleta da totalidade de revistas, desde 1968, seria incompatível com o cronograma de trabalho estabelecido para este projeto. Desta feita, foram observados, a partir do ano inaugural, num intervalo de três anos, pares de anos subsequentes, como mostra o Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - *Revistas coletadas na primeira fase*

Ano	Total de Revistas
1968	16
1972	52
1973	52
1978	52
1979	48
1984	52
1985	52
1990	51
1991	52
1996	51
1997	51
2002	50
2003	51
Total	630

Esta fase foi crucial porque permitiu uma visão geral do aparecimento do tema ao longo dos anos de publicação; entretanto, os intervalos entre os números analisados deixavam de fora grupos de revistas de anos inteiros, possibilitando escapar quaisquer mudanças fundamentais eventualmente ocorridas neste período. Por este motivo, outras revistas foram incluídas na amostra, seguindo novo critério estabelecido visando obter maior cobertura do assunto.

⁴⁷ Os números da revista *Veja*, de 2003, indisponíveis na ABI, foram verificados na Biblioteca da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

▪ **A SEGUNDA FASE**

A segunda fase de coleta de material foi realizada de novembro de 2004 a janeiro de 2005, também na ABI. Foram selecionadas revistas de todos os anos de publicação da Veja, seguindo uma padronização, sem estabelecer critérios ou categorias prévios. A segunda fase de coleta foi realizada em dois grupos de abordagens distintas:

Grupo A - Neste grupo, as revistas dos anos em questão eram verificadas, havendo cobertura de todos os meses. A amostra foi feita mediante utilização de uma a cada quatro revistas, incluídas as publicações dos seguintes anos:

**QUADRO 3 –RESUMO DA AMOSTRA DOS
EXEMPLARES ANALISADOS DA REVISTA VEJA
(GRUPO A)**

Ano	Total de Revistas	Revistas Analisadas
1974	52	12
1975	48	13
1976	52	13
1977	51	13
1978	52	52
1979	48	48
1980	53	13
1981	52	15
1982	52	13
1989	51	14
1990	51	51
1991	52	52
1992	53	13
1993	51	14
1994	53	14
1995	52	16
1996	51	51
1997	51	51

Grupo B - No Grupo B as revistas dos anos em questão eram verificadas, havendo a cobertura de todos os meses. A amostra foi feita em semanas saltadas, e dela participaram os seguintes anos:

QUADRO 4 –RESUMO DA AMOSTRA DOS EXEMPLARES ANALISADOS DA REVISTA VEJA (GRUPO B)

Ano	Total de Revistas	Revistas Analisadas
1968	16	16
1969	53	27
1970	52	26
1971	52	26
1972	52	52
1973	52	52
1983	52	26
1984	52	52
1985	52	52
1986	53	26
1987	50	25
1988	52	26
1998	51	29
1999	51	28
2000	52	28
2001	51	15
2002	50	50
2003	51	51

Observações:

- Alguns anos da segunda fase de coleta já haviam sido identificados na fase anterior. Como na primeira fase o número de exemplares/ano verificados foi maior (os anos eram vistos sem exclusão de semanas), optou-se por manter a primeira coleta para os anos já verificados. Desta forma, obteve-se um número maior de revistas analisadas.
- A inclusão das revistas coletadas na primeira fase não seguiu nenhum critério de exclusão ou escolha prévia de matérias. Foram incluídas todas as semanas dos anos em questão, independente da ocorrência ou não do tema.
- A seguir, a relação do total de revistas utilizadas para a amostra com a respectiva forma de inclusão: *primeira fase, grupo A ou grupo B*:

QUADRO 5 -TOTAL DE REVISTAS ANALISADAS

Ano	Modo de Seleção	Total de Revistas	Revistas Analisadas
1968	*	16	16
1969	***	53	27
1970	***	52	26
1971	***	52	26
1972	*	52	52
1973	*	52	52
1974	**	52	12
1975	**	48	13
1976	**	52	13
1977	**	51	13
1978	*	52	52
1979	*	48	48
1980	**	53	13
1981	**	52	15
1982	**	52	13
1983	***	52	26
1984	*	52	52
1985	*	52	52
1986	***	53	26
1987	***	50	25
1988	***	52	26
1989	**	51	14
1990	*	51	51
1991	*	52	52
1992	**	53	13
1993	**	51	14
1994	**	53	14
1995	**	52	16
1996	*	51	51
1997	*	51	51
1998	***	51	29
1999	***	51	28
2000	***	52	28
2001	***	51	15
2002	*	50	50
2003	*	51	51
Total		1819	1075

Primeira fase *, Segunda Fase grupo A **, Segunda Fase grupo B ***

* Todos os exemplares

** Pulava três revistas, lia uma

*** Semana sim, semana não

Observações:

- O ano de 1968 apresenta menor número de revistas, pois a Veja iniciou suas publicações em setembro do referido ano.
- As revistas de março de 1979 não estavam disponíveis, portanto, não foram relacionadas.

- Foram verificadas todas as capas, desde 1968. Foram incluídas as revistas que apresentavam o tema como matéria de capa, ainda que a mesma não estivesse previamente relacionada para ser analisada.
- A verificação foi feita página a página. Além das matérias específicas, nas quais o envelhecimento era o ponto central, foram observados as imagens, entrevistas, matérias e os anúncios onde o assunto era inserido sob a forma de comentário ou citação.

A revista Veja é organizada em sessões temáticas, algumas das quais desapareceram, ressurgiram ou receberam outro nome, desde 1968.

A identificação das sessões serviu de base para a verificação da forma como o tema envelhecimento era relacionado na revista e os assuntos correlatos.

O tema envelhecimento foi encontrado nas seguintes sessões: : “Saúde”, “Saúde e Beleza”, “Beleza”, “Medicina”, “Ciência”, “Religião”, “Perfil”, “Entrevista”, “Memória”, “Idéias”, “Comportamento”, “Em dia”, “Especial”, “Cidades”, “População”, “Sociedade”, “Brasil”, “Família”, “Sua Família”, “Música” e “Cinema”.

Para facilitar a análise, as sessões foram agrupadas por semelhança dos assuntos abordados e reorganizadas em grupos maiores, denominados grupos temáticos:

1. SAÚDE / CIÊNCIA
2. ESTÉTICA
3. SOCIEDADE
4. CUIDADO
5. FAMÍLIA
6. SEXUALIDADE
7. CONSUMO
8. COMPORTAMENTO
9. CORPOREIDADE

Destes grupos temáticos foram extraídos títulos, alguns correspondendo a mais de um grupo. Os grupos temáticos não seguiram necessariamente as sessões da revista, e, uma mesma matéria podia ser utilizada em diferentes grupos, de acordo com os assuntos correlatos e o tipo de abordagem apresentada. Abaixo encontram-se os títulos e a descrição dos conteúdos a eles relacionados:

1. O que o Mundo Pode Esperar Quando os Velhos Forem Maioria?
 SOCIEDADE - Matérias relacionadas à previdência social, benefícios e demografia.

2. A Arte de Cuidar - Velhice Assistida pela Família. CUIDADO / FAMÍLIA -
 Matérias relacionadas às interações familiares, cuidado e assistência dentro deste grupo;

➤ **Com Quem Fica o Dinheiro?**

3. O Idoso Consumidor- CONSUMO - Matérias relacionadas à figura do idoso como consumidor, e a presença de produtos destinados a este público;

➤ **A Geração Dourada**

4. Beleza é Fundamental - BELEZA - Matérias relacionadas à estética, cuidados corporais, tecnologia e avanços científicos e sociais com fins estéticos.

5. Comportamento- COMPORTAMENTO- Matérias que abordam como os sujeitos que envelhecem se comportam, as atitudes e representações esperadas e/ou assumidas pelo grupo em questão. Neste grupo temático, diversos assuntos abordados em outros momentos retornaram, sendo enfocados com vistas às atitudes dos sujeitos.

➤ **Uma outra velhice**

➤ **Só é Velho Quem Quer**

6. A Velhice está na Cara... e no Corpo - Matérias relacionadas à importância do corpo e suas representações frente ao envelhecimento.

➤ **Esse Velho Corpo**

➤ **Os Vilões - Os Agentes Causadores do Envelhecimento**

➤ **A Meia Idade – A Velhice Chegando**

➤ **Velhice não é Doença**

➤ **A Juventude ao seu Alcance**

➤ **Nem tão Jovem Assim**

7. **“Satisfação Garantida”**⁴⁸ - SEXUALIDADE - Matérias relacionadas à sexualidade feminina e masculina.

- **Homens com H**
- Na Idade da Loba
- **Estéreis e Inúteis**

8. **O Relógio que Nunca Atrasa: SAÚDE / CIÊNCIA** - Matérias que apresentavam discursos pautados na cientificidade, ligados à área biomédica.

2.4 Opções metodológicas

A seleção das matérias, bem como a análise dos conteúdos nelas expressos, foi necessária para melhor compreensão do assunto e suas relações com outros temas. Entretanto, é importante destacar que tal opção foi somente uma ferramenta, e o modo como os temas foram agrupados e descritos, uma das inúmeras possibilidades.

A escolha por maior cobertura em relação ao número de revistas disponível pode ter prejudicado uma observação mais minuciosa em algum texto, anúncio ou imagem que pudesse conter referências ao tema, que não tenha sido exaustivamente explorado. Mas em virtude do grande material analisado, é viável afirmar que a maior parte dos sentidos, valores e representações do envelhecimento, velhice e do velho foram captados por meio da análise das matérias coletadas.

Foram analisadas 1.075 revistas em um universo de 1.819 disponíveis na ABI, em todos os anos de publicação da revista. Em virtude de uma cobertura temporal, a análise teve um caráter comparativo; este, no entanto, não foi distribuído por períodos previamente determinados, mas partiu da interface do tema central com os grupos temáticos. Algumas vezes, as mudanças em relação às representações coincidiram com mudanças de décadas, mas, dependendo do grupo temático, a dinâmica dos discursos permaneceu inalterada ou transformou-se em um determinado ritmo.

A unidade de análise deste trabalho foi o discurso sobre as representações, sentidos e imagens atribuídos ao velho, à velhice e ao envelhecimento. A metodologia partiu de uma descrição e posterior análise interpretativa das matérias selecionadas, bem como, a inter-relação entre o citado material e a análise bibliográfica.

⁴⁸ Expressão retirada do título de uma matéria de 10 de abril de 1998.

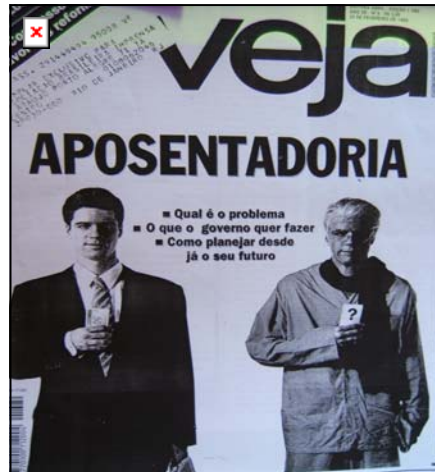
A forma de classificação adotada procurou agrupar assuntos afins em blocos temáticos, ainda que tal procedimento não seja isento de falhas. Alguns textos apresentaram conteúdos relativos a mais de um bloco temático. Por este motivo, as matérias se repetiram.

No capítulo que se segue, as imagens descritas foram dispostas comparativamente em relação ao tempo, sobretudo considerando a alteração, manutenção e retomada de determinada abordagem característica de um tema específico.

Algumas imagens visuais (fotos, anúncios) foram incluídas após serem selecionadas por corresponderem aos assuntos tratados, servindo, portanto como ilustração e reforço de algumas idéias que aparecem, tanto nos textos quanto no material publicitário e nas imagens visuais das reportagens. Além disso, no anexo 1, foram relacionadas algumas propagandas onde o velho, a velhice ou o envelhecimento são referidos.

3 A REVISTA VEJA (1968 - 2003)

1. O que o mundo pode esperar quando os velhos forem maioria? - população e previdência



1995



1996

Na década de 70, o sistema previdenciário impõe aos velhos (homens e mulheres) dependentes da aposentadoria, uma realidade bastante dura e, apesar do anúncio de um aumento do salário mínimo regional, com o conseqüente aumento do valor da aposentadoria, as perspectivas do aposentado no Brasil, nesta época, eram a de uma vida miserável ou a permanência no mercado de trabalho, como aponta Luís Siqueira, 61 anos, médico: “(...) *Antigamente a gente se aposentava, ia para casa se metia num pijama e ficava parado o resto da vida. Hoje (...) se a gente quiser uma vida razoável (...) tem de trabalhar duro (...)*” (VEJA, 25 de abril de 1973: 20).

A aposentadoria era, então, apontada como um período de descanso merecido e almejado mas que, infelizmente, não podia ser desfrutado devido à drástica

diminuição no padrão de vida, após o período produtivo. O que chama a atenção nas matérias deste período é que o trabalho após a aposentadoria é uma necessidade econômica, não estando vinculado à imagem de velhice produtiva, que apareceria anos depois:

[...] Musa seria o tipo certo para vestir um pijaminha listrado e sair de chinelo no quintal de sua casa de campo, não faz nada disso. Nos últimos anos montou uma enorme empresa de consultoria [...]. Não posso parar, porque se desativo minha máquina será muito difícil voltar a funcionar como antes [...]. (VEJA, 29 de setembro de 1999: 116)

No fim da década de 80 (1987 e 1988), a preocupação com o crescimento da população idosa aparece nas páginas de Veja como um problema relativo aos custos sociais que este aumento provocaria à sociedade: “[...] Caminha-se em muitos países para uma situação em que um número cada vez menor de pessoas vai manter sobre os ombros toda a carga produtiva da sociedade [...]” (VEJA, 15 de julho de 1987: 65).

[...] A relação entre a queda da natalidade e o aumento da expectativa de vida aponta um futuro alarmante, já que, além de não contribuírem financeiramente os idosos sobrecarregam o sistema público de saúde, sendo portadores de doenças crônicas e degenerativas de tratamento caro, “doenças da velhice”⁴⁹ [...].

Em 1984, em entrevista para Veja, Pierre Chaunu⁵⁰ afirmava:

(...) Estamos entrando no limiar de um mundo de velhos (...) Não tenho nada contra os velhos, eu mesmo estou beirando os 61 anos, mas seria viável uma sociedade como essa? Claro que não. É um absurdo. Mesmo assim, estamos caminhando em direção a esse absurdo (...).

Chaunu referia-se ao aumento do número de idosos que, em uma projeção para os próximos 30 anos, atingiria 52 a 55% da população em cidades como Munique (Alemanha) e Gênova (Itália) (VEJA, 11 de julho de 1984: 5).

Ademais, a mudança na pirâmide populacional de vários países da Europa afetaria a lógica do sistema de aposentadoria, que “[...] reside na existência de um número de trabalhadores maior que o número de pensionistas [...]” (VEJA, 22 de julho de 1998: 56). Esta situação reporta-se aos países europeus e o Brasil não é citado, pois na época, ainda era reconhecidamente um país de jovens.

A nova realidade dos países envelhecidos é confrontada com outros problemas apontados pela matéria: “[...] os idosos têm menor pendor para mudanças, inovação e criatividade. Como o dinheiro de que dispõem normalmente é contado, também são consumidores austeros [...]” (VEJA, 22 de julho de 1998: 56). Estas características eram

⁴⁹ Expressão utilizada em 22 de julho 1998.

⁵⁰ Historiador francês que pertenceu à primeira geração de seguidores de Fernand Braudel.

consideradas um impeditivo para um país rumo ao progresso. Logo, um número excessivo de velhos seria um fator desvantajoso, tanto para a produtividade como para a necessidade de aquecimento do consumo.

No início da década de 90, sob o título *'Fonte da Juventude'* (VEJA, 25 julho de 1990: 56-63), surgem os primeiros sinais de preocupação em relação ao envelhecimento da população brasileira. Em comparação entre os EUA⁵¹ e o Brasil, o texto indica a significativa diferença entre estes dois países no que se refere à situação financeira de seus idosos. Enquanto nos EUA “[...] boa parte da força econômica está nas mãos de pessoas com mais de 50 anos [...]”, sendo estas detentoras de 80% do dinheiro da poupança, no Brasil a situação não é tão promissora: “[...] cerca de 32% dos brasileiros com idade superior a 65 anos ganham menos que um salário mínimo [...]”.

Percebe-se que, neste momento, já se vislumbrava a mudança demográfica em curso. “[...] Em breve, o Brasil será um dos seis países com população madura mais densa do mundo [...]”. E, diferentemente das realidades da Europa e dos EUA, o envelhecimento da população brasileira se processava sem a necessária atenção: “(...) *Nós não estamos preparados para esta mudança de rosto, pois sempre nos enxergamos como nação jovem (...)*” (Angulo, médico).

Em maio de 2002, o tema reaparece em uma edição especial da Veja (maio de 2002: 22-97): *'O Brasil que já é primeiro mundo'*. Dividida em três grandes sessões: *o Brasil que chegou lá*, referindo-se a diversos aspectos considerados positivos, fruto dos avanços na área industrial, saúde, infra-estrutura, economia e política, *Enfrentando o atraso*, referindo-se ao Brasil dos problemas, que deve aprender com o outro Brasil como dar certo, e *O desafio ambiental*, tratando de questões ecológicas e suas repercussões no país.

Inserida na sessão *Enfrentando o atraso*, e ilustrada por uma foto com vários idosos sentados em um banco de praça, a matéria: *'Idosos – o Brasil depois dos 60'* traz à tona uma preocupação que, na década de 80, era privilégio dos países europeus: “[...] Vê-se que o país jovem já não está tão jovem assim [...]”.

⁵¹ Estados Unidos da América



Em outra matéria, esta dos anos 90, é enfatizada a relação entre o aumento da expectativa de vida e os problemas da previdência:

[...] Conhecido como país jovem, o Brasil também está envelhecendo. Em 1970 havia apenas 3 velhos para cada 100 brasileiros. Hoje os velhos são 5 em cada grupo de 100. Quando a previdência foi criada...há setenta anos, o brasileiro mal chegava aos 50 anos. Hoje, com uma expectativa de vida de 67 anos, o brasileiro pode ficar até 15 anos de pijama [...]. (VEJA, 24 de janeiro de 1996: 20-21)

Além da apreensão causada pelo desequilíbrio da previdência, também expressa nas matérias dos anos 80, é apontado o aumento dos investimentos em poupanças, a fim de garantir uma velhice melhor assistida e a maior alocação de recursos da indústria farmacêutica para pesquisas sobre drogas contra “doenças típicas da velhice”.

Na década de 80, enfatizando a necessidade de uma velhice melhor assistida financeiramente, uma série de propagandas sobre previdência privada destaca a importância de se preparar para o futuro. Desta forma, o aposentado supriria as necessidades que a aposentadoria oficial não seria capaz de fazê-lo, como os gastos com a manutenção ou troca do carro, viagens, programas, universidade dos filhos e reformas da casa, dentre outras.

Uma destas propagandas mostra a foto de um homem sentado em um banco de praça, desanimado e com um jornal nas mãos. Precedia a foto o seguinte texto: *‘Aposentadoria é uma fase em que você tem todo o tempo do mundo para viajar, ir ao cinema, jogar tênis, pescar. Só não tem dinheiro para isso’* (VEJA, 19 de outubro de 1983: 46).

**APOSENTADORIA É UMA
FASE EM QUE VOCE TEM TODO O TEMPO
DO MUNDO PARA VIAJAR, IR AO CINEMA,
JOGAR TENIS, PESCAR.
SÓ NÃO TEM DINHEIRO PARA ISSO.**



<p>Aposentadoria oficial paga o suficiente para garantir a subsistência de idosos. Porém, nada. Nada para pagar os custos com saúde por um mês, nada para viajar, três de semana na praia, um mês de programação de cinema e ressumante, nada para despesas de lazer, de filhos ou em qualquer outro momento da vida.</p>	<p>previdência privada da Prever. Os planos da Prever ajudam a complementar a aposentadoria oficial. E, caso de morte, garantem uma renda mensal para a família. Se quiser, você pode ainda optar pelo benefício da aposentadoria por invalidez. Quanto à necessidade, é preciso o atendimento de um médico.</p>	<p>National Union Uniforce. É importante que você tenha todo o tempo do mundo para fazer o que quiser. Com Prever, isso faz.</p>
---	--	--

PREVER *1983*
AGORA APOSENTADORIA TEM FUTURO

Em 1995, em destaque como capa, a imagem de um homem vestido de terno com uma nota na mão; ao lado, o mesmo homem, agora envelhecido⁵² e de pijama, e uma interrogação. No título, a mesma preocupação dos anos 80 – ‘Aposentadoria: qual é o problema, o que o governo quer fazer, como planejar desde já o seu futuro?’ (VEJA, 22 de fevereiro de 1995: 36-39). Na matéria correspondente à capa, a descrição dos melhores investimentos, dentre os quais diferentes planos de previdência privada com suas vantagens e desvantagens.

Mais tarde, em outra reportagem (VEJA, 27 maio de 1998: 114), destaque é dado à importância dos planos privados, com ênfase na necessidade de iniciar cedo o pagamento das cotas. Em uma tabela, a idade e as correspondentes prestações, que aumentavam com o passar dos anos.

A partir de 2000, embora as matérias sobre previdência privada continuem aparecendo nas páginas da revista, agora com o reforço de personalidades na “flor da idade”, como o músico Frejat (VEJA, 1 de agosto de 2001: 104), o foco desloca-se da sobrevivência para a qualidade de vida.

A preocupação presente até a década de 90 de que os jovens (a população economicamente ativa) sustentariam os velhos é abrandada por uma inversão na “[...] “gangorra social””: enquanto o padrão de vida dos idosos melhorou, os jovens foram sendo apanhados pela crise econômica [...]”.

Entretanto, tal modificação não se deveu à melhoria dos proventos, mas à permanência dos idosos no mercado de trabalho. O fato, que nos anos 70 era visto como fardo, já que a aposentadoria era a época do “merecido descanso”, é agora encarado como um poderoso

⁵² Ver foto no início do capítulo.

instrumento de inserção familiar e social. Contudo, surge uma tensão até então ausente: os velhos que permanecem no mercado de trabalho estariam ocupando o lugar dos jovens.

A oposição entre velhos e jovens no tocante à dinâmica econômica, está sempre presente: antes, na sobrecarga que os primeiros representavam para toda sociedade; agora, no perigo destes substituírem os jovens. O trabalho, mesmo sendo encarado como um fator importante para a manutenção da 'jovialidade', parece ser prioritariamente destinado aos jovens. Não obstante, a busca por novas ocupações, sobretudo aquelas de caráter empreendedor, é estimulada.

Empresários, artistas, pessoas públicas de forma geral, aparecem nas páginas da Veja, mostrando exercer seus ofícios até muito tarde. Para estes, o trabalho é parte de sua figura pública, e o fato de manterem este aspecto de suas vidas significa vigor, lucidez e garante sua permanência no cenário social.

2. A Arte de Cuidar – A Velhice Assistida pela Família



1977



1978

O envelhecimento retratado nas páginas da Veja recebe contornos bastante particulares quando é acompanhado por alguma patologia grave, que exige tratamento longo e, sobretudo, que comprometa a autonomia do indivíduo.

Na década de 90, o mal de Alzheimer aparece na revista como uma doença que não é fruto da ausência de cuidados ou da falta de acesso à saúde, que acomete pessoas de diferentes classes e posições sociais. Em 1994, uma reportagem narra o drama vivido pelo ex-presidente americano Ronald Reagan que, em carta ao público, admitiu estar com Alzheimer:

*(...) quando o mal de Alzheimer avança, muitas vezes cabe à família a parte maior do sofrimento. Gostaria que houvesse alguma maneira de poupar Nancy dessa dolorosa experiência. Começo agora a viagem que me levará ao ocaso de minha vida (...).*⁵³ (VEJA, 16 de novembro de 1994: 54-56)

A doença que se caracteriza por uma progressiva e irreversível deterioração mental, afeta a memória, o raciocínio e a coordenação motora. É descrita pelos médicos como tendo um caminho inverso ao do desenvolvimento infantil:

[...] Em dois ou três anos o doente desaprende a falar. Depois deixa de andar [...] não reconhece as pessoas. Em seguida já não sustenta a cabeça [...] Na fase terminal [...] [a p]essoa não sorri [...] A morte chega com o paciente [...] encolhido em posição fetal, alheio a tudo e a todos. [...]



É o mesmo estado de consciência registrado em 1994. Cláudia Mourão e agosto e março, Caderno. R. É, então, a mulher e o seu lar. É, há pouco, o dia seguinte, pela manhã. Não há mais comunicação entre o casal.



1994

Esta patologia aumenta sua incidência com a idade⁵⁴ e, segundo a matéria, já atinge 4 milhões de idosos nos EUA, e um milhão de brasileiros. Suas causas e mesmo o seu

⁵³ Trecho da Carta de Ronald Reagan, aos 83 anos, quando admitiu sofrer do mal de Alzheimer.

⁵⁴ Ocorrência por faixa etária: 65 a 70 - 5% ; 71 a 75 - 10% , 76 a 80 - 15% , acima de 81 - 30%.

diagnóstico, não são muito precisos: “[...] por enquanto, o diagnóstico é feito por exclusão. Os médicos fazem exames para saber se o paciente não está com um dos outros oitenta tipos de demência [...]”.

Tendo em vista a impotência diante desta doença, a família é apontada como uma das grandes preocupações dos médicos. Os familiares, também chamados de *pacientes ocultos*, devem ser também assistidos, para suportarem a carga emocional e os transtornos impostos pelos cuidados necessários ao paciente com Alzheimer.

Nesta matéria, o cuidado é a tônica e não são apontados medicamentos eficazes ou terapias que possam solucionar o problema. Apesar de a doença ter sido identificada em 1906, ainda era novidade no Brasil, e como tal, a comunidade médica pouco conseguia opinar a respeito.

A maior dificuldade dos familiares frente ao novo padrão de comportamento do doente é a falta de comunicação.

Aduzinda Saraiva, 68 anos, conversa com a parede, já fugiu de casa e chama de mãe a própria filha: “(...) *Só fica feliz quando canta ou é abraçada (...)*”. Waldemir Perin, 72 anos, “(...) *fica horas colorindo os desenhos infantis que a esposa (...) dá a ele. Nos momentos de desespero, diz que quer morrer (...). É triste, antes eu fazia tudo. Agora (...)*”.



1994

Um ponto interessante observado nesta reportagem é que esta foi uma das poucas vezes em que um idoso, aos cuidados de terceiros, teve voz nas páginas da Veja. Em geral, as opiniões são emitidas pelos cuidadores, médicos ou pelo repórter que assina a matéria.

Também sobre as relações familiares estabelecidas próximas ao leito, ou em situação de doença, em 1998, em artigo sobre diversas pessoas que cuidavam de seus familiares em estado vegetativo, o assunto é abordado em tom de respeito, e a atividade vista como um ato

de caridade e carinho. Dentre os casos apresentados, uma família de origem oriental que cuida do pai de 67 anos, acamado após um derrame. Não foi observada nenhuma particularidade por se tratar de um paciente idoso. Nos demais casos citados⁵⁵, o cuidado da família é valorizado e nenhum dos entrevistados demonstra algum sentimento negativo ou desconforto diante da situação (VEJA, 18 de fevereiro de 1998: 62-66).

A velhice dependente e não assistida foi notícia em 1996, com a tragédia da Clínica Santa Genoveva (VEJA, 12 de junho de 1996: 33-34). A morte de quase 100 idosos internos na instituição levantou a polêmica sobre o tratamento destinado aos idosos asilados. Estes idosos eram retratados como abandonados carentes e um incômodo para suas famílias.

A matéria aborda a necessidade dos filhos que precisam trabalhar ou têm pais com comprometimentos físicos ou mentais, o que inviabilizaria o convívio.

(...) Não raro, para defender a própria privacidade, a família se protege do velho alheando-o de toda a vida doméstica (...). O idoso fica à margem da família. Só ocupa o centro das conversas quando adoece, quando o corpo grita (...). (Jorge Silvestre)⁵⁶

A relação entre familiares e velhos dependentes é muitas vezes conflituosa, mas a família ainda é a principal responsável pelo cuidado e amparo destes idosos, inclusive o financeiro. Então, conclui-se que os velhos viveriam melhor se tivessem boas aposentadorias e pudessem ser mais independentes de suas famílias. Como no caso de Jurandyr Braga⁵⁷, 82 anos, asilado no Recreio dos Anciãos: “(...) *Morando aqui, tenho liberdade e dou liberdade. Gaba-se (...)*”.

No entanto, a reportagem enfatiza que a história de Jurandyr não é a realidade mais comum; para a maioria, a vida em uma instituição é sinônimo de abandono e de tristeza.

[...] De repente, a pessoa que passou anos só convivendo com a mulher ou o marido tem de se virar no meio de estranhos para fazer novos amigos [...] é uma senhora que fala pelos cotovelos diante de outra que não ouve bem. É a saudade dos filhos e netos. É um cérebro que trabalha melhor as lembranças e sente mais alegria na memória do que no confronto com as novidades. [...]

Segundo Renato Veras⁵⁸,

(...) Médicos e psicólogos são unânimes em alardear a importância dos familiares na qualidade de vida de seus idosos. Velho abandonado é velho deprimido e inseguro. E a depressão imobiliza. Afeta a capacidade afetiva e cognitiva. A memória falha. Não adianta prolongar a vida humana se não criamos as condições ideais para desfrutá-la. (...)

55 Nos demais casos os pacientes são filhos adultos cuidados por seus pais.

56 Coordenador de Doenças Crônicas-Degenerativas do Ministério da Saúde.

57 Decidiu mudar-se quando ficou viúvo.

58 Professor e pesquisador da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

O fato de os idosos viverem junto a suas famílias é estimulado, sobretudo em relação ao papel de cuidadoras que estas desempenham. A convivência do idoso com os outros membros da família não é igualitária, de forma geral, e a dependência é um dos pontos mais relevantes. Mas, algum tempo depois, uma outra idéia de convivência seria proposta.

No fim da década de 90, as residências destinadas à moradia exclusiva de idosos e a vida fora de uma casa comum à família passa a ser apontada como uma solução interessante para muitos idosos, e mesmo almejada por muitos deles:

(...) Não é uma opção barata - quarto individual fica entre 2000 e 3000 reais (...) Mas quem fez a mudança está feliz da vida com o ambiente, os cuidados e, acima de tudo (...) com a vida social que os condomínios oferecem. (...) aqui não atrapalho minha família e ninguém me aborrece (...). (Maria Luiza Freitas, 74 anos, viúva e mãe de dois filhos. VEJA, 28 de abril de 1999: 78)

Outra questão que passa a influenciar a dinâmica familiar é o papel que as aposentadorias representam no orçamento familiar. Independentes financeiramente e, muitas vezes, contribuindo significativamente, os idosos ganham espaço na nova configuração familiar.

[...] Até bem pouco tempo atrás, envelhecer no Brasil era sinônimo de dependência. Os idosos eram vistos como um fardo para os filhos e para a sociedade. Nos últimos dez anos, contudo, [...] o jogo começou a virar [...] os brasileiros com mais de 60 anos vivem, hoje, em condições bem melhores que os jovens [...]. (VEJA 6 setembro de 2000: 118).

Tal configuração muitas vezes conta com o retorno, à casa dos pais, dos filhos separados ou em dificuldades financeiras, com seus respectivos filhos; ou com a decisão dos pais de saírem de suas casas para morar com algum filho. Entretanto, em nenhuma das revistas analisadas as relações familiares, as interações, conflitos e possíveis reorganizações intergeracionais, propiciadas por este novo contexto, são abordadas sob o ponto de vista emocional e afetivo.

➤ **Com Quem Fica o Dinheiro**

Os ‘novos velhos’⁵⁹ já não passam os “últimos anos da existência”⁶⁰ zelando pelo patrimônio, para deixá-lo de herança para os filhos; ao contrário, eles usufruem seus bens, consumindo um número cada vez maior de produtos e serviços especializados lançados no mercado.

59 Grifos meus.

60 Expressão utilizada em 1996.

Esta forma de agir tem gerado alguns conflitos familiares, como indica a Veja na matéria ‘*A Revolução dos Velhos*’.

(...) algumas vezes os filhos se sentem lesados e procuram advogados para entrar com processo de interdição (...) proíbo meus pacientes de antecipar herança. Quem doa patrimônio vive pior e acaba abandonado pelos filhos (...).
(Norton Sayeg, geriatra. VEJA, 17 de abril de 1996: 54-58)

O geriatra relata o caso de uma mulher abandonada pelo marido e filhos em uma casa de repouso, após a venda de sua casa pelos mesmos: “*(...) Eles trocaram a sua casa por uma menor, ficaram com a diferença e nem pagam a casa de saúde (...)*”.

Em outra reportagem, no ano anterior, a liberdade de consumo dos velhos foi questionada de forma sutil. Com o título ‘*Afogado em Números*’, o texto mencionava a preocupação dos médicos frente à compulsão de um número crescente de pessoas pelo jogo de bingo (VEJA, 3 de maio de 1995: 88). Embora a matéria não fizesse menção explícita à idade dos jogadores, das três fotos publicadas, duas retratavam pessoas idosas.

O incentivo a uma vida autônoma é mostrado com frequência, e a independência econômica é o ponto-chave desta vida autônoma. Ainda assim, matérias como a citada anteriormente deixam claro que há limites para tal independência e que, em alguns casos, a linha limítrofe é traçada não mais pela família, mas sim pela medicina.

3. O Idoso Consumidor



1996

A partir de meados dos anos 90, põe-se em evidência um novo personagem nas páginas da Veja: o idoso consumidor. Na matéria intitulada ‘*A Revolução dos Velhos*’ (VEJA, 17 de abril de 1996: 54-58), o enfoque é a expansão de um novo mercado consumidor,

constituído por pessoas que, segundo a revista, foram historicamente favorecidas por terem crescido enquanto o país prosperava.

➤ A Geração Dourada



2000

“[...] Brasileiros com mais de 60 anos formam uma geração dourada [...]”. Possuidores de casa própria e de um patrimônio maior do que o dos jovens, eles podem desfrutar seu tempo livre em diversas atividades que já merecem o olhar de pesquisadores das áreas de comércio: entretenimento e serviços que pretendem agradar aos mais novos consumidores. “[...] Somos um mercado em explosão. Estamos exigindo a cada dia mais serviços, cada vez melhores e direcionados [...]”.⁶¹ (VEJA, 17 de abril de 1996: 55).

O turismo também aparece como um campo bastante favorecido. Na reportagem ‘Vovó Sai de Férias’ (VEJA, 22 de março de 2000: 91), a ‘terceira idade’⁶² é apontada como a responsável por 20% do total de viagens domésticas, sendo a impulsionadora de uma nova tendência do turismo no Brasil. As companhias diversificam seus roteiros e se adaptam para suprir a demanda de uma população que, com a saúde bem cuidada, mais independente e com dinheiro no bolso, desejam aproveitar a vida.

Os apart-hotéis especializados também aparecem como um promissor investimento no fim da década de 90, oferecendo moradia, cuidado e diversão para maiores de 65 anos, “[...] aposentados, filhos criados, dinheiro poupado e nada para fazer [...]” (VEJA, 28 de abril de 1999: 78). Projetados como os similares americanos, os condomínios teriam todas as suas

⁶¹ Declaração de Maria Aparecida, 67 anos, funcionária pública aposentada, participante de um programa de intercâmbio para o estudo de inglês.

instalações e serviços adaptados para os idosos, e o sucesso do empreendimento estaria em uma simples equação: o Brasil tinha, então, 15 milhões de pessoas com mais de 60 anos, e “[...] quem chega à terceira idade em condições financeiras decentes tem tempo, recursos e disposição para gastar [...]”.

Contudo, anos antes, a *Veja* noticiou o fiasco de muitos destes empreendimentos, atribuído a um equívoco de *marketing*. A campanha publicitária explicitava que estes locais eram para velhos, erro que não foi cometido pelos apart-hotéis da Flórida que omitiam a população-alvo. Sobre este acontecimento, Guita Debert comentou: “(...) *Os velhos não se incomodam de ser vistos como velhos, mas eles fogem de tudo que associe a velhice à fragilidade e à doença (...)*” (VEJA, 17 de abril de 1996: 55).

“[...] Não vendemos nenhuma cota, e o projeto morreu [...]”⁶³ (VEJA, 17 de abril de 1996: 54-58). Possivelmente, questões diversas contribuíram para tal insucesso. Em 1999, a autora voltou a se manifestar sobre o assunto, apontando outro problema que poderia surgir em decorrência da restrição dos velhos a locais “só para maiores”⁶⁴: “[...] mesmo integrados com outros de sua idade, eles precisam manter uma intimidade à distância com a família [...] os idosos não podem viver isolados num gueto, ainda que dourado [...]” (VEJA, 28 de abril de 1999: 78).

Pensando no aspecto econômico, o aumento da população idosa não tem o mesmo tom de preocupação presente em momentos anteriores; contrariamente, indica a possibilidade de prosperidade, como no caso da matéria sobre a migração de idosos para a cidade de Florianópolis: “[...] Estes idosos aposentados pela previdência complementar buscam uma cidade grande, porém, tranquila para se fixar e gastar [...], promovendo o aquecimento da economia [...]” (VEJA, 4 de junho de 2003: 87-88).

Bem diferente dos idosos retratados na matéria anterior, são aqueles considerados esquecidos. Há uma lacuna evidente, com bases econômicas, entre o idoso capaz de escolher sua moradia e administrar seus recursos, e os velhos dependentes, alijados das benesses da ciência e do consumo. Para estes, a nova velhice parece não ter chegado.

Vale ressaltar que as modificações sociais de ordem científica, estética, médica, previdenciária e de consumo, não atingem apenas uma camada da população. Embora a

⁶² Este termo passa a ser bastante comum nas matérias a partir dos anos 90, sendo relacionado a características de um envelhecer mais ativo seja no âmbito social, físico, afetivo ou econômico (sobretudo no tocante ao consumo).

⁶³ Declaração do empresário responsável por um projeto de apart-hotel destinado a idosos.

⁶⁴ Expressão usada no título da matéria indicando que os locais referidos são destinados a maiores de 65 anos.

utilização de certos serviços, como as cirurgias estéticas, esteja restrita a um universo, os novos valores e comportamentos ligados ao envelhecer atingem uma abrangência bem maior do que aquela circunscrita por classes sociais.

Não obstante, as reportagens tendem à polarização; representam, em algumas matérias, a velhice bem sucedida, fruto não só do desejo mas, principalmente, da possibilidade / capacidade de consumo de alguns, em contraponto com a velhice abandonada, asilada e pobre, como na matéria sobre a morte de quase 100 idosos na Clínica Santa Geneveva, em 1996: (...) O que restou de mais importante do episódio foi um enorme ponto de interrogação sobre como a sociedade brasileira trata seus velhos no país (...) (VEJA, 12 de junho de 1996: 56-58).

Fica evidente que se encontram representadas ‘velhices’ muito diferentes. Mas o que, de fato, chama a atenção, é que a velhice na Clínica Santa Geneveva só está presente nas grandes tragédias e, em nenhum momento, os personagens desta história foram ouvidos. Em geral, quando aparece nas páginas da Veja, a velhice doente, pobre e dependente, fala pela boca de terceiros: são médicos, familiares, diretores de instituições ou repórteres que escrevem suas impressões sobre estes ‘pobres velhinhos’⁶⁵.

Mais que a possibilidade de abertura de um novo mercado consumidor, estas reportagens refletem a modificação social de certos papéis desempenhados pelos velhos, bem como a assunção de algumas características anteriormente relacionadas somente à juventude.

A conquista de novos espaços sociais e políticos permite ao idoso uma entrada em novas esferas, por vezes ainda inserido em seu próprio grupo. O uso de computadores e Internet, a entrada em programas de intercâmbio para aprendizado de idiomas, a prática de atividades físicas em academias e a participação em esportes de aventura, são apenas alguns exemplos.

Ainda que a expansão do mercado de produtos e serviços voltados para os idosos tenha sido observada a partir dos anos 90, bem antes disso a imagem de homens e mulheres idosos já era utilizada em campanhas publicitárias.⁶⁶ Entretanto, somente a partir do período referido, surgem matérias específicas tratando do assunto e dando ênfase às novas possibilidades de exploração do consumo relacionado aos idosos.

A todas estas transformações o mercado está atento, como é possível observar na propaganda de um *site*, na contracapa de uma revista em 2000: “[...] você considera esta

65 Grifos meus.

consumidora on-line uma exceção? Só se um trilhão de dólares não fizer diferença para seus negócios [...]” (VEJA, 12 de janeiro de 2000, contracapa). Junto ao texto, a foto de uma mulher idosa, empresária, que utiliza os serviços da Internet.

4. Beleza é Fundamental



2001

A partir da década de 80, em diferentes matérias relacionadas a saúde ou beleza, nota-se um número crescente de alusões a vitaminas, medicamentos, cremes e intervenções cirúrgicas. “[...] A cada dia o ser humano descobre novas armas que o ajudam a vencer, das mais variadas formas, sua luta pela beleza e pela juventude [...]” (VEJA, 15 de abril de 1981: 60-66).

Se no período anterior a 1980 apostava-se na descoberta da fonte da juventude por meio da manipulação de algum agente que pudesse promover o envelhecimento, nos anos que se seguiram decidiu-se que ajudar um pouquinho, enquanto a resposta definitiva não vinha, poderia ser um bom negócio.

As cirurgias plásticas “[...] impulsionadas pela sadia vaidade de pessoas dispostas a retardar os sinais da ação do tempo sobre seus rostos e corpos [...]” (VEJA, 23 de julho de 1986: 60-62) ganham as páginas da revista e vivem o seu “período de ouro”⁶⁷ a partir de meados dos anos 80.

66 Ver anexo 1.

67 Expressão usada na mesma matéria, referida anteriormente.

Na mesma matéria, a mudança comportamental em relação à utilização das cirurgias com fins estéticos é apontada como uma fase de maior liberdade ao culto da vaidade:

[...] Esquecido está o tempo em que fazer uma cirurgia plástica era sinônimo de condenável submissão à vaidade e a marca registrada de mulheres consideradas fúteis. A onda de culto ao corpo que marcou os anos recentes liberou milhares de mulheres e homens do temor das críticas [...].

A diminuição do preconceito em torno das cirurgias estéticas, indo ao encontro do seu progressivo incentivo, aliado aos avanços nesta área (redução dos riscos e dos custos) favoreceram o crescimento da procura por tais intervenções por pessoas de diferentes idades e, cada vez mais, de ambos os sexos.

Os cosméticos perdem, progressivamente, o *status* de rejuvenescedores, mas continuam presentes com a proposta de auxiliar em tratamentos mais ‘agressivos’.⁶⁸ Além disso, os produtos apresentados acompanham os progressos tecnológicos prometendo modificações mais profundas.⁶⁹ Cremes anti-rugas promovem a renovação celular e combatem os radicais livres; e os tratamentos para os cabelos agem nas fibras capilares.

O mercado da vaidade movimentava quantias espantosas no Brasil. “[...] Em 1999, os cremes e as loções anti-envelhecimento movimentaram 466 milhões de reais, um salto de quase 30% em relação ao ano anterior [...]” (VEJA, 8 de março de 2000: 80-87). Dois anos mais tarde, o Brasil passaria a ocupar o primeiro lugar em cirurgias plásticas no mundo e, em relação a 1999, as intervenções para preenchimento cresceriam 75% (VEJA, 17 de janeiro de 2001: 84-95).

Entretanto, esta revolução de costumes processada nas décadas de 80 e 90 não abrangeu toda a população de idosos. “[...] A mudança de comportamento não atinge todo mundo, claro, até porque quem vira os 40 e quer continuar ativo e bem disposto, precisa ter acesso a muita informação e dispor de um extra na conta bancária [...]”, mas, de forma indireta, possivelmente influenciou o modo como o envelhecimento doravante seria apresentado em campanhas publicitárias, novelas e outros programas televisivos, cinema e serviços destinados a esta população.

Além disso, a satisfação de um antigo desejo da humanidade de manipular o próprio corpo a fim de torná-lo o mais próximo possível da ‘perfeição’⁷⁰, poderia afetar a auto-imagem e o modo de lidar com a corporeidade, a beleza e as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

68 Grifos meus.

69 A formulação de cremes a partir da década de 1990 passou a ser liberada pelo mesmo órgão responsável pela liberação de medicamentos o FDA.

70 Grifos meus.

O envelhecimento passa a ser, em muitas matérias, uma questão de escolha, falta de cuidado, desinformação ou recursos. O tema é cada vez mais recorrente, abrangendo um número cada vez maior de pessoas. E, se prevenir é preciso, não basta iniciar os tratamentos quando a velhice já se instalou; é necessário começar bem antes, para que ela chegue bem tarde e sem incômodos.

Assim como a sociedade em geral, a revista *Veja* também possui um padrão de beleza que se faz presente não somente nas matérias relacionadas à estética, mas também nos anúncios, informes ou outras reportagens que reforcem o que é ser belo.

Beleza e juventude são pontos que se cruzam, ou mesmo se fundem em diversas matérias, juntamente com alguns outros valores flutuantes como magreza, sucesso, depreciação ou incentivo à utilização de recursos externos de modificação corporal, ou ainda, a segurança do homem mais velho como um atrativo.⁷¹

Se, até a década de 70, a beleza era um bem que alguém possuía ou não, em momentos posteriores torna-se passível de conquista. “[...] Nem tudo está perdido e, felizmente, está cada vez menos perdido para quem a natureza foi sovina ao atribuir traços de beleza ou está sendo cruel ao subtraí-la com o correr dos anos [...]” (VEJA, 15 de abril de 1981: 60-66).

A imagem do corpo que envelhece não é análoga à imagem do belo. Salvo em algumas matérias, nas quais rugas e cabelos brancos não são vistos como manifestações de decrepitude, na maior parte do material analisado os traços corporais da velhice são associados à não beleza.

O padrão de beleza na velhice é o das ‘estrelas’, mulheres e homens que, na maioria dos casos, utilizam-se de todos os recursos disponíveis para diminuir a manifestação do tempo em seus rostos e corpos.

[...] Privilegiadas pela genética e impulsionadas por uma profissão que exige o máximo da aparência, para mulheres como Suzana Vieira, Betty Faria ou Bruna Lombardi não é nenhum prodígio manter o pique. Já na fase dos 40, Bruna continua linda, loura e perversamente, diz ela, nem um pouco preocupada com envelhecer. Mais difícil é para as mulheres comuns, sem vãos de estrela, às voltas com os sintomas físicos e as conseqüências psicológicas da menopausa [...]. (VEJA, 5 de julho de 1995: 84-90)

Em 1991, em entrevista à *Veja*, o cantor Julio Iglesias deu sua opinião sobre qual a forma mais interessante de envelhecer (VEJA, 3 de abril de 1991: 7-9):

[...] **Veja:** Entre envelhecer como Jane Fonda, mantendo a forma com exercícios e cirurgia plástica, e como Brigitte Bardot, sem se preocupar com a estética, qual a atitude que julga mais correta? [...]

⁷¹Os homens mais velhos em algumas matérias são retratados não propriamente como belos, mas como charmosos. No caso dos homens, o charme por vezes é mais valorizado do que a própria beleza.

(...) *Iglesias: A de Jane Fonda, sem dúvida alguma. Acredito que a atitude desleixada de Brigitte é consequência de algum trauma psicológico. Todos têm a obrigação de ficar em forma até o fim da vida. Eu quero morrer na rua, ou no palco, mas nunca na cama (...).*

O pensamento do cantor não é solitário, e vai ao encontro de uma postura que seria cada vez mais comum nesta década: usar todos os recursos necessários para ter uma maturidade “digna e conservada” (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86).

[...] O objetivo é reparar uma injustiça biológica, detectada por Montaigne no século XVI: ensinam-nos a viver quando a vida já passou. Que homem não gostaria de enfrentar seus anos outonais com um jeitão de Tarcísio Meira ou o charme de Sean Connery? Que mulher não acharia ótimo entrar na faixa dos 50 com o corpinho de bailarina de Betty Faria, a beleza atemporal de Catherine Deneuve? [...].

Mas, será mesmo atemporal a beleza de Catherine Deneuve? Por quanto tempo mais conseguirá a musa sustentar seu título de eternamente bela?

Em 2002, surge uma matéria⁷² que discute o uso do Botox⁷³ para conservar a beleza das atrizes:

[...] o dilema dos artistas é descobrir até que ponto alisar o rosto sem perder a expressão [...] raridade hoje em dia é encontrar artista conhecido com mais de 40 anos que nunca tenha enfrentado sua dose de toxina botulínica no afã de rejuvenescer [...]. Dois diretores de peso: Baz Luhrmann e Martin Scorsese criticam o uso deste artifício. Scorsese declarou: “*Não posso compreender por que alguém que se considera ator se priva da capacidade de ter expressão facial*”. “*Uma atriz sem rugas não consegue mostrar suas emoções*” [...] (Michael Caine)

A reportagem cita algumas atrizes que se submeteram ao tratamento, outras que preferiram a cirurgia plástica ou não utilizaram tais recursos (VEJA, 13 de novembro de 2002: 82-83).

[...] Para quem sempre se destacou pela beleza espetacular, como a italiana Sophia Loren (68 anos, rosto notável e artificialmente alisado), é difícil escapar à tentação da eterna, ainda que nada natural, juventude [...]. Eva Wilma, 68, após 2 liftings diz que agora parou. ‘Rugas também podem ser apreciadas pelo público’ [...]. A exceção é a fera da interpretação, Fernanda Montenegro, que aos 73 anos é uma das raríssimas atrizes a aparentar a idade que tem. ‘Não tenho nada contra. Mas não quis fazer quando mais jovem e agora acho que passei da hora’ [...].

A atriz Fernanda Montenegro é citada em outras matérias sobre estética, como em 2003. Na reportagem em questão, diversas mulheres dão as suas opiniões sobre a experiência de envelhecer, e como este ‘*novo estado*’ repercutiu em suas vidas (VEJA, 12 de março de 2003: 18-29). As opiniões pessoais serviram de pano de fundo para uma lista de modificações

⁷² O título da matéria é: ‘*Ter ou não ter rugas eis a questão*’.

fisiológicas e psicológicas que acometeriam as mulheres em cada fase da vida, a partir dos 30 anos:⁷⁴

(...) só comecei a sentir o processo de envelhecimento depois dos 65 anos. A gente não enxerga bem como antes e não se locomove com tanta facilidade. Mas existe o lado bom, que tem a ver com a experiência acumulada. Eu me sinto realizada. Tive apoio e a companhia do meu marido. Acho muito importante, tanto para o homem como para a mulher ter um companheiro. As pessoas precisam viver intensamente cada dia (...). (Fernanda Montenegro)

(...) eu gostei muito da minha vida entre 45 e 65 anos. Quando passei dos 65 vi que estava envelhecendo mesmo, não tinha remédio. Envelhecer é chato (...) Você anda de uma maneira esquisita, seu corpo não é mais o mesmo (...) uma companhia, por mais velho que seja, mas alegre, é muito agradável (...). (Tonia Carrero)

(...) A velhice não me assusta. Estou envelhecendo de forma muito tranqüila (...)'.
(Suzane)⁷⁵

Na mesma matéria, de forma bastante explícita, é divulgada uma idéia que permeia a relação entre estética e envelhecimento:

[...] A idade é um desastre para a saúde e a beleza femininas, mas os avanços da medicina e alguns cuidados pessoais garantem uma vida mais longa, ativa e feliz. [...]. O envelhecimento só é natural no nome. A luta das mulheres para atenuar o inevitável é uma das mais renhidas batalhas da história da humanidade. Finalmente parece ter chegado o tempo de colher algumas vitórias [...].

Nas reportagens nas quais o envelhecimento é tema central ou fio condutor, alguns valores permeiam os textos, explicitando o envelhecer preponderante em cada época. Tais valores apresentam-se, por vezes, amalgamados, dando a noção de que são indissociáveis. Saúde e beleza, bem-estar e sucesso, felicidade e boa situação financeira, doença e falta de cuidado, sinais corporais do envelhecimento e falta de cuidado, feiúra/ velhice e insucesso.⁷⁶ Estes são alguns tópicos que interagem, evidenciando algumas das representações do envelhecimento: o envelhecer bem sucedido, a velhice dependente, o belo e o feio no envelhecimento, e como ‘todas’ as pessoas desejam envelhecer.

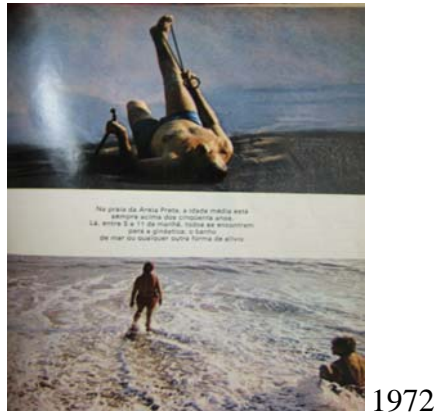
73 Toxina botulífrica - toxina que paralisa temporariamente os músculos da face eliminando as rugas de expressão.

74 40 anos - enumeram uma série de perdas, incluindo perda óssea, stress e depressão. A sensação de decadência é concreta e a procura de um especialista é importante - Beatriz Segal; 50 anos - fase das vitaminas e mudança de peso - Constanza Pascolato; 60 anos - exames médicos, check-up, cabelos mais finos e brancos, pele mais grossa e escura - Hebe Camargo; 70 anos - mulheres que não fizeram exercícios não cuidaram da alimentação e do descanso, fumaram, (...) usaram e abusaram durante toda a vida ainda têm tempo de garantir uma velhice não tão sofrida. A receita é manter-se em atividade física e intelectual - Tonia Carrero

75 Esposa de um fotógrafo que desde 1977, todo o dia 17 de junho fotografa os membros de sua família. Na matéria aparecem as fotos de Suzane ao longo destes anos.

76 Profissional, amoroso e emocional.

5. Comportamento



1972



Em 1972, o tema envelhecimento ganha destaque, pela primeira vez, nas páginas da *Veja*, em reportagem completa na sessão Comportamento. Sob o título ‘*Um Mês de Verão Só para Velhos*’ (VEJA, 22 de março de 1972: 47-50), a matéria descreve de que maneira os [...] veranistas que vivem seus últimos verões [...] tomam conta das praias de Guarapari, no Espírito Santo.

Estes “velhos e velhas”⁷⁷ que lotam o balneário vão em busca, principalmente, da cura ou atenuação de suas dores reumáticas, e não se importam com os apelidos pejorativos dados às praias depois que começaram a freqüentá-las. Praia dos “*Velhos Solitários*”, “*Bidê das Velhas*”, “*Pelanca Beach Show*”, “*Praia dos Coroas*” ou “*Praia das Pelancas*” são alguns dos nomes atribuídos aos locais preferidos dos banhistas de cabelos brancos.

A matéria explicita as características e os hábitos desta população: eles são regulares, conservadores, alegres, “[...] apesar da idade média estar sempre acima dos cinquenta anos [...]”. Sentam-se à tarde na frente dos hotéis, com suas “[...] ágeis agulhas de crochê, ou perambulam pelos bares para drinques rápidos ou conversas compridas [...]”, a maior parte delas sobre doenças e curas. A morte não é um tema bem vindo, embora na reportagem fique clara a associação entre velhice e morte, pelos próprios entrevistados.

Os símbolos associados a esta população se contrapõem aos atribuídos à juventude, como neste fragmento:

⁷⁷Utilizo estas palavras sem distinção em relação à palavra “idoso” ou “terceira idade”, entretanto, ressaltai-as neste trecho por se tratar de palavras que, com o passar dos anos, vão sendo cada vez menos utilizadas nas matérias, mas que nesta reportagem, especificamente, aparecem diversas vezes sem restrições.

[...] veranistas que vivem seus últimos verões tomam conta de Guarapará [...]. Em lugar dos rapazes sobre motos [...] “envenenadas”, passeiam pacatos velhinhos e velhinhas de bengalas envernizadas. A audácia dos biquínis é trocada pela discrição dos maiôs de corpo inteiro, pretos na maioria [...].

A polarização juventude / velhice é recorrente nesta e em outras matérias do mesmo período. Os universos das duas gerações são bastante circunscritos, e o trânsito entre eles é quase inexistente. A juventude encerra a vitalidade, beleza, agilidade e ousadia perdidas com o envelhecimento.

A velhice é a fase final e o tempo de vida é um atributo dado por Deus, não havendo como alterá-lo, como afirma um dos entrevistados de 77 anos: “(...) *Aqui eu não sinto dores. E se meu problema não for resolvido, pelo menos me divirto. Mas viver mais tempo não dá. Como encomprar a vida se Deus é quem manda? (...)*”.

Nas outras revistas da mesma década, nas poucas matérias em que o tema reaparece, o tom é o mesmo: a velhice inexorável, com símbolos identificáveis, seja no tocante à aparência, seja em relação ao comportamento.

O que é esperado para as pessoas que ultrapassam os 50 anos é uma velhice digna, o que significa ser amparada pelo Estado e cuidada pelos familiares. A assistência aos idosos é um ponto de destaque, como indica uma propaganda da Casa São Luiz para a Velhice: “[...] eles já foram pais, avós, bisavós [...] e hoje são crianças que carregam para a Casa São Luiz [...] suas experiências e buscam ali uma nova perspectiva de vida. Cheia de segurança, amor e proteção [...]” (VEJA, 13 de setembro de 1978: 115).

➤ Uma Outra Velhice



1978



1983



2002

Paralelamente, é possível observar a presença de uma “*outra velhice*”.⁷⁸ Em algumas propagandas, as imagens de homens idosos são associadas a empreendimentos sólidos, a companhias antigas e estáveis, a carros luxuosos e clássicos, a investimentos que indiquem a experiência do investidor. Para as mulheres, o espaço nas propagandas corresponde à imagem de amabilidade, cuidado ou zelo pelo lar.

No final da década de 70, na sessão Ciência, a reportagem ‘*Vencendo a Velhice*’ inicia uma nova abordagem do tema. A idéia de que o envelhecimento pode ser vencido torna-se uma promessa para os anos vindouros: “(*...*) a questão é manter-se vivo até a passagem do milênio, quando então o segredo da juventude estará descoberto e a morte não será mais uma necessidade (*...*)” (Benjamin Scholoss, engenheiro nuclear e geriatra, VEJA, 17 de janeiro de 1979: 60-62).

Ao longo de toda a década de 80, o envelhecimento é primordialmente relacionado à ciência; a esta cabe a tarefa de descobrir a “cura” para a velhice. Nas reportagens, o aval de especialistas torna-se comum. Geriatras e gerontólogos apresentam as novidades da indústria farmacêutica, ou os tratamentos (ainda em teste) que possibilitarão, num futuro próximo, a extinção ou a diminuição de diversos “males da velhice”.⁷⁹

Em uma série de informes publicitários da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (VEJA, 1983), as imagens de pessoas famosas que viveram muitos anos aparecem seguidas das características de um envelhecimento desejável. Com algumas modificações adequadas à profissão de cada uma destas pessoas, um texto básico era repetido:

[...] Para você viver uma longa vida de alegrias, com a vitalidade e o prazer de Agatha Christie, basta ter em mente que o envelhecimento cerebral não é nenhuma cilada. Usando a cabeça, você vai ver que ele começa com os sintomas, e não com a idade. Com as primeiras suspeitas de depressão, cansaço, lapso de memória, dispersão e até insociabilidade, contrate o melhor detetive para investigar o seu caso: o médico. Só ele tem a chave para solucionar esse enigma, e garantir um "gran finale" à sua vida [...]. Envelhecer é uma arte. Consulte o seu médico [...].

Nos quatro informes publicitários veiculados apareceram as fotos de Agatha Christie (85 anos), Winston Churchill (90 anos), Alfred Hitchcock (80 anos) e Pablo Picasso (91 anos). As imagens destas personalidades vinham acrescidas de textos que exaltavam a criatividade, alegria de viver, sucesso profissional, vitalidade e bom humor. No caso de Churchill, o texto compara a disposição do político em ‘vencer’ a velhice com uma das batalhas vencidas pelo presidente: “[...] Um exemplo de quem soube inclusive encarar a

78 Grifos meus.

79 Este termo aparece em uma revista em 25 de julho de 1990, mas a idéia que encerra a expressão já está presente bem antes. Como males da velhice entende-se: as dores e as limitações funcionais, psicológicas e sociais atribuídas aos velhos.

velhice não como um cavalo de batalha, mas como vitória permanente de uma mente lúcida e de um espírito jovem [...]”.



Em duas propagandas, Churchill e Hitchcock aparecem fumando charutos, hábito que anos depois seria indicado como um dos vilões para o envelhecimento saudável. Não há, portanto, relações de causa e efeito dos hábitos de vida com um melhor ou pior envelhecer. Quando os sintomas da velhice forem detectados, deverão ser corrigidos ou minimizados o quanto antes.



➤ Só é Velho Quem Quer

Em 1986, a matéria ‘A Criação da Beleza’ (VEJA, 23 de julho de 1986: 60-62), destacada na capa, apontava como o progresso da medicina vinha contribuindo para a construção de corpos e rostos belos, e como a cirurgia plástica havia se tornado “[...] uma

arma cada vez mais eficaz na luta pela melhoria estética e na busca da juventude [...]”. Um interessante ponto é a mudança de comportamento relatada na reportagem no que se refere à aceitação das cirurgias como algo mais natural: “(...) *a mulher brasileira já encara essas cirurgias com a naturalidade de uma maquilagem (...)*” (Silva Neto, médico). O que antes era visto como uma futilidade começa a ser símbolo de *status* e um caminho viável para driblar os efeitos do tempo.

Segundo o cirurgião plástico Volney Pitombo, “(...) *bonito não é ficar sem uma única ruga, um rosto assim é um rosto falso (...)*”; por isso, ele recomenda as miniplásticas que mantêm a expressão e os contornos do rosto. Mas, para algumas mulheres, esta preocupação é irrelevante. A socialite Stella Motta, 58 anos, adepta das aplicações de Botox, afirma que preservar a naturalidade é uma bobagem: “(...) Eu digo: “(...) *cesariana e depilação também não são (naturais) e ninguém deixa de fazer (...)* posso não franzir a testa muito bem, mas, *afinal, para que alguém precisa franzir a testa? (...)*” (VEJA, 12 de março de 2003: 88-92).

6. A Velhice está na Cara... e no Corpo



Expressões tais como ‘espírito juvenil’ são encontradas até meados da década de 80, como podemos observar no comentário sobre o filme *Cocoon*. “[...] Toda a graça de *Cocoon* está em mostrar que o espírito juvenil pode ser encarnado pelos idosos [...]”⁸⁰ (VEJA, 9 de outubro de 1985: 149).

É interessante notar que, neste filme, o ‘rejuvenescimento’ pelo qual passam os idosos não se processa em seus rostos e na exterioridade de seus corpos. A força e o vigor

⁸⁰ Referência ao filme *Cocoon*, no qual um grupo de idosos recobra ^ma força e ^o vigor ^de quando eram jovens, ^{ao} encontrarem uma espécie de fonte da juventude.

readquiridos está expressa em atitudes e na possibilidade de realizar tarefas anteriormente inviáveis. “Encarnar a juventude” é como tê-la dentro de si.

A impossibilidade de mudanças categóricas na aparência torna inviável o desejo da eterna juventude frente ao espelho. “[...] Os jovens vêem os pelancudos e debocham [...]” (VEJA, 22 de março de 1972: 47-50). Todavia, no fim da década de 80, este aspecto sofre modificações e a juventude passa a ser não só um conjunto de comportamentos possíveis para outras idades, mas também, uma conquista da ciência, por meio das cirurgias e das intervenções estéticas.

As teorias sobre o controle do processo de envelhecimento começam a ser substituídas pelas respostas de como parecer, ou melhor, “tornar-se mais jovem” utilizando-se de ações reparadoras.

➤ **Esse Velho Corpo**

De maneira geral, o corpo é abordado como uma parte da individualidade, sujeito à deterioração. Os efeitos do tempo observados nos corpos são, até a década de 80, traços esperados como um caminho natural e inevitável. Entretanto, a busca por soluções que minimizassem estes efeitos ou mesmo conseguisse cessá-los, sempre esteve presente nas páginas da Veja, mesmo antes de o corpo assumir um lugar central nas matérias sobre envelhecimento.

A partir dos anos 80, a velhice instala-se definitivamente nos corpos; as matérias sobre envelhecimento aparecem associadas à saúde e à beleza, e nestas relações o corpo é sempre o *locus* do envelhecimento. Mesmo quando o assunto é tratado na sessão Comportamento, as questões biológicas são determinantes para as modificações das condutas.

A aparência jovem torna-se possível, e cada vez mais é assumida como padrão, associada ao quadro de velhice saudável.

[...] é claro que um casal de cinqüentões nunca terá a mesma disposição dos tempos de lua-de-mel. A partir dos 20 anos perde-se massa muscular, e o metabolismo fica mais lento [...] todo mundo ganha 4 quilos por década depois dos 30 anos. A vista funciona mal, os dentes ficam manchados. Antigamente tudo isso ficava ali à vista de jovens e velhos. Hoje disfarça-se com bastante ginástica, cremes, plástica e vitaminas. O ronco é resolvido com cirurgia, a calvície se previne com um comprimido diário. Quem se cuida vai empurrando a velhice com a bem malhada barriga [...]. (Veja, 24 de maio de 2000: 119)

Antes, as intervenções para as transformações corporais eram mais superficiais; apenas roupas e maquiagens eram viáveis. Entretanto, com o advento das cirurgias e de outras

técnicas e produtos, a manipulação do corpo chega mesmo a modificar a idéia de como é a aparência de alguém velho.

O cirurgião plástico Pedro de Albuquerque comenta:

(...) o culto da juventude nas sociedades ocidentais faz as pessoas se sentirem velhas cada vez mais cedo, antes de os netos aparecerem, antes da aposentadoria, antes mesmo que o espelho devolva aquela imagem que normalmente se associa aos avós (...) para piorar as coisas, um lucrativo culto da juventude (...) todo mundo quer parecer jovem hoje em dia (...).

Na mesma matéria são destacados alguns traços corporais do envelhecimento: “[...] cabelo branco, rugas, um pouco mais de gordura, dores lombares, fôlego mais curto e uma certa lassidão geral [...]” (VEJA, 25 de julho de 1990: 56-63). Cinco anos mais tarde, outra reportagem descreve o que é esperado pelas mulheres que começam a perceber seu próprio envelhecimento:

(...) Subitamente - os prazos variam de cinco meses a cinco anos - o corpo expressa as marcas do tempo, encerra as atividades como matriz de outros seres. A lei da gravidade afirma-se em seu imperativo sobre as formas. Seios e nádegas tendem a murchar e cair. Os calores assustam. Podem surgir pêlos no rosto. Às vezes, o cabelo começa a abandonar a cabeça aos tufos (...). É nessa época que as mulheres começam a se ver como mortais, se dão conta de que nada na vida é permanente (...). (Marina Fontes, psicanalista, VEJA, 5 de julho de 1995: 84-90)

Estes traços que compunham o perfil de senhores e senhoras não desaparece das revistas, mas são pertinentes a um grupo cada vez mais velho e, também, menos visível nas publicações.

[...] Com tantos recursos ao alcance da mão (ou do bolso), nunca a medicina e a cosmética puderam tanto [...] nunca a beleza foi tão imperativa [...] é obrigatório ser lindo, magro, saudável. Não dá para simplesmente culpar uma má herança genética quando se trata de estética [...]. Antes [...] ou se nascia com o corpo então considerado estonteante [...] ou paciência. Pouco havia a fazer [...] hoje não, para tudo tem cura [...]. A gordura, a flacidez, a papada no queixo, a calvície, até os cabelos brancos – tudo isso virou uma espécie de vergonha para o portador [...]. (VEJA, 23 de agosto de 1995: 72-73)

O modo como o corpo responde à ação do tempo, é tratado de forma generalizante. A lista das conseqüências “devastadoras do tempo” é apresentada com poucas alterações em

diversas matérias, como em 2001, em que a descrição é feita em um quadro, dividido em partes (VEJA, 17 de janeiro de 2001: 151-153): testa, olhos, maçãs do rosto, nariz, lóbulo da orelha, lábios, queixo, pescoço, e os respectivos *estragos do tempo*, na página seguinte, a mesma divisão e o subtítulo ‘*O Concerto que a Medicina Propõe*’.

As propostas são sedutoras, sobretudo as intervenções *menos drásticas*, tratadas com a simplicidade de uma maquiagem: “[...] as vantagens das picadas rejuvenescedoras são tentadoras. Hoje as mulheres já programam uma sessão de injeções⁸¹ só para chegar gloriosas a uma festa ou fazer bonito numa reunião de negócios [...]”.

Entretanto, em várias matérias, as alterações propostas não dizem respeito apenas ao exterior do corpo. É necessário reverter ou parar o desenvolvimento dos agentes causadores das expressões externas do envelhecimento.

Os hormônios desempenham um papel fundamental, agindo como ‘vilões’ desencadeadores do envelhecimento, ainda que se admita que não se saiba a exata dimensão da sua influência neste processo. Além disso, o envelhecimento é consequência de inúmeras variáveis, algumas das quais difíceis ou impossíveis de mensurar. E, enquanto não é factível a descoberta e o controle de todas as variáveis, o investimento recai sobre os hábitos de vida.

As matérias que tratam dos avanços científicos para a manipulação corporal são, de forma geral, bastante otimistas, e mesmo apresentando os riscos advindos destes procedimentos, os textos indicam mais vantagens do que desvantagens, além de vários depoimentos corroborando o sucesso das cirurgias estéticas, uso de botox e hormônio de crescimento, entre outros.

Em relação ao hormônio do crescimento (GH), este aparece como um verdadeiro elixir da juventude. Em matéria veiculada em 1999, um quadro indica os benefícios e os riscos do GH, separados por segmentos corporais (Berenice de Mendonça, médica, VEJA, 26 de maio de 1999: 90):

células- podem estimular o crescimento de um tumor já existente

músculos - corpos definidos por músculos salientes

pâncreas- sobrecarga pode levar ao diabetes

pele- Rejuvenescimento cutâneo

cabelo- mais brilhantes , fortes e viçosos

mamas- pode causar aumento no volume das mamas

coração- pode levar a falência cardíaca

81 Injeções de Botox.

barriga- o uso do hormônio diminui a concentração de gordura na região do abdome

esqueleto- ajuda a fortalecer os ossos, mas em doses exageradas provoca crescimento ósseo desmedido

Um aspecto interessante é que em todas as sentenças referentes aos riscos vinculados ao uso do hormônio, há o uso de palavras que indicam dúvida⁸²; entretanto, nas vantagens, as sentenças são sempre afirmativas.

Outro dado curioso é que, ao lado do quadro citado, aparece um outro com imagens das formas comerciais do produto, este, sem nenhum comentário.

Na matéria ‘*Velhice Artificial*’⁸³ (VEJA, 27 de outubro de 1999: 146-147), o envelhecimento é descrito como um processo *lento e inexorável*, determinado por uma programação genética que comandaria o processo de multiplicação das células (João Toniolo Neto, presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria). A partir da interrupção do processo de multiplicação e, com a morte das células existentes, os efeitos do envelhecimento tornam-se visíveis: “[...] perda da elasticidade da pele, que provoca a queda das pálpebras e a papada, surgimento de rugas e de marcas na boca [...]”.

Para obter a imagem envelhecida das personalidades ainda jovem, utiliza-se a manipulação digital. Em geral, o artista funde sobre a foto do rosto da modelo⁸⁴ outra imagem de uma mulher envelhecida. Em seguida, faz as rugas coincidirem com o formato do rosto que se deseja envelhecer: “[...] É um pesadelo instantâneo para as mulheres [...]”.



1999

Em um trecho da reportagem, divulga-se a idéia de que morrer jovem e belo é um destino mais glamoroso e desejável do que envelhecer e ser atacado pela inevitável decrepitude:

[...] Como seria o rosto do ator James Dean se não tivesse morrido ao esborrachar seu Porsche prateado conversível numa estrada vicinal de Paso Robles, na Califórnia [...] um senhor melancólico e de expressão enigmática [...] mas bem

82 Palavras grifadas

83 A reportagem fala sobre o envelhecimento de personalidades, elaborado por computador. Trata-se de procedimento usado na busca de crianças desaparecidas há muito tempo, mas o enfoque da matéria é sobre que aparência teriam artistas já falecidos ou personalidades do cenário atual.

84 Gisele Bündchen.

melhor que seu contemporâneo [...] Marlon Brando. Este sim, envelheceu sem classe, como ele próprio reconheceu [...].

Ao lado do texto, as fotos, uma real e a outra modificada, do ator James Dean: o rebelde, morto na juventude, seria um senhor gordo e careca aos 68 anos.



1999

No caso de Marilyn Monroe, a total “dessexualização” da imagem da mulher que foi um símbolo de sua época:

[...] Marilyn Monroe, que morreu aos 36 anos com o rosto liso, o sorriso exuberante e as pernas mais desejadas do mundo, teria sua fisionomia adocicada pela idade. Vovó Marilyn poderia ser a modelo ideal para uma nova marca de biscoitos ou de margarina. [...]



1999

Uma outra imagem bastante utilizada nos textos é a do ‘corpo máquina’. Ele é passível de controle, regulagens e consertos. O envelhecimento é como a ferrugem que emperra a máquina e precisa ser removida. Todavia, a complexidade desta máquina dificulta caminhos explicativos fáceis para o seu funcionamento e manutenção. Mesmo não seguindo as dicas do bom envelhecimento, é possível resistir aos estragos do tempo.

[...] quem não fuma tem um organismo oito anos mais jovem do que aqueles que mantêm o vício. Isso não significa que um fumante vá necessariamente viver oito anos menos que um não-fumante. Winston Churchill [...] fumava e bebia como gente grande. Morreu aos 90 [...] Deng Xiaoping, líder chinês, outro fumante inveterado assim como Mao Tsé-Tung que, além de fumante, comia sem regra, viveram respectivamente até 92 e 92 anos [...]. (VEJA, 8 de setembro de 1999: 112-119)

O corpo, um elemento central das abordagens sobre envelhecimento nas páginas da Veja, é inimigo e aliado no *combate* contra a passagem do tempo. “[...] O corpo tem uma maravilhosa capacidade de remediar os estragos dos maus hábitos. Desde, evidentemente, que não sejam grandes demais [...]” (VEJA, 11 de julho de 2001: 92).

Nas matérias analisadas, a visão predominante é a de um corpo objeto, compartimentalizado, diferente, mas tangenciado por algo que seria o próprio sujeito. Em

algumas matérias, ele se contrapõe à personalidade; em outras, ao espírito ou à capacidade mental.

No entanto, por vezes, esta oposição aparece de forma mais sutil, misturando as impressões sobre o corpo envelhecido e a surpresa da velhice não chegar por completo em todo o indivíduo, como se as *partes* conseguissem opor-se ao inexorável.

No terceiro livro de Cora Coralina,

(...) com a delicada elegância anteriormente demonstrada no manejo das palavras, essa pequena mulher de pele enrugada e cabelos ralos e inteiramente embranquecidos traça uma espécie de radiografia de sua vida (...). O declínio físico de Cora Coralina⁸⁵ está competindo com seu apogeu literário (...). (Angela Jungmann⁸⁶, VEJA, 9 de março de 1983: 84)

A velhice da poetisa, que iniciou seus escritos aos 77 anos, é observada por lentes diferentes daquelas que enxergam a velhice como algo a ser combatido ou corrigido, ainda que os problemas sentidos nesta fase não sejam minimizados ou ocultados.

Em um dos versos de Cora⁸⁷, a difícil relação da poetisa com a limitação visual que a estava atormentando e modificando o domínio sobre sua arte, torna-se bem evidente.

SOMBRAS

*Tudo em mim vai se apagando
Cede minha força de mulher de luta em dizer: estou cansada.
A claridade se faz em névoa e bruma.
O livro amado: o negro das letras se embaralha, entortam as linhas
paralelas.
Dançam as palavras, a distância se faz em quebra luz.
Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.
Um véu tênue vai se encorpando no campo da retina.
Passam lentamente como ovelhas mansas os vultos conhecidos que
já não reconheço.
É a catarata amortalhando a visão que se faz sombra.
Sinto que cede meu valor de mulher de luta, e eu me confesso:
Estou cansada.*

⁸⁵ Poetisa que começou a escrever aos 77 anos e estava, no ano da matéria, com 94 anos.

⁸⁶ Revisora do terceiro livro de Cora Coralina.

⁸⁷ Este verso foi incluído no livro "Vintém de Cobre", posteriormente ao prazo previsto para a publicação por insistência da poetisa, por traduzir muito bem o momento que vivia.

Em 1988, em matéria intitulada ‘*O Batuque das Senhoras*’, o tom jocoso ridiculariza a exibição da nudez do corpo envelhecido:

[...] Depois de balançar os seios nus no ritmo da bateria, há sete anos, a atriz Dercy Gonçalves provou que ainda tem o que mostrar. Amedrontada pelos sacolejos do carro alegórico da Viradouro, ela equilibrou seus 90 anos atirando fora os sapatos, sentada, com um certo ar de pânico, deixou vislumbrar os pezinhos anciãos [...]. (VEJA, 4 de março de 1988:77)

Além disso, a comparação entre o corpo jovem e o corpo velho é uma constante nas revistas.

[...] Os pés bem calçados eram uma das poucas porções visíveis da cantora Elza Soares, 60 anos, sob o emaranhado de plumas que pareciam tragá-la. Faltou fôlego, mas Elza demonstrou notável coragem ao aceitar o convite para substituir a insubstituível mulata Globeleza na Caprichosos de Pilares [...]. (VEJA, 4 de março de 1988: 77)

[...] Elizabeth Taylor é uma senhora bem apanhada, relevando-se o excesso de quilos, de laquê e de maquiagem. Duro é a cruel comparação com o esplendor dos traços perfeitos de quem foi a mulher mais bela do mundo [...]. (VEJA, 2 de outubro de 2002: 92)

No segundo exemplo, a comparação é feita entre mulheres de idades diferentes, e apesar de a cantora Elza Soares ser considerada uma mulher “bem conservada”, ela não conseguiria competir com o esplendor plástico do corpo da jovem Globeleza. No segundo exemplo, a comparação é entre a mesma mulher em duas versões, a jovem de traços perfeitos e a senhora “bem apanhada”.

Em ambos, a aparência da velhice é apresentada como uma imensa desvantagem, mesmo que estas mulheres, comparadas a outras da mesma faixa etária, sejam enaltecidas como mulheres que envelheceram belas.

➤ Os Vilões - Os Agentes Causadores do Envelhecimento

Os anos posteriores à metade da década de 80 são marcados pelo progressivo aparecimento, nas páginas da Veja, dos agentes responsáveis pelo envelhecimento. Este, cada vez mais, é considerado fruto dos hábitos de vida e, portanto, responsabilidade do indivíduo.

A velhice deixa de ser um momento determinado, caracterizado por atributos observáveis e comportamentos circunscritos, passando a um estado que precisa ser empurrado para o mais tarde possível. Para tanto, é preciso prevenir-se e buscar ajuda especializada, antes mesmo dos primeiros cabelos brancos.

[...] envelhecer bem ou mal é em grande parte resultado de um conjunto de decisões pessoais. Com o passar dos anos, o corpo começa a cobrar tributos. Cansa-se, dói, falha. O cenário parece terrível, mas o envelhecimento pode ser muito melhor para quem cuida de si próprio [...]. (VEJA, 8 de setembro de 1999: 119)

➤ **A Meia Idade – A Velhice Chegando**



1999

A chegada da meia-idade é o anúncio definitivo de que a velhice está se aproximando. Na matéria *'Quarentões sem crise - a geração que venceu a batalha contra o tempo desfruta maturidade com menos drama'* (VEJA, 12 de agosto 1992: 48), mistura-se o incentivo ao comportamento livre do estereótipo de uma velhice “próxima do túmulo”, e a repreensão a alguns comportamentos “típicos” da meia-idade:

[...] O aumento da expectativa de vida tem uma enxurrada de conseqüências diretas sobre o comportamento dos quarentões, que não precisam exibir atitudes senhoriais com receio do apavorante rótulo de coroas assanhados. Liberdade também rejuvenesce e ajuda a garantir o direito de agir, de se vestir e de viver como uma pessoa, se não na flor da juventude, ao menos ainda bem longe do túmulo. [...]

Na mesma matéria: “[...] no caso dos homens, isso⁸⁸ aparentemente significa que profissionais responsáveis de repente se transformam em sátiros devassos, arriscando suas artérias semi-entupidas na caça de ninfetas [...]”.

O contraste entre as duas afirmações parece indicar a mudança comportamental que se processava nos anos 90. Para a geração que envelhecia nesta época, os cuidados para o bom envelhecer ainda não tinham se tornado um imperativo; as mudanças comportamentais, a assunção de diferentes papéis e as expectativas acerca dos próximos anos eram bastante diferentes do que o foram para seus avós.

⁸⁸ A chegada da meia idade.

Nesta reportagem aparece um dado interessante, o envelhecimento é algo percebido pelo próprio indivíduo, mas, sobretudo por outros:

[...] O primeiro fio de cabelo branco a gente nunca esquece, até se acostuma com ele. As ruguinhas em torno dos olhos dão um certo charme (...) barriguinha de chope? Bom, não se pode ter o físico do Mel Gibson a vida inteira. Daí alguém de abomináveis maus modos te chama de “tio” ou “tia”: a era dos ‘enta’ desaba com todo o seu irrecorrível peso sobre os ombros subitamente frágeis. Você se sente um espécime em fim de linha, caminhando em passo célere rumo a um pântano chamado crise da meia-idade [...].

Três anos mais tarde, outra matéria como o mesmo tema ‘*A batalha começa aos 40 – como as mulheres estão enfrentando a menopausa*’ (VEJA, 5 de julho de 1995: 84), descreve como a geração de mulheres que participaram da revolução sexual e dos costumes chegaram à menopausa. São mulheres liberais, maduras, que não se conformam com os “desígnios da natureza”⁸⁹:

[...] Enquanto as mães das atuais quarentonas quase não tinham opções fora da reclusão do lar, cuidando de filhos e netos, fazendo tricô e assistindo à televisão, as pós-balzaquianas de hoje querem mais, muito mais na batalha por uma maturidade viçosa e útil, com bem-estar, saúde, boa aparência e sexo, lotam os horários matinais das academias [...] de shortinho e camiseta (muitas vezes, tomados emprestados das filhas), fazem a fortuna de cirurgiões plásticos, abarrotam os cofres das indústrias farmacêuticas e de cosméticos. [...]

A menopausa é apontada como a vilã que faz ver às mulheres que a velhice está próxima; é comparada com a menarca no que se refere às inúmeras transformações físicas e psicológicas pelas quais passam as mulheres nesta fase. Entretanto, se a menarca anuncia o início de um ciclo, a inauguração sexual, a menopausa é associada a “um tipo de fechamento para balanço”.

Todavia, esta é a imagem que a matéria pretende transformar. As leitoras da *Veja* não precisam se render aos imperativos da natureza, elas não são mais meras reprodutoras, logo o encerramento da fase reprodutiva não é o fim do mundo.

A mulher representada nesta época tem em sua sexualidade, na manutenção da saúde e aparência e, sobretudo, em seu trabalho, novos focos de atenção e ocupação. Além disso, com todos os recursos ao seu dispor, a mulher “madura”⁹⁰ pode sofrer menos com os incômodos da menopausa e do envelhecimento de forma geral.

⁸⁹ Esta expressão relaciona-se a características que antes eram atribuídas à velhice de um modo geral, consideradas normais, mas que, nesta matéria são encaradas como passíveis de mudança, sobretudo para as leitoras da *Veja*.

⁹⁰ A partir da década de 80, esta palavra é utilizada em matérias, diversas vezes, para designar mulheres entre os 40 e 60 anos.

➤ Velhice não é Doença

A desvinculação entre velhice e doença é cada vez mais presente, e alguns traços físicos e comportamentais anteriormente identificados com os velhos e as velhas, já não são relatados como naturais, passando progressivamente a ser decorrência da negligência ou do desleixo pessoal. “(...) *Do ponto de vista puramente biológico, a ciência está cuidando de desfazer boa parte dos temores que as pessoas têm com relação à velhice (...) não se pode confundir doença com idade (...)*” (John Rowe, geriatra. VEJA, 10 de Janeiro de 1990:42).

➤ A Juventude ao seu Alcance

Em 1993, a reportagem ‘*Viver bem é a melhor vingança*’ divulga uma “[...] lista básica de qualquer programa de manutenção da juventude [...]” (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86): parar de fumar, beber pouco, fazer muito exercício, comer direito, tomar vitaminas e complementos. Os cosméticos e cirurgias ganham o reforço da tecnologia para auxiliar, de forma preventiva ou reparadora, quando os “*danos*” da idade já se instalaram.

Em uma parte da matéria, com o subtítulo ‘*Feias e Velhas*’ (VEJA, 23 de agosto de 1995: 72), a “obsessão pela beleza” a que chegou nossa sociedade figura como a consequência de alguns fatores: necessidade de afeto, busca de novas oportunidades profissionais e medo da velhice. Este universo, que era prioritariamente feminino, ganha adeptos masculinos em meados da década de 90. Os homens vão, gradualmente, diminuindo a resistência, e se rendem às maravilhas da ciência moderna. Entretanto, ainda são em número muito menor nas filas de cirurgias estéticas, nos cuidados preventivos ligados à saúde e nas idas aos consultórios médicos.

A década de 90 é marcada por uma reviravolta comportamental, iniciada de forma sutil na década anterior. Assim como a beleza, a velhice torna-se mais plástica e, por meio de mudanças de hábitos e atitudes e da reinvenção do próprio corpo, é possível finalmente encontrar a ‘fonte da juventude’. Desta forma, a velhice é empurrada para mais tarde, e o modelo anterior de velhice⁹¹ vai desaparecendo das páginas da Veja. A idade já não é a preocupação primeira, basta que o indivíduo se pareça e se expresse de forma “jovial”.⁹²

A juventude, cada vez mais, pode ser conquistada por “todas” as idades, ao menos para os leitores da Veja, situados nas classes A, B e C.⁹³ Ser velho, a partir dos anos 90, significa atrelar-se a um modo de vida ultrapassado, fazer crochê, entregar-se à inércia, negar-

91 Uma velhice que inspire cuidado e proteção, amparo da família e Estado, com características físicas, emocionais e sociais mais delimitadas.

92A expressão **foi** utilizada em 12 janeiro de 2000.

93Classe A: 27%, Classe B: 41%, Classe C: 23%. Fonte: XLVI Estudos Marplan – 2004, 1o Semestre 2004 - 9 mercados (vide Tabela 1)

se à atualização e às novas experiências, assumir o cuidado dos netos em detrimento de seu lazer. Estas são algumas das características que compõe o papel do velho, podendo ser eventualmente atribuídas a indivíduos de qualquer idade.

Corroborando esta opinião, o doutor Michel Roizen, da Universidade de Chicago (EUA), indica em seu livro: *Idade Verdadeira - como ficar emocional e fisicamente mais jovem?- quantos anos você pode ganhar com a mudança de hábitos* (VEJA, 8 de setembro de 1999: 112-119). O doutor Roizen ganha destaque em oito edições da revista Veja, entre 1999 e 2003⁹⁴. Com base nas estatísticas de mortalidade de diversos países, ele calculou o impacto de várias doenças sobre a longevidade humana e o quanto cada hábito virtuoso ou vicioso pode custar aos indivíduos:

(...) Um homem solteiro de 50 anos que fuma um maço de cigarros por dia, não faz exercícios físicos e belisca um pacote de batata frita entre as refeições tem uma idade verdadeira de 70 anos (...) Se este mesmo homem praticar exercícios (...) manter uma vida sexual animada e ingerir vitaminas E e C (...) ele pode ficar parecido com alguém de 45 anos (...).

Segundo o pesquisador,

(...) É como se a vida fosse uma prova com barreiras. Os obstáculos são baixos no início e vão aumentando até que se chega diante da barreira intransponível. Rejuvenescer é ter o direito de ficar mais tempo na parte da prova que não impõe riscos tão pesados. Envelhecer é ser obrigado a aproximar-se do último obstáculo antes do tempo (...) estar jovem é ter um organismo saudável, é ter um bom recheio (...).

A idéia presente parte da noção de que durante toda a vida, é necessário fazer uma espécie de reserva em relação à saúde para usufruí-la posteriormente. Assim como a beleza, a saúde é um símbolo de juventude que precisa ser preservado pelo maior tempo possível.

De forma definitiva, o que mais importa não é o quanto tempo se vive, mas como se vive. Independência, lucidez e um corpo livre das doenças e marcas do envelhecimento passam a ser o modelo de velhice “bem-sucedida”. Ademais, gozar as possibilidades oferecidas pela ciência, tecnologia e avanços sociais é quase imperativo: “[...] é como ter um carro velho [...] se você sempre levou para a manutenção, ele não vai deixá-lo à pé [...] está ao alcance de todos fazer alterações positivas na maneira de viver [...]”.

9418 de agosto de 1999, 8 de setembro de 1999, 13 de fevereiro de 2002, 11 de julho de 2003, 23 de outubro de 2002 e 13 de agosto de 2003. Além dos números citados, em pesquisa *on-line*, o nome do doutor Roizen é encontrado em mais duas edições: 01 de dezembro de 2001, 07 de novembro de 2001.

No entanto, a eterna juventude tem seu preço. Em janeiro de 2000, uma outra matéria sobre ‘*A Nova Meia-Idade*’ (VEJA, 12 de janeiro de 2000: 128-129) alertava para o perigo da busca da juventude tornar-se uma obsessão e, portanto, uma geradora de estresse.

[...] Suas roupas têm cortes bem parecidos com os modelos usados pela turma que está na casa dos 20. Esse é o lado glamouroso da nova turma da meia-idade. O problema é que, por trás dessa aparência jovial, há mais que um estilo de vida. Há também muitas exigências que seus pais, por mais velhos que aparentassem, jamais tiveram de enfrentar [...] conservar a aparência não é só um traço de vaidade. Em alguns casos, é uma questão de necessidade [...].

A necessidade a que a reportagem se refere é tanto de cunho profissional quanto afetivo. A ‘boa aparência’ e o comportamento empreendedor e dinâmico são características fundamentais no universo competitivo e instável do trabalho e das relações amorosas. Em ambos, as relações duradouras e a experiência adquirida com os anos são substituídas pela velocidade constante das novidades.

➤ **Nem tão Jovem Assim**



2001

A velhice bem-sucedida⁹⁵ é o sonho dourado vendido nas páginas da Veja. No entanto, outras velhices também aparecem em matérias menores, nos comentários pessoais das entrevistas, nas críticas literárias e cinematográficas. Em 1987 na sessão Cinema, sob o título ‘*A Hora da Vaia*’, o comentário sobre um curta metragem em exibição chamou a atenção:

[...] O exemplo mais recente [...] para massacrar o espectador é um documentário intitulado *Meu nome é* [...] um filme tosco e triste, que transborda rancor e azedume pela humanidade, desfilando o calvário de velhos mal vestidos, alquebrados, solitários [...]. E tome cenas de velhos feíssimos, sentados em bancos de praças, andando às tontas pelas ruas ou vagando, maltrapilhos, por sinistros corredores de asilos. O documentário radicaliza de vez quando afirma que a velhice é pior que o

⁹⁵ A idéia de velhice bem sucedida consolida-se a partir da metade da década de 90, entretanto, já no fim da década anterior algumas questões como o fortalecimento econômico dos idosos apontam para uma modificação nesta categoria, que viria a integrar a velhice bem sucedida.

holocausto dos judeus na II Guerra Mundial, por ser mais lenta e dolorosa [...]. (VEJA, 9 de dezembro de 1987: 147).

Aqui, a velhice é feia, pobre e asilada. E, independente da qualidade do filme, o comentarista descreve um velho que ninguém quer pagar para ver, um velho que no Brasil ainda é maioria.

Anos depois, do outro lado do mundo, a idéia de uma velhice respeitada e mesmo valorizada parece, ainda, não ser um consenso. “[...] Quando alguém com mais de 40 anos entra no metrô, a garotada solta risinhos debochados e leva a mão ao nariz [...]” (VEJA, 17 de maio de 2000: 109).

A citação está contida em uma pequena matéria na sessão Higiene, sob o

título *‘Cheiro de Velho - japoneses inventam perfume para anular odores da velhice’*.

A reportagem fala sobre a mais nova invenção japonesa, que vem provocando mal-estar entre os idosos e grandes rendimentos para a indústria de perfumaria.

Com base em uma teoria “pseudocientífica”⁹⁶ de que os velhos exalariam um “odor gorduroso”⁹⁷, foi criado um perfume para disfarçar o cheiro indesejável. Os valores agregados ao envelhecimento alijado das benesses da ciência, tecnologia e bem-estar social, continuam destituídos de positividade.

Além disso, segundo Cires Ferretti, enfermeira em uma clínica geriátrica, “(...) *não estamos preparados para lidar com a velhice. Não conseguimos encarar nossa própria terminalidade (...) por isso, para muitos, o idoso causa mal-estar (...)*” (VEJA, 12 de junho de 1996: 56-58). Então, cada vez mais empurramos para longe a ‘velhice velha’.⁹⁸

Um outro enfoque sobre a representação do envelhecimento pode ser observado nos depoimentos inseridos nas matérias, ou destacados sob a forma de entrevistas. Ainda que estes testemunhos sejam, por vezes, consoantes com a sua época, o tom particular torna visível experiências da velhice, ora concordantes com os valores expressos nas matérias específicas do tema, ora apresentando aspectos diferentes.

Em uma entrevista para Veja, Norberto Bobbio⁹⁹ fala de forma bastante pessoal sobre o que esperar da velhice (VEJA, 4 de junho de 1997: 138-139): “(...) *A sensação que experimento em estar vivo é de assombro, quase incredulidade (...) ter 80 anos, ou mais, não é nenhum mérito. É sorte (...)*”. Ele encarna um envelhecer bastante diferente daquele proposto por diversas matérias do mesmo período. Para o filósofo, o que distingue a juventude da velhice, sem generalizações, é a lentidão no corpo e na mente:

(...) O velho está naturalmente destinado a ficar par trás, enquanto os outros avançam. Ele pára. Senta-se num banco. De vez em quando, precisa descansar um pouco. Os que estavam atrás o alcançam, o ultrapassam (...). Também as idéias demoram a surgir em sua cabeça. E quando surgem, são sempre as mesmas. Que tédio! Não que o velho seja particularmente apegado às suas idéias. É que ele não tem outras. E, afinal, já não está dito tudo? (...).

A velhice de Bobbio é aquela particularizada, recheada de sentimentos que só quem já viveu o momento pode contar. Neste sentido, o envelhecimento é, ao mesmo tempo, fruto de uma época e uma experiência pessoal.

⁹⁶ Palavra utilizada na matéria ao referir-se às teorias que dão origem à formulação de tal perfume.

⁹⁷ Expressão utilizada na matéria.

⁹⁸ Expressão que uso em oposição à velhice jovem para referir-me ao envelhecimento dentro de um quadro de limitações funcionais e psicológicas, desamparo e/ou dificuldades econômicas.

⁹⁹ Cientista político, filósofo e jurista italiano. Na época da entrevista estava com 86 anos.

Desta forma, as páginas da Veja expressam as contradições presentes nas diferentes possibilidades de envelhecimento. Ainda que a maior parte do material publicado dirija-se a um modelo prevalente, de acordo com a época, leitores atentos podem observar variações comportamentais e de imagem coexistindo nas publicações.

7. “Satisfação Garantida”¹⁰⁰



2003

Em 1972, o tema sexualidade, apareceu de forma ‘disfarçada’, sob o título ‘A Força do Amor’. O texto falava sobre o comportamento de velhos e velhas nos verões em Guarapari¹⁰¹. E dentre as condutas comentadas, as relações afetivas entre os sexos eram denominadas “brincadeiras de moço”. A propósito, tem-se o seguinte trecho:

[...] Das brincadeiras, a que tem mais adeptos é a de brincar de moço. Entre os homens, alguns a praticam galantemente, [...] decantando as graças de uma “moça” de cinqüenta. Depois que ela passa, justificam: Precisamos ser galantes, nem que tenhamos de mentir. [...].

Em resposta à declaração do senhor brincalhão, uma “[...] senhora normalista de idade incerta [...]” classifica os galanteadores de acordo com a região a que pertencem:

(...) o carioca é o mais entrão. Onde vê grupinho de mulher, vai buzinando e assobiando. Quando não consegue impressionar por outras virtudes, diz que tem apartamento em Copacabana. O paulista gasta mais, mas não tem papo (...). Quem acaba pegando mais são os mineiros. São uns munheca de samambaia, não gastam nada (...) mas têm uma conversa muito boa. Isso quando não são do tipo tatu de galocha desses fazendeirões que só sabem falar em cabeça de gado (...).

Nesse jogo, em tom jocoso, homens e mulheres têm papéis distintos. Os homens são “[...] remoçados, audaciosos, galantes ou nostálgicos quando brincam de jovem. Mas o ofício mais praticado por todos é mesmo o de velho [...]”. As mulheres, “recatadas”, valem-se de falsos afogamentos para chamar a atenção dos salva-vidas: “(...) É de se ver o tanto de

¹⁰⁰ Expressão retirada do título de uma matéria datada de 1o de abril de 1998.

coroa que se atira no mar para ser acudida pelo salva-vidas (...)” (Liene Rossow Ferreira - 18 anos).

Quanto aos casais, o clima é de certa nostalgia. Segundo o *office-boy* (também cicerone) de uma imobiliária local:

(...) Bom mesmo nas viagens turísticas é quando vai junto um casal em lua-de-mel. Um começa a beijar o outro, os velhos olham feio no começo; mas depois o velho sempre está pegando a mão da velha (...).

Todos os depoimentos enfatizam o caráter pouco concreto das relações. São galanteios distantes e disfarçadas insinuações que se inserem no contexto, como uma brincadeira sem conseqüências. Somente na declaração da senhora normalista fica explícito algum tipo de contato real¹⁰², ainda que não haja na matéria nenhum comentário acerca desta declaração, ou mesmo, sobre encontros entre os sexos com fins amorosos.

Sete anos mais tarde, outra matéria antevia o futuro controle do processo de envelhecimento propiciado pela ciência. Esperada para o ano 2000, tal conquista viria através da descoberta, e posterior domínio, dos mecanismos causadores do envelhecimento (VEJA, 17 de janeiro de 1979: 60-62).

O assunto é agora discutido na sessão Ciência, e a sexualidade é brevemente mencionada quando são referidos antigos procedimentos que intencionavam prostrar a vida ou o vigor da juventude: “[...] Os antigos chineses atribuíam virtudes raras aos testículos de tigre que, comidos crus, seriam afrodisíacos e prolongariam a vida [...]”. Em outras culturas orientais, o sêmen era considerado a essência da vitalidade masculina, logo, se este fosse poupado, garantiria uma vida mais longa.

A temática retorna às páginas da Veja em 1992 e, a partir de então, os anos 90 e 2000 foram marcadas pela visibilidade crescente da sexualidade como tema associado à saúde, aos avanços da ciência, e a um quadro geral de pontos fundamentais que compõem um “amadurecimento”¹⁰³ saudável.

A sexualidade passa a ser apresentada de forma explícita, salientada como parte integrante da vida. Associado às imagens de liberdade, potência, sucesso e beleza, o tema é tratado, ao mesmo tempo, como um impulso natural e como uma capacidade que depende de fatores como um corpo saudável e belo.

Aliado a isto, fica estabelecida uma correspondência direta entre as conquistas da medicina e a retomada (ou manutenção) de uma “sexualidade satisfatória”. “[...] A medicina

101 Para maiores detalhes ver o item Comportamento.

102 Quem acaba pegando mais são os mineiros.

103 As palavras envelhecimento e velhice, sobretudo nas sessões que tratam da sexualidade, vão sendo substituídas por amadurecimento ou terceira idade.

garante cada vez mais aos quarentões a capacidade de fazer aniversário com músculos rijos, o coração saudável e a vida sexual em movimentada atividade [...]” (VEJA, 12 de agosto de 1992: 48).

A ciência propõe soluções para problemas que atingem homens e mulheres a partir dos 40 anos, respectivamente, a impotência e a menopausa. A maior parte relacionada a medicamentos ou a intervenções cirúrgicas. Estes são os dois grandes fantasmas que assombram a vida de quem já não tem a juventude a seu favor.

Em 1993 são apresentados ao público o hormônio do crescimento, a aplicação de testosterona e o Deprenyl¹⁰⁴; em 1994, surge a reposição hormonal feminina; em 1999, o Viagra em comprimidos, gel e *spray* nasal; em 2000, o Eros; e em 2001, a Procaína, como recursos que prometeram dar fim ao tormento da ausência ou precariedade da atividade sexual.

Em diversas matérias, o ápice do desempenho sexual é citado como estando entre 20 e 35 anos de idade. Mas, embora o vigor sexual seja análogo à juventude, o número de pessoas sexualmente ativas na faixa dos 41 aos 55 anos é bem maior do que os jovens entre 16 e 25¹⁰⁵ (VEJA, 24 de maio de 2000: 120).

A diferença de idade entre parceiros sexuais também é destaque, como na matéria ‘*Sexo depois dos 40 (agora fora das telas)*’ (VEJA, 24 de maio de 2000: 119-124). Comparando vários exemplos exibidos no cinema e na vida real, o texto afirma:

[...] no cinema, sexagenários conquistam garotas quarenta anos mais jovem [...] casais para lá de maduros se apaixonam, se beijam [...] e vão para a cama juntos [...] mulher quarentona esbanja sensualidade [...]. Cada um desempenha seu papel como se fosse a coisa mais natural do mundo, e o público aplaude porque já descobriu na vida prática que é exatamente o que está acontecendo. Homens e mulheres na faixa dos 40 aos 60 mantêm atualmente uma vida sexual muito mais ativa do que a que tinham seus pais e avós na mesma idade. [...]

104 Medicamento usado comumente no tratamento do mal de Parkinson.

105 Pesquisa feita pelo Ministério da Saúde em 3600 domicílios em todo o país, na qual, 86% dos brasileiros são sexualmente ativos entre 41 e 55 anos, enquanto entre 16 e 25 anos são 66%.



2000

A “reviravolta” do comportamento sexual da geração atual é comprovada por números, “[...] mesmo se levando em conta que nas pesquisas sobre o assunto¹⁰⁶, a linha entre fato e fanfarrice é tênue [...]”. Não obstante as próprias considerações do texto, a proposição de que a vida sexual após os 40 é bem mais movimentada hoje, do que em gerações passadas, é uma idéia difundida com o peso da certeza.

Quanto a isso, é correto afirmar que, pelo menos nas publicações da Veja, o tema passa a ser muito mais recorrente a partir da década de 90, dando eco ao comentário: “[...] na primeira metade do século XX, a meia-idade era considerada uma faixa [...] praticamente assexuada [...]”.

A mudança de comportamento no âmbito sexual indicada, reflete uma outra questão que passa a figurar no cenário social. “[...] Os divórcios e separações aumentaram tanto para casais com menos de 10 anos de relação quanto para os que já comemoraram bodas de prata [...]”. A necessidade de novos parceiros em decorrência da desestabilização dos matrimônios, devolve ao jogo pessoas que, em outros tempos, seriam consideradas ultrapassadas para iniciar uma vida amorosa. [...]” Hoje muita gente está apenas começando ou querendo começar tudo de novo (e todo mundo sabe que a aparência é meio caminho quando o assunto é paquera e namoro) [...]” (VEJA, 12 de janeiro de 2000: 128).

Esta geração foi influenciada e contribuiu para influenciar em muitas transformações sócio-culturais; foi apelidada por Torres-Gill, um gerontólogo mexicano, de *geração Peter Pan*. Segundo ele, estas pessoas têm necessidade de se conservar jovens, e “[...] não aceitarão ser chamadas de velhas nem mesmo quando tiverem 60 ou 70 anos de idade [...]” (VEJA, 12 de janeiro de 2000: 128).

No mesmo ano, outra matéria apontava algumas características da “*geração Peter Pan*”:

¹⁰⁶ Estas pesquisas atestam o aumento da atividade sexual entre as pessoas acima dos 40 nos últimos anos.

[...] Essa geração [...] não só deseja e procura como encontra o sexo, graças a uma sociedade menos preconceituosa, aos avanços da medicina [...] e ao empurrão da cosmética. A indústria já oferece Viagra para os homens e o Eros para as mulheres, um aparelho contra a frigidez [...] terapias hormonais que despertam para a segunda vida sexual [...] potes de cosméticos, ácidos, Botox, que fazem milagres na remoção de rugas e no rejuvenescimento da pele [...] lipoaspiração, plástica, esportes, dieta, ginástica e moda mais acessível, e está pronta a receita de quarentões e cinqüentões mais bonitos, mais atraentes e mais confiantes. [...] Quem acredita hoje em dia que o sexo não é mais necessário nessa faixa etária, provavelmente não gostava muito de ter relações sexuais quando jovem [...]. (VEJA, 24 de maio de 2000: 119)

Todavia, encontrar um parceiro não é uma tarefa fácil, mesmo para aqueles em situação favorável, ou seja: *bem de vida, bem cuidado e estimulado para o sexo*. A matéria abordava, ainda, que a diminuição do desejo podia vir acrescida da desistência da vida sexual, em detrimento da assunção de papéis como os de pais e avós. Entretanto, esta questão não é prevalente na maior parte das reportagens; de forma geral, a tônica é dada pelos problemas físicos ou psicológicos que impediriam uma vida sexual satisfatória.

Quanto a isso, o otimismo gerado pelos avanços científicos enuncia a possível reversibilidade de quadros indesejáveis relativos à sexualidade: “[...] O peso da idade no desempenho sexual é batalha diuturna, que exige empenho e dedicação. Dificuldade de ereção, ejaculação precoce, diminuição da libido, tudo triplica com o passar dos anos [...]”. Entretanto,

(...) a medicina, os laboratórios e os terapeutas estão produzindo soluções para as mais resistentes disfunções sexuais, ajudando a prevenir outras doenças e a manter por décadas um desempenho satisfatório. Estamos vivendo a revolução pós-Viagra, com avanços notáveis para homens e mulheres (...). (João Toniolo Neto, professor da Universidade Federal de São Paulo).

(...) Mesmo para bloqueios emocionais, existem hoje remédios que podem removê-los ou preparar a pessoa para obter ainda mais benefícios da psicoterapia. Boa parte das disfunções sexuais na idade adulta é causada por stress, ansiedade e depressão (...). (Irwin Goldstein, da Faculdade de Medicina da Universidade de Boston, EUA. VEJA, 13 de fevereiro de 2002: 74-77)

A prevenção também aparece como uma potente arma para retardar o “relógio do envelhecimento sexual”¹⁰⁷. Ainda que o corpo pareça estar em forma,

[...] o hábito de fumar, a má alimentação, o excesso de álcool e a falta de sono atingem em especial duas áreas muito sensíveis: o cérebro e a função sexual. Modificar estes hábitos pode atrasar o relógio biológico, obtendo ganho na idade sexual¹⁰⁸ [...] em um punhado de anos. [...]

107Expressão usada na mesma matéria, Veja, 13 de fevereiro de 2002, p.74-77.

108A matéria fala sobre um teste que permite avaliar a idade sexual, do qual Irwin Goldstein é um dos autores.

➤ Homens com H



1999

Para os homens, manter uma sexualidade satisfatória implica driblar a diminuição da potência “[...] tão sujeita aos efeitos da idade [...]” (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86). E esta *batalha* começa bem antes de aparecerem os primeiros sintomas: “[...] Tem gente que está começando a tomar Deprenyl na faixa dos 30 anos e depois passa a aumentar as doses progressivamente [...] o doutor Dean, ele próprio consumidor do medicamento, o descreve como dinamite pura [...]”.

Em 1997, surge a palavra *andropausa* nomeando a versão masculina da menopausa (VEJA, 28 de maio de 1997: 90-92), com a seguinte sintomatologia: “[...] redução da capacidade intelectual, queda do rendimento no trabalho, cansaço, falta de motivação, tristeza sem causa aparente, [...] redução do apetite sexual e dificuldades de manter a ereção [...]”. Tais sintomas são provocados pela diminuição da produção hormonal, ainda que esta correlação não possa ser demonstrada com muita precisão, pois “[...] estes sintomas podem estar relacionados ao stress ou outras doenças [...]”.

A matéria sobre o “climatério masculino” é confusa no que se refere à relevância de tal fenômeno para a maior parte dos homens, como é possível observar em alguns trechos:

(...) A queda da produção de testosterona é gradual e indefinida (...) não ocorre em todos os homens. Apenas 30% dos que têm entre 50 e 60 anos sofrem uma diminuição desse hormônio (...) A dosagem de testosterona é imprescindível, mas, interpreta-la não é tarefa fácil (...). (Plínio Moreira Góes, Urologista do Grupo de Andrologia da USP)

Ainda assim, nos Estados Unidos a reposição hormonal é utilizada por cerca de 200.000 “madurões”. E, para aqueles que a experimentam, representa “[...] uma espécie de fonte da juventude [...]”. Esta relação aparece na declaração de dois entrevistados:

(...) Logo nos primeiros dias (...) pude notar os resultados (...) a libido melhorou, (...) mais potência na ereção e uma ejaculação mais poderosa (...). (MP, 55 anos)

(...) Minha esposa não sabe que estou fazendo o tratamento, mas tenho certeza de que percebeu a diferença (...) Agora, sempre que sou provocado, tenho condições de comparecer (...). (JS, 48 anos, advogado)

A perda da virilidade é, sem dúvida, a maior inquietação masculina, e a ela associam-se valores fundamentais deste universo como: infalibilidade, delimitação da sexualidade ao ato sexual e vinculação da função erétil à concretização de um ato sexual satisfatório. Esta condição de plena capacidade sofre fortes abalos com o envelhecimento, como indica o trecho que se segue:

[...] A humanidade sempre correu atrás da fonte da juventude. Para o homem isso significa manter a vitalidade sexual típica dos 18 anos ao longo de toda a vida. Não dá! Nenhum idoso está fadado necessariamente à impotência. Mas, com o passar dos anos, com a chegada de doenças típicas da velhice, com o somatório de hábitos pouco saudáveis, o cigarro, o álcool, as comidas gordurosas, as alterações hormonais, a potência sexual diminui mesmo [...]. Mais de um terço dos homens com mais de 45 anos experimentaram algum sintoma de impotência. E mais de dois terços entre os homens acima de 75 anos [...]. (VEJA, 1 de abril de 1998:91)

Sobre esta questão, uma edição especial da *Veja*¹⁰⁹ (outubro de 2003: 5-56) examina o que acontece com o corpo do homem que envelhece. A matéria é dividida em sessões^{110; 111}, dispostas segundo uma determinada idade. Na sessão correspondente à sexualidade, denominada *Pênis + Próstata*, aparecem as seguintes correlações:

30 anos - (2 a 3 relações numa noite) auge da potência sexual. O que sugerem os especialistas - sexo seguro;

50 anos - o ângulo da ereção pode estar abaixo da horizontal;

60 anos - 6% dos homens não conseguem ter ereção;

A diminuição da potência sexual é tema que figura como um problema que acomete muitos homens, ainda que seja visto como um tabu. As matérias sobre o assunto reforçam a idéia de que este é um problema comum, mas tratável.¹¹²

A partir dos anos 90, é possível observar a presença de diversas propagandas de medicamentos contra a impotência, protagonizadas principalmente por artistas (homens e mulheres) com idades acima dos 40 anos. Em uma delas, aparece a foto do ator Nuno Leal Maia, seguida do texto: “[...] Conversar com um médico sobre desempenho sexual é mais

109 Título da matéria: ‘Como o corpo do homem envelhece: O que acontece com o organismo masculino com o passar dos anos? Conheça um guia de saúde para entender os limites do corpo humano, com conselhos de especialistas para retardar o processo de envelhecimento’.

110 Nesta parte do trabalho foram selecionadas somente as informações referentes à sexualidade. A mesma matéria é citada em outros momentos, relacionando-se a outros assuntos.

111 As sessões mencionadas são dispostas com as devidas características esperadas para determinadas idades em relação à parte corporal citada. São elas: cabelo + pele/ coração / cérebro + mente/ pênis + próstata/ músculos + ossos

112 As possibilidades de tratamento são reforçadas com o aparecimento do Viagra, em 1998, que só ser_a apresentado na *Veja* no ano seguinte.

fácil do que viver com o problema [...]” (VEJA, 3 maio de 2000: 87). Em outra¹¹³, a imagem de um casal está associada ao texto: “[...] O tratamento da impotência só não resolveu aonde eles vão passar a lua de mel [...]” (VEJA, 9 de junho de 1999: 60).

No ano 2000, uma reportagem corrobora a crescente incidência do problema ao afirmar que “[...] um efeito colateral do Viagra foi demonstrar a extensão da preocupação dos homens com o desempenho sexual: a cada ano, são consumidas no mundo 130 milhões de pílulas azuis [...]”. E ainda, referindo-se às causas da impotência:

[...] Com os cabelos grisalhos, mais gordos e com menos vigor físico, o homem fica inseguro e isso afeta sua performance [...]. É esse grupo que consome o Viagra [...] todos esses maus espíritos, foram exorcizados em 1988 com o advento do Viagra [...].

Segundo a matéria, a impotência é fruto de fatores não necessariamente físicos. E raramente é posto em questão o padrão de ‘normalidade’¹¹⁴ proposto, segundo o qual, o homem precisa ‘comparecer’ sempre que solicitado, devendo demonstrar um vigor que parece um tanto superestimado.

No mesmo ano, pela primeira vez, um outro problema é apresentado sob o título: ‘*Eles não Conseguem*’:

[...] Estudo mostra que as chances de um homem gerar filhos também diminuem com os anos [...] até a semana passada, relógio biológico era uma expressão que se referia apenas às mulheres [...] a fecundidade dos homens também é regida por um relógio biológico. Quanto mais velho, menor a probabilidade de eles engravidarem suas parceiras [...] os homens começam a ter problemas depois dos 30 anos [...]. (VEJA, 9 de agosto de 2000:104)

A infertilidade masculina não é um tema recorrente nas páginas da Veja, sendo este aspecto, ao contrário, bastante abordado em relação às mulheres. Aliás, as sexualidades masculina e feminina são expostas em diversas matérias, com características bastante distintas.

Na matéria ‘*A Idade Real*’ (VEJA, 8 de setembro de 1999: 117), em um questionário proposto para determinar a idade *verdadeira*, na pergunta “*Quantos orgasmos você tem por ano?*” as possibilidades de respostas para homens e mulheres são diferentes: para as mulheres: a) estou satisfeita com a quantidade e feliz com a qualidade; b) estou satisfeita com

113 Esta propaganda faz parte de uma série que aparece em diversas revistas do mesmo ano.

114 Grifos meus.

a quantidade e a qualidade; c) estou insatisfeita; para os homens: a) menos de 5; b) entre 5 e 25; c) entre 25 e 40; d) entre 100 e 200; e) entre 200 e 300; f) mais de 300.

Esta disparidade indica uma abordagem mais quantitativa para os homens e mais qualitativa para as mulheres no tocante ao desempenho sexual. Ainda que em poucas declarações esta idéia seja contraposta, como no depoimento de Eduardo Prado Uchôa, 50 anos: “[...] a qualidade de hoje vale mais que a quantidade de ontem [...] prefiro a relação sexual que tenho agora, com mais intimidade e sem cobranças [...]” (VEJA, 24 de maio de 2000: 119).

O declínio do vigor sexual é enfatizado nas reportagens, desde que o tema “*sexualidade*” começa a ser tratado nas revistas; de forma geral, é abordado ao mesmo tempo como um efeito esperado com o passar dos anos, e como uma espécie de patologia que exige tratamento.

Entretanto, algumas personalidades parecem isentas dos efeitos deletérios do envelhecimento. Estes homens são apresentados como figuras emblemáticas e agregam, de uma só vez, bom desempenho sexual, sucesso profissional, beleza ou charme e, preferencialmente, uma mulher que combine com seus atributos. Tudo isso, em idades muito superiores às consideradas como o topo da masculinidade.

Em 2000, a chamada de uma entrevista descreve de maneira generosa o ator Michael Douglas, então com 55 anos: “[...] Morra de inveja: ele não só é rico famoso e bem resolvido, como está noivo de uma das mulheres mais bonitas de Hollywood [...]” (VEJA, 24 de maio de 2000: 119). Noivo da atriz Catherine Zeta-Jones, 25 anos mais jovem, Douglas afirma que a diferença de idade, até agora, não os atrapalhou. E segue dizendo:

(...) Pelo contrário. No nosso caso ela ajuda bastante porque evita a competição entre nós (...) acredito que faz parte da natureza que, a certa altura da vida os homens comecem a desejar mulheres mais jovens. Nem todos, é claro, procuram ou conseguem satisfazer esses desejos. As mulheres mais velhas também andam atiradinhas para cima dos rapazes. (...)

Um ano mais tarde, outro exemplo de homem, agora uma versão nacional, é indicado.

[...] Aos 52 anos, José Mayer é o galã que seduz mulheres de todas as idades [...] ele não é um rostinho bonito, mas exibe um físico bem mais conservado que o da concorrência (tem mais cabelo que Wilker, menos cintura que Fagundes, mais verossimilhança ao expressar desejo carnal que Tony [...]). Mayer é uma versão masculina de Vera Fischer. Apesar de cinquentão, pode fazer amor com uma atriz jovem sem parecer forçado [...]. (VEJA, 1 de agosto de 2001:146)

Mas, nem só de galãs se nutre o mercado de sedução masculina. Aos 61anos, “[...] bissexual assumido, dono de um rebolado de fazer inveja às passistas de escolas de samba [...]”, o cantor Ney Matogrosso exerce “[...] uma misteriosa atração sobre as senhoras brasileiras [...]”. Ele não é o protótipo do homem brasileiro viril, mas arranca suspiros, e “[...] em todos os seus shows lá estão elas, mulheres que entraram na terceira idade ou estão se aproximam dela, agindo como tietes [...]”.

A psicoterapeuta paulista Ana Fraiman¹¹⁵ afirma:

(...) não há como escapar (...) É mesmo pela libido que Ney Matogrosso cativa as senhoras (...). Quando ele mexe a língua, é como se todas as mulheres da platéia se sentissem beijadas (...). (VEJA, 14 de maio de 2003: 126-127)

A matéria deixa clara a atração que o cantor exerce sobre mulheres denominadas senhoras ou, como no título¹¹⁶, coroa. O que chama a atenção é que as mulheres que aparecem junto ao cantor, na foto que acompanha a matéria, provavelmente têm idade bastante aproximada à do cantor. Este fato aponta para uma relativização das idades, pois Ney está longe de ser considerado um “coroa”.



2003

Ele é o mesmo ousado rapaz que rompeu tabus e *deixou a sexualidade aflorar* desde os anos 70, quando integrava o grupo *Secos & Molhados*. E, a partir da declaração do próprio cantor, é possível supor que também para ele exista uma diferença, sentida, entre a idade das fãs e a sua: “(...) *Desde que fique na brincadeira, tudo bem. Deixo elas pegarem na minha perna (...)*”. Ney ainda se lembra de uma mulher inteiramente grisalha que encontrou na bilheteria de Bandido. Ela olhou para mim e perguntou: “(...) *Então, é você que enlouquece as mulheres? (...)*” .

Esta passagem indica não somente uma expressão da sexualidade masculina, incomum

115 Autora do livro *Sexo e Afeto na Terceira Idade*.

116 “O preferido das coroas”.

nas páginas da *Veja*, como também sugere que a sexualidade manifestada por senhoras, até então, não era vista com naturalidade, ainda que, à maneira do que ocorreu com o universo masculino, a representação da sexualidade feminina tenha sofrido modificações e exiba nuances ao longo de todo o período analisado.

➤ Na Idade da Loba



Em 1993, a atriz Vera Fisher, *o furacão loiro aos 40*, aparece na capa da *Veja* como um exemplo de beleza. Na matéria correspondente, sua idade é enfaticamente citada, deixando claro que a beleza e a sedução não são tão comuns às mulheres a partir dos 40 anos (VEJA, 1 de setembro de 1993: 43). Aliás, para permanecer no mercado sexual após os 40, beleza é fundamental, ou pelo menos, uma dose incessante de cuidados estéticos e com a saúde.

Na matéria *'Inteiras na Meia-Idade - Com muita ginástica, botox e bisturi, senhoras na casa dos 50 reinventam a velhice'* (VEJA, 12 de março de 2003: 88-92) a socialite Aparecida Marinho, 50 anos, não se encaixa no estereótipo “da avó” ou da “coroa”, segundo o qual, aos 50 anos a mulher deveria “(...) *aumentar o comprimento das saias e diminuir o do cabelo (...)*”. A escultural Aparecida “[...] atrai olhares voluptuosos dos homens e invejosos das mulheres. Suas pernas são firmes, os braços expõem os músculos definidos, não há um só sinal de celulite e nem um sopro de gordura [...]”.

Em 2000, na matéria intitulada *'Las tiazonas'*, mulheres que já chegaram aos 40 e, “sem exceção, mentem a idade”, são os símbolos sexuais do país. As vedetes argentinas exibem corpos esculpidos a bisturi e lipoaspiração, e estão relacionadas às figuras mais importantes da nação. Eleita a mais sexy, em pesquisa promovida pelo jornal *Clarín*, Graciela

Alfano, 48 anos¹¹⁷, declara: “(...) *sou uma lolita (...) sou mais jovem que meus filhos*¹¹⁸, parei no tempo. *Posso ou não posso? (...)*” (VEJA, 23 de fevereiro de 2000: 60).



Um dos grandes motivos da reviravolta nos corpos e no comportamento de jovens senhoras, como as citadas anteriormente, é atribuído às conquistas da ciência, que viabilizaram às mulheres “[...] chegar à maturidade com a aparência, o vigor e a saúde da juventude [...]”. Ao contrário, para as gerações anteriores a esta, as mulheres eram consideradas “[...] aposentadas para a beleza e para o sexo ali pelos 40 anos [...]”. A possibilidade de envelhecer com beleza e saúde é uma conquista recente na história das mulheres [...]”. (VEJA, 8 de março de 2000: 80-87).

As matérias que abordam a sexualidade feminina a partir de meados dos anos 90, revelam forte associação entre beleza e cuidados com o corpo, além de uma vida sexual satisfatória. Para Claudia Slopper, advogada, em entrevista à Veja, “(...) *foi-se o tempo em que só a mulher jovem era bonita e atraente (...)*”.

Entretanto, é possível observar que o modelo de beleza ainda é o de um corpo que não se deixou vencer pelo tempo. E, conquistá-lo não é tarefa fácil:

(...) só chega à maturidade exibindo formas e pele admiráveis, quem investe tempo e dinheiro na fórmula plástica-dieta-cremes-ginástica. É cansativo, dá trabalho e custa caro (...). (Ângela Vieira, 51 anos, atriz. VEJA, 12 de março de 2003: 88-92).

¹¹⁷ Ela só admite ter até 43 anos.

¹¹⁸ Graciela tem três filhos com 24, 16 e 12 anos respectivamente.

A mulher pós-menopausa, retratada a partir da década de 90, participou da liberdade sexual, descobriu o próprio corpo, “[...] dando ouvidos aos apelos do feminismo [...] nos anos 70, e hoje luta contra seu maior inimigo na batalha contra os efeitos do tempo: a natureza [...]” (VEJA, 5 de julho de 1995: 84).

Essas mulheres estão, em analogia com o mundo masculino, na “idade da loba”. E no Brasil, segundo o Censo de 1991, somavam 10 milhões, com idades entre 40 e 54 anos. “[...] Elas não são como suas resignadas mães e não se conformam com os desígnios da natureza [...]” (VEJA, 5 de julho de 1995: 84). Para tanto, contam com o auxílio dos hormônios, dos cremes, do bisturi, da atividade física e do controle alimentar. Então, “[...] qualquer uma que chegue à idade delas, com a mesma jovialidade, é o espelho do avanço dos costumes e da ciência, que encaminhou soluções práticas para a proteção e o tratamento do corpo feminino [...]” (VEJA, 8 de março de 2000: 81).

Os avanços apontados a partir dos tratamentos de reposição hormonal são marcos em relação à saúde da mulher, e figuram em quase todas as reportagens analisadas.

[...] Enfrentar a força dos próprios hormônios, que se vão sem pedir licença, é um processo mais delicado, travado no íntimo de cada mulher [...] mulheres maduras querem saber das amigas de geração como enfrentam os calores [...] a rebelião da musculatura, o ataque insidioso das rugas, o ressecamento vaginal e o que é estrogênio [...]. (VEJA, 5 de julho de 1995: 84)

Após os 40-45 anos, o nível de estrogênio diminui,

[...] e tudo, por assim dizer, desaba. A pele perde o frescor e os músculos relaxam [...] as paredes vaginais perdem a elasticidade, a lubrificação fica prejudicada e a penetração torna-se mais difícil e dolorida [...]. (VEJA, 24 de maio de 2000: 119)

As matérias indicam que todos estes desconfortos podem ser eliminados ou minimizados por meio de reposição hormonal, classificada como razoavelmente segura pelo Congresso Mundial de Ginecologia e Obstetrícia somente nos anos 90, ainda que “[...] seus benefícios fossem conhecidos desde os anos 50 [...]” (VEJA, 24 de maio de 2000: 119).

Além da reposição do estrogênio, um outro hormônio aparece como coadjuvante para a manutenção da “juventude sexual” após a menopausa. A testosterona, “[...] uma espécie de chantilly no esquema de reposição hormonal [...]”, que estimula o aparecimento do desejo.

A utilização da terapia hormonal é uma “bênção” para as mulheres entrevistadas pela Veja. Para Matilde (especialista em fisioterapia e estética), o salto de qualidade de vida em relação a sua mãe é notável, como relata:

(...) minha mãe penou com a menopausa. Todas as mulheres sentiam dor durante o ato sexual, ficavam mal-humoradas, sofriam calores e engordavam. Desse jeito, não

dava mesmo nem para pensar em sexo (...). Agora, eu e todas as minhas amigas estamos com a saúde em dia, o corpo em forma, e profissionalmente realizadas. Tenho projetos de vida em todos os sentidos. Estou viva - e isso inclui o sexo também (...).

Apesar desta e de outras declarações, condicionarem a vida sexual, após a menopausa, aos cuidados e tratamentos oferecidos pela ciência, uma pesquisa, citada na mesma matéria afirma que, entre as americanas, as que têm entre 18 e 29 anos “[...] sentem menos interesse por sexo, vivem mais ansiosas com seu desempenho e têm mais dificuldade para chegar ao orgasmo do que as que estão entre 40 e 59 anos [...]”. E ainda: “(...) *A sexualidade da mulher e do homem nessa faixa etária sofre influências distintas (...) ambos têm problemas decorrentes do envelhecimento. Mas as mulheres ganham com a maturidade e a experiência (...)*” (Edward Laumann- Universidade de Chicago).

Esta citação foi um dos poucos trechos que contrapõem os valores conferidos à juventude e ao envelhecimento. Na maior parte das matérias, o corpo e as características atribuídas aos jovens são o “padrão ouro” de comparação. A experiência, um atributo creditado à maturidade, aparece com valoração positiva e como um traço desejável, ainda que preferencialmente associado a um corpo que conserve a juventude.

Afinal, a forma como as mulheres das gerações anteriores que chegavam à maturidade são descritas, não consta como o modelo de beleza aspirado pelas leitoras da *Veja*: “[...] Pele do rosto ressecada ou estufada por bolsas de gordura. Flacidez nas nádegas e nas coxas, além de celulite em demasia. Peitos e braços amatonados (pelo volume excessivo ou pelo relaxamento dos tecidos) [...]” (*VEJA*, 8 de março de 2000: 81).

A “decadência” corporal é salientada como uma das mais relevantes causas da desqualificação da mulher para exercer sua sexualidade. É possível supor, lendo as revistas que falam sobre o assunto, que, mulheres feias e ou velhas, estão completamente alijadas deste universo.

O momento em que se inicia o processo de envelhecimento é impreciso, mas a entrada na menopausa é uma espécie de gatilho, deflagrado por volta dos 40-45 anos.

Antes disso, os trinta anos são considerados uma fase de ouro,

[...] o auge biológico da mulher [...] e também uma fase de prevenção. [...] Este auge está relacionado à satisfação sexual, experiência com viagens, estudo, mas, o esplendor é também o início da decadência [...]. (VEJA, 1 de dezembro de 2001, Edição Especial: 20)

Portanto, a menopausa pode ser apontada como um sinal do declínio, ou, contraditoriamente como uma fase que “[...] não incapacita a mulher para nada, nem quanto à vida sexual e afetiva nem quanto à atividade intelectual ou no trabalho [...]” (VEJA, 24 de outubro de 2001: 152). A mesma matéria indica algumas considerações *errôneas*¹¹⁹ acerca da menopausa: “[...] é uma fase em que as mulheres se tornam menos atraentes e acaba o desejo sexual, é o sinal mais importante da chegada da velhice, e, não dá para esconder, fica estampada na cara [...]”.

Vale ressaltar que afirmações sobre a menopausa “sem sustentação biológica” são enunciadas em outras revistas, de forma mais ou menos explícita, como o caminho para as mulheres que chegam àquela fase sem os devidos cuidados. As limitações corporais e a perda de atrativos - conferidos às mais jovens - eram fantasmas que assombravam a maioria das mulheres no passado, e ainda assustam no presente. Como na declaração da psicanalista Eleonora Mendes Caldeira, 57 anos:

(...) Antes o certo e esperado para a mulher depois dos 40 era ficar grisalha, meio flácida, largada e conformada. Hoje, essa mesma possibilidade é motivo de angústia e pesadelos. Existe um desconforto em envelhecer. Não é medo de morrer. É de ter de enfrentar os limites que seu corpo vai lhe impor (...). Envelhecer é um processo estranho (...) algum dia estarei preparada para isso (...). (VEJA, 12 de março de 2003: 88-92)

Uma outra declaração, na mesma matéria, indica que o aumento da expectativa de vida contribuiu para a mudança do que se espera na velhice: “(...) *Claro que eu sei que vou envelhecer. Mas, se eu viver até os 90, não quero ter passado quarenta anos velha (...)*” (Teresa Fittipaldi, 45 anos). Tal afirmação deixa transparecer que a palavra “velha”, apesar de todos os avanços científicos e sociais, ainda denota um estado indesejável.

Na maior parte das matérias dos anos 90 e 2000, há a constante contraposição entre o modelo de mulher velha, do passado, e o modelo de mulher madura, do presente. As referências à antiga representação feminina são, de forma geral, depreciativas: “(...) *Não consigo me imaginar aos 60, fadada a cuidar dos netos e fazer um tricozinho, como minha*

119 Errôneas, segundo a própria matéria.

avó (...)” (Ângela Vieira, 51 anos, atriz). “(...) *Hoje a mulher madura não faz mais parte do arquivo morto (...)*” (Claudio Novaes Soares, psiquiatra, VEJA, 8 de março de 2000: 80-87); “(...) *quem tem 40, 50 anos hoje não tem cara de avô, não se veste como avô nem se comporta como avô (...)* já era esperado que minha geração, quando chegasse a essa idade, desejaria e procuraria sexo com muito mais frequência e prazer do que nossos pais (...)” (Maria do Carmo¹²⁰, VEJA, 24 de maio de 2000: 119).

Hoje, ao contrário, a figura das *vovós* é apenas ilustração de livros infantis; pelo menos, é isso que fazem crer algumas reportagens. Fazer tricô, cuidar dos netos, conformar-se com as mudanças corporais não são imagens compatíveis com as mulheres de vida sexual ativa, que estão no mercado afetivo, em condições de competir com as jovens.

E nesta competição, é necessário fôlego para enfrentar as necessidades de adequação corporal e comportamental. Afinal, a mulher jovem ainda é o padrão e o “objeto de desejo” no universo masculino.

[...] nos relacionamentos com maridos ou namorados, a competição das garotas de seios firmes e pele de bebê também pode arrepiar cabelos cuidadosamente tingidos. Por uma dessas características brasileiras, os varões locais esforçam-se para fazer do abominável mote machista ‘trocar a de 40 por duas de 20’ uma verdade estatística (IBGE) [...] enquanto no primeiro casamento a diferença de idade entre o marido e a mulher é de quatro anos, nas uniões seguintes essa discrepância sobe para sete anos e meio. Troca-se, sim a esposa por namoradas mais novas - preferencialmente solteiras e sem filhos [...]. (VEJA, 5 de julho de 1995: 84)

Esta “realidade estatística” é um dos motivos, segundo a revista, para a busca das mulheres maduras por homens mais jovens. Em entrevista à *Veja*, Márcia Marino¹²¹ justifica sua escolha:

(...) Como são poucos os homens disponíveis na minha idade, acabo ficando com os moços, que têm pique para me acompanhar tanto na cama como fora dela. (...) Gostaria de encontrar alguém mais velho que me entendesse, tivesse a minha cabeça (...).

A matéria complementa:

[...] Desde que se separou, só namora gente da idade de seu filho [...] ela é mais liberada, mais segura e mais capaz de sentir prazer na atividade sexual que a geração anterior à sua. No entanto sente falta de um parceiro estável - os homens de sua faixa, [...] ou fogem de compromisso ou não se interessam por mulheres acima dos 25 [...]. (VEJA, 24 de maio 2001:119)

¹²⁰Maria do Carmo Andrade Silva, 47 anos, psicóloga e coordenadora do primeiro curso de Mestrado em Sexologia na América Latina, na Universidade Gama Filho, RJ.

¹²¹ Produtora.

Outras reportagens indicam mudanças de comportamento das mulheres que estariam, com mais freqüência, buscando parceiros mais jovens. Em 2003, referindo-se à *designer* de jóias Teresa Fittipaldi, de 45 anos: “[...] Desde que se separou do marido Emerson, ela se diz revigorada [...] viaja [...] namora um rapaz onze anos mais moço (olhe aí, um importante fator de rejuvenescimento) e entrou para a faculdade [...]”¹²² (VEJA, 12 de março de 2003: 88-92); ou em 1995, sobre a atriz Suzana Vieira, 52 anos: “[...] um exemplo acabado de loba que vai à luta, que trocou um relacionamento com um homem da sua idade por um homem de 34 anos, quase a idade de seu filho [...] Suzana enfrentou preconceito [...]”.

Apesar de a relação entre mulheres mais velhas e homens mais jovens ser cada vez mais comum, em 2000 foi mencionado que, diferentemente dos homens, “[...] as mulheres ainda se envergonham de casar de papel passado com um parceiro muito mais jovem [...]” (VEJA, 24 de maio de 2000: 119).

➤ Estéreis e Inúteis ¹²³

Outro tema bastante presente nas revistas, a partir da década de 90, é a maternidade tardia. A vinculação da sexualidade às taxas hormonais, discutida anteriormente, evidencia um entendimento prioritariamente biomédico sobre sexualidade, vida reprodutiva e maternidade, porque o término da produção hormonal coincidia com o fim da vida reprodutiva e, conseqüentemente, com a impossibilidade da maternidade.

(...) Do ponto de vista natural, depois do último ciclo menstrual as mulheres são absolutamente inúteis (...) estéreis, elas estão incapacitadas de espalhar seus genes pela descendência, a única e boa razão biológica para continuar vivo (...). (Oswaldo Frota-Pessoa do Departamento de Biologia da USP. VEJA, 5 de julho de 1995: 84)

Em oposição a este argumento, as redatoras da matéria¹²⁴ na qual o mesmo é citado, alegam:

[...] Não há nenhuma outra espécie [...] em que a vida prossiga tanto tempo depois do fim do período reprodutivo (assim como não há outra espécie que se case no cartório, mantenha em casa [...] filhos até trintões, aplique dinheiro na poupança ou discuta de onde viemos e para onde vamos). Com os avanços da ciência, torna-se relativamente comum viver mais tempo sem os próprios hormônios do que com eles. É de cultura, portanto, que se está falando - com interesses e fins diametralmente opostos aos da natureza [...] A mulher só vive a menopausa porque a espécie humana conseguiu prolongar a existência como nunca antes [...].

¹²² Referindo-se à *designer* de jóias Teresa Fittipaldi de 45 anos.

¹²³ Subtítulo da matéria “A batalha começa aos 40”.

¹²⁴ Laura Capriglione e Virginie Leite

A restrição da sexualidade feminina à procriação é questionada, e para a mulher que, por ocasião ou escolha, não teve filhos, abre-se um leque de opções: “[...] as lobas estão mostrando que sua capacidade criadora não está restrita à procriação, que não estão acabadas porque não podem mais gerar filhos [...]”.

A entrada no mercado de trabalho adia o casamento e os filhos. Este adiamento e a possibilidade de desenvolvimento profissional são indicados como fatores que contribuem para a percepção de jovialidade das mulheres após os 40. A assunção de papéis diferentes aos estritamente ligados à maternidade e à vida doméstica, vão ao encontro da nova proposta de mulher moderna (VEJA, 20 de maio 1992: 53).

Outrossim, a maternidade passa a ser uma realidade possível para mulheres que já haviam sido “*aposentadas*” na vida reprodutiva. “(...) *A idade deixou de ser um empecilho para a maternidade (...)*” (Thomas Callop, geneticista. VEJA, 12 agosto de 1992: 48).

Em 1994, uma mulher quebra o recorde de gravidez tardia “[...] que pertencia a Sara, mulher de Abrão que, como está na Bíblia, teve filho aos 90 anos, mas era assistida diretamente por Deus [...]”. A italiana Rossana, de 63 anos, vinte anos depois da menopausa, deu à luz um menino. “[...] No caso de Rossana, uma tentativa de compensar a morte do único filho [...]” (VEJA, 27 de julho de 1994: 85).

Considerado um avanço científico indiscutível, o acontecimento gerou uma “[...] discussão ética interminável [...], envolvendo psicólogos, juristas, médicos e a igreja. Para o Vaticano, [...] um desafio a Deus (...); para o médico Antioni¹²⁵, “(...) *um grande ato de amor (...)*”; para o diretor do Instituto de Medicina Fetal de São Paulo, Thomaz Gollop, “(...) *isso contraria a natureza, pois, muito provavelmente, essa criança será órfã na adolescência (...)*”.

Em resposta ao comentário de Gollop, o professor de ginecologia da Universidade de São Paulo, José Aristodemo, refutou:

(...) A natureza tem sido injusta com a mulher, felizmente a ciência chegou para aliviar as limitações da menopausa (...) quando Charlie Chaplin teve um filho aos 73 anos, em 1962, o mundo aplaudiu. Foi tido como um exemplo de virilidade. Com as mulheres mais velhas que desejam engravidar tem sido diferente. Será preconceito? (...)

Quatro anos mais tarde, a matéria ‘*Ser mãe perto dos 40*’ (VEJA, 2 de dezembro de 1998: 43) expôs uma realidade bastante diferente. Mulheres entre 35 e 40 anos, de forma

¹²⁵Médico italiano que desenvolveu a técnica de armazenamento de óvulos, permitindo a fecundação posterior.

assistida ou não, estavam cada vez mais optando por aventurar-se à maternidade, muitas dando à luz o primeiro filho.

Apesar de indicar o aumento do risco de má formação congênita para fetos gerados após os 35 anos, a matéria enfocava algumas vantagens da gravidez tardia: “[...] maior disponibilidade para os filhos, maturidade e autonomia financeira [...]”. Ademais, com o aumento da expectativa de vida, as mães podiam acompanhar a vida dos filhos, mesmo tendo-os tardiamente, uma preocupação aventada por Thomaz Gollop, em 1994.

Nos anos 2000, duas reportagens são destacadas com o mesmo tema. A primeira, *‘Tudo por um filho’* (2001), fala a respeito de um casal (ele com 50, ela com 47) que teve gêmeos e afirma que o fato de serem confundidos com avós dos bebês não os incomoda. “(...) *Não há quem não repare na diferença de idade entre pais e filhos (...) Aonde eu vou, comentam que meus netinhos são lindos (...)*” (diz ela) “(...) *respondo com orgulho que são meus filhos (...)*” (VEJA, 9 de maio de 2001: 113).

A segunda, *‘A ditadura do relógio biológico’* (2002), apresenta o livro: *Creating a life: professional woman and the quest for children*¹²⁶, de Sylvia Ann Hewleh, que prenuncia um “(...) *panorama sombrio para as mulheres que adiam o sonho de ter filho (...)*”. De acordo com a referida autora, as mulheres que escolhem a carreira e protelam a maternidade, acreditando na facilidade de engravidar, acabam frustradas, pois, as chances deste fato ocorrer começa a diminuir a partir dos 27 anos.

Um estudo do Centro de Controle de Doenças dos EUA mostra que ao completar 42 anos, uma mulher tem menos de 10% de possibilidade de engravidar com seus próprios óvulos. Neste caso, a doação de óvulos mais jovens é uma solução permitida com auxílio da tecnologia.

Sobre este procedimento, o texto afirma em tom de crítica: “[...] esse é o caso de muitas celebridades quarentonas que, ao exhibir seus barrigões em público, ajudam a fixar a idéia errônea de que é fácil engravidar, não importa a idade [...]” (VEJA, 17 de abril de 2002: 90-91).

8. O Relógio que Nunca Atrasa¹²⁷

¹²⁶ Criando uma vida: mulheres profissionais e a busca por crianças (tradução da revista).

¹²⁷ Título da matéria de 22 de setembro de 1993, p.86.



2001



2003

A busca pela saúde e bem-estar no envelhecimento é uma temática que aparece nas páginas da *Veja*, desde as primeiras matérias em que o envelhecimento figura como assunto em destaque em Saúde e Ciência. Já em 1972, ano em que é apresentada a primeira matéria completa tendo os velhos como personagem, a discussão sobre a saúde se faz presente.

A associação entre velhice e doença torna-se visível, e o envelhecimento é caracterizado pelo aparecimento de diversas patologias que fazem parte de um quadro esperado. Na matéria ‘*Um Mês de Verão Só Para Velhos*’, as praias de Guarapari (ES) são procuradas, sobretudo pelas suas propriedades terapêuticas:

[...] A praia de areia monazítica, reconhecida como eficientíssima no tratamento de artrites, reumatismos e outras doenças “de velho”. Repleta principalmente entre 5 e 11 da manhã, horas de sol mais fraco, ela exhibe uma população alegre, apesar das juntas doloridas, e confiante, apesar da idade média estar sempre acima dos cinquenta anos [...]. (VEJA, 22 de março de 1972: 47-50)

As doenças são o assunto de muitas rodas de bate-papo, e as lamas medicinais são a esperança de cura.

(...) Conversamos sobre doenças, sobre curas, principalmente sobre curas, e esperamos viver sem sofrimento. Mas ninguém vem aqui com esperança de prolongar a vida. A morte chega. E acabou (...). (Samuel Lerner, 63 anos)

A possibilidade de cura une uma certa cientificidade a muita crença.

[...] Nas farmácias e em casa, acredita-se nos remédios. No centro espírita, acredita-se em milagre. Na praia, acredita-se na radiatividade da areia preta e não se admite a relação de outras crenças. [...] Os velhos sobem o morro com a ajuda de Santo Antônio, que a ladeira é forte, e pedem saúde. Um ou outro lembra de pedir pelos familiares. [...]

Desde que os médicos passaram a indicar as praias como terapia, o balneário lota seus hotéis de pessoas “fatalistas, mas esperançosas”, atualizadas nos últimos lançamentos farmacêuticos e que sabem de cor todos os seus problemas de saúde.

No fim da década de 70, a ciência ensaia suas tentativas de controle do envelhecimento. Fazendo um breve histórico sobre as crenças antigas de procedimentos

rejuvenescedores¹²⁸, uma matéria antecipa que:

[...] por volta do ano 2000, o processo de envelhecimento já estará sendo quimicamente controlado [...] Pode-se esperar, em vista disso, que a ciência acabe mesmo por empurrar a morte para mais longe no horizonte da vida humana? [...]. (VEJA, 17 de janeiro de 1979: 60-62)

Assim como nas culturas antigas, os alquimistas modernos empenham-se em seus laboratórios a fim de descobrir substâncias que tragam a vitória definitiva sobre a velhice e a morte.

Para Donner Denckla, o controle dos mecanismos de imunidade traria uma média de vida de 200, 300 ou mesmo 400 anos. Outro cientista, Norman Orentreich, não acreditava na proximidade desta descoberta tão importante, mas propôs a revitalização do sistema produtor de proteínas através da retirada do sangue, remoção do plasma e reinserção do sangue isento das *velhas* proteínas. Ele garantia que este procedimento teria

(..) efeitos benéficos sobre o metabolismo do colesterol e (...) retardaria (...) o envelhecimento do colágeno, peça de sustentação intercelular da pele, tendões, ossos, cartilagens e tecido conjuntivo. Na verdade, uma operação de rejuvenescimento (...).

O sangue jovem, ou renovado, já foi associado ao rejuvenescimento por culturas antigas, mas a teoria foi impulsionada por pesquisas laboratoriais em ratos, sugerindo a existência de alguma substância envelhedora presente no sangue de ratos e humanos (Frederic Ludwig, Universidade da Califórnia).

Takash Makinodian, da Universidade de Los Angeles, atribui o envelhecimento a um engano do sistema imunológico que, a partir de uma ruptura, passaria a defender-se das células sadias do próprio organismo. “(...) *Essas células são maturadas por influência de um hormônio secretado pelo timo (...)*” (o cientista enxertou timos jovens em ratos velhos, obtendo sistemas imunológicos restaurados e aumento da duração média de vida dos animais).

A questão mais importante observada neste período foi a progressiva interiorização do envelhecimento. O mesmo passa a ser mais do que “[...] símbolos exteriores, como a calvície ou o embranquecimento dos cabelos, a frouxidão da pele, o andar vacilante, a perda de memória [...]”. O processo de envelhecimento visto microscopicamente permite o surgimento de novas explicações, pautadas nas investigações celulares.

O limite da vida amplia-se, não somente ao nível demográfico, mas também nas perspectivas traçadas pela ciência.

¹²⁸ Citados no título ‘Satisfação Garantida’.

Leonard Hayflick, em 1961, descobriu que as células humanas podem se reproduzir apenas um número limitado de vezes. “(...) *Ao cessar o processo de renovação constante, o conjunto de células que é o corpo humano fica fadado à morte. (...)*”. Diante desse limite “(...) *a vida humana estaria (...) limitada a 110 ou 120 anos mais ou menos (...)*”. Entretanto, a descoberta de Hayflick trouxe mais dúvidas do que esclarecimentos:

[...] Como explicar o fato de que raríssimos atingem o limite teórico proposto? [...] seria possível alterar esse limite, aumentando a duração da vida? [...] haveria ao menos teoricamente a possibilidade de chegar ao limite, qualquer que ele seja, sem a degenerescência corporal e psíquica que caracteriza a velhice? [...]

Quatro anos mais tarde, a hipótese de Phil Lipetz sobre o processo de envelhecimento recaí sobre a nova *vedete científica*, a genética. As espirais do material genético, semelhantes à mola de um relógio, iriam se afrouxando com o envelhecimento, sendo impossível o seu reajuste de forma eficiente (VEJA, 9 de março de 1983: 84).

A descoberta do funcionamento deste mecanismo seria a chave para driblar o avanço da marcha rumo à velhice. “(...) *Se funcionar, estaremos no caminho que nos levará à descoberta de drogas eficazes no combate ao envelhecimento (...)*” (Phil Lipetz).

Em 1986, a idéia de que os seres humanos trariam consigo os genes da velhice - programados mesmo antes do nascimento - foi combatida pelos maiores especialistas em gerontologia do mundo¹²⁹ (VEJA, 9 de julho de 1986: 58):

(...) Os especialistas ocupados em explorar as causas biológicas do envelhecimento saíram-se com uma tese que inverte tudo aquilo que se pensava até agora a respeito da questão. Em vez de genes da velhice, os seres humanos seriam, ao contrário, portadores de genes da longevidade (...) existe dentro de cada célula humana uma semente adormecida, uma molécula especial que, entre bilhões de outras, pode adiar a morte (...). (Thomas Johnson)

A idéia de que o envelhecimento é algo a ser combatido, passível de intervenção está presente. Também a concepção da velhice como fenômeno da esfera biológica, agora microscópica e genética, é divulgada: “[...] A batalha pela longevidade se trava no núcleo das células [...] são nos genes que estão gravados os segredos tanto do limite da longevidade quanto como chegar a ele em bom estado de saúde mental e física [...]” (VEJA, 25 de julho de 1990: 56-63).

Neste momento, a questão corporal mais desafiadora na velhice é a incapacidade funcional, principalmente a dificuldade de continuidade das atividades profissionais.

¹²⁹Estes especialistas reuniram-se num congresso médico patrocinado pelo Mount Sinai Medical Center, de Nova York.

Envelhecer mal é não poder utilizar o corpo como antes, com o mesmo desempenho. A preocupação com a estética só seria enfatizada alguns anos mais tarde.

Na matéria *'Fonte da Juventude: A ciência desvenda segredos do rejuvenescimento, produz drogas e tratamentos novos para frear o efeito dos anos e promete uma idade madura mais saudável'*, os avanços da ciência voltam a ser notícia.

No texto, a velhice é descrita como uma “[...] zona cinzenta que ninguém sabe direito quando começa, mas, sempre se procura adiar ao máximo porque é sinônimo de solidão, desprestígio, insegurança e doenças [...]”, e o velho como “[...] um dos personagens mais maltratados da galeria humana [...]” (VEJA, 25 de julho de 1990: 56-63).

A reportagem retoma teorias sobre o envelhecimento e, além disso, a imagem da velhice como consequência de hábitos de vida, começa a tomar corpo.

(...) Biologicamente, não há nenhum motivo para que as pessoas não cheguem tranquilamente aos 115 ou 120 anos (...) isto não acontece por fatores dentre os quais as doenças evitáveis – ou que brevemente o serão – vida sedentária, maus hábitos à mesa e outros bem conhecidos (...) singelas mudanças de comportamento e de hábitos alimentares que os médicos apresentam como fatores decisivos para se chegar a uma idade madura vivida com plenitude e vigor (...) dieta pobre em calorias e recheada de exercícios moderados ajuda a asfaltar a avenida que leva à vida mais longa e saudável. Essa é uma maneira cientificamente comprovada de manter altos no organismo os níveis de hormônios e outras substâncias vitais necessárias a uma vida produtiva (...). (Geraldo Medeiros, endocrinologista)

(...) Estamos tentando acrescentar vida aos anos, e não anos à vida, resume o geriatra Edward Schneider – Califórnia (...) o foco da medicina atualmente não é ganhar anos, alongando a velhice, mas torná-la cada vez mais parecida com os primeiros anos da idade madura. (...)

Embora a aumento da expectativa de vida¹³⁰ tenha sido uma grande conquista da ciência, a manutenção da produtividade através de tratamentos e controle dos fatores envelhedores é o grande desafio que se apresenta. Segundo Jacob Brody, diretor Escola de Saúde Pública de Illinois (EUA), para quatro anos ganhos, apenas um ano seria produtivo; nos outros três, as pessoas passariam “(...) lutando contra doenças, como artrite, perda de audição e visão (...)”.

[...] Essa última década foi a primeira na história da medicina em que os cientistas conseguiram aumentar a vida, não mais evitando mortes precoces, mas esticando mesmo o último terço da existência humana [...] esse desbaste inicial dos sanitaristas e infectologistas funcionou como um limpa-trilhos [...]. Agora a ciência trabalha para que o trem da vida siga seu caminho e que vá o mais longe, sem avarias, rumo ao limite biológico [...].

130 Na época a matéria indica um aumento da expectativa de vida de 50 para quase 70 anos.

Na tentativa de melhor compreender as alterações fisiológicas do envelhecimento, em 1998, o astronauta John Glen volta ao espaço aos 77 anos. A iniciativa pretendia responder algumas questões que, até aquele momento, permaneciam incógnitas (VEJA, 28 de outubro de 1998: 60):

[...] Muitos dos efeitos provocados nos astronautas pela ausência de gravidade são semelhantes aos causados pelo envelhecimento [...] ao enviar um homem de idade avançada ao espaço, os cientistas imaginam que poderá acontecer o contrário: com menor esforço para as tarefas cotidianas, ele ganharia vigor e, de certa forma, envelheceria menos. Caso isso possa ficar provado, é bem possível que John Glenn, agora como assumida cobaia, se torne herói novamente. [...]

Glenn seria então o homem mais velho a viajar pelo espaço e, apesar de apresentar algumas desvantagens, se comparado aos seus colegas de vôo – “[...] usa óculos [...] apresenta pouca flexibilidade [...],

[...] ele foi escolhido para a missão em boa parte pelas condições físicas que possui para sua idade. Tem quase o mesmo peso, pressão sangüínea e disposição de seu primeiro vôo espacial, quando tinha 41 anos. Seu segredo de vida saudável é simples [...] uma dieta equilibrada, não fuma, não bebe e caminha 3 quilômetros por dia [...].

Segundo Wilson Jacob Filho, geriatra, “(...) *idosos saudáveis podem ter capacidade física e psíquica comparáveis à de pessoas mais jovens (...)*”. Além disso,

(...) *uma pessoa de 80 anos que sempre fez exercícios pode não bater recordes olímpicos, mas completaria uma maratona, coisa que um sedentário de 35 anos não faria de forma alguma. Não importa tanto a idade cronológica do indivíduo, mas sua idade funcional (...)*. (João Toniolo Neto, Presidente da Sociedade Brasileira de Geriatria de São Paulo)

A matéria enfatiza ainda que:

[...] Os homens de idade avançada já são capazes de proezas físicas e mentais inimagináveis há alguns anos [...] na década de 60 [...] especialistas acreditavam que exercícios físicos eram perigosos para pessoas com mais de 50 anos [...]. Em 1986, um estudo da Universidade Stanford mostrou que idosos que faziam exercícios tinham vida mais longa [...].

A matéria sobre ‘*O Vovô em Órbita*’ aponta o que a mesma descreve como *o grande desafio da ciência moderna*, a preocupação com a qualidade de vida das pessoas velhas, mais do que com o aumento dos anos vividos. Os bons hábitos podem adiar os *problemas da velhice*, como diabetes, osteoporose e complicações cardiovasculares. Para tanto, basta seguir a receita: controle alimentar, prática moderada de atividade física¹³¹ - longas caminhadas

131A reportagem recomenda os exercícios moderados em detrimento dos mais vigorosos, alegando serem os exercícios extenuantes um fator de desgaste.

fazem até mais bem à saúde do que exercícios puxados – além de uma vida com menos pressões e condições geradoras de *stress*.

Outrossim, “(...) *para ser um idoso como Glenn, a primeira coisa a fazer é torcer para nascer de pais corretos, que não lhe deixaram problemas de natureza genética (...)*” (John Charles, PhD em Medicina).

Esta busca em direção a conhecimentos que ratifiquem o bom envelhecer como o padrão almejado da modernidade, se faz presente em muitas matérias, sobretudo as inseridas nas sessões Saúde e Ciência. O envelhecimento ganha visibilidade nas páginas da Veja e o discurso científico é a voz mais ouvida. O envelhecimento precisa ser entendido, controlado, minimizado e, se possível, suplantado. Para tanto, a ciência lança mão das mais recentes descobertas que auxiliem neste caminho “sem avarias”.

Em pesquisa, conduzida por Daniel Rudman, o hormônio do crescimento foi aplicado em doze homens sadios com idades entre 61 e 81 anos, sendo os mesmos avaliados juntamente com o grupo controle. Segundo o pesquisador, apenas por um “relance de vista”, era possível identificar quem havia tomado o hormônio.

[...] Conseguimos reverter neles os processos bioquímicos que nos velhos transformam músculos em gordura [...]. Os pacientes tiveram uma redução de 14% da gordura [...], 9% de ganho em músculos e mostram evidentes melhoras na textura da pele e na densidade nos ossos. [...]

Todavia, a concepção de que, a partir do hormônio do crescimento se teria chegado a fonte da juventude é apontada como uma idéia ingênua.

(...) Não se está diante de uma poção mágica capaz de atuar como uma máquina do tempo, mas a descoberta é animadora (...) porque avança numa direção (...) - melhorar a vida das pessoas maduras e, quando possível, adiar o aviltamento da máquina orgânica (...). (Wilson Jacob Filho – USP, VEJA 25 de julho de 1990: 56-63)

Segunda a matéria veiculada, “[...] na prática, as ampolas do hormônio começaram a ser mais vendidas¹³² como elixir da juventude do que como remédio. Pessoas infelizes com a barriga saliente, os pés-de-galinha [...] os cabelos quebradiços se lançaram na aventura hormonal [...]” (VEJA, 26 maio de 1999: 90).

O hormônio demonstrou ser ineficaz para alguns *males da velhice*, como aqueles advindos da degeneração das células cerebrais, dos olhos, das envolvidas na audição, bem como dos tecidos elásticos como ligamentos e tendões. Além disso, em grandes quantidades, a droga poderia causar câncer do intestino (VEJA, 25 de julho de 1990: 56-63), tendo

¹³²A matéria aponta um faturamento de 150 milhões de dólares em 1999.

apresentado correlação com o câncer de próstata e de útero e com o aumento do risco para diabetes (VEJA, 1 dezembro de 1999: 126- 127).

Além do hormônio do crescimento (GH) (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86, 26 de maio de 1999: 90), outros como o estrogênio e a testosterona também são relacionados. A terapia hormonal feminina passa de assunto controverso, em 1995, a importante aliado para o bem-estar na velhice, a partir do ano 2000.

[...] Os cientistas argumentam que o declínio na produção hormonal desempenha um papel importante no processo de envelhecimento físico e funcional dos seres humanos. Entretanto, ainda não se tem a dimensão exata de quanto a baixa hormonal contribui para a velhice. Tem-se de levar em conta a genética, os hábitos alimentares, o vício do cigarro, o sedentarismo - tudo isso interfere na maneira como as pessoas envelhecem [...]. (VEJA, 26 maio de 1999: 90)

Em 1995, apesar das dúvidas sobre os comprometimentos futuros que a terapia poderia acarretar¹³³, Isaac Schiff afirmava: “(...) *apresentamos às mulheres a possibilidade de sofrer um risco maior de ter câncer no seio aos 60 anos, para que possam prevenir um ataque cardíaco aos 40 ou uma fratura de quadril aos 80 (...)*”.

Por outro lado, nos EUA o assunto virou um debate politizado entre as feministas que afirmavam que “(...) *as mulheres estariam servindo de cobaias pressionadas a se manterem artificialmente jovens, quando deveriam relaxar e envelhecer, ao sabor e ritmo da natureza (...)*”.

A matéria aponta outras formas de tratamento dos sintomas da menopausa, num estilo *natureba*, valendo-se da alimentação, ingestão de água, supressão do café, gorduras, bebidas alcoólicas e refrigerantes, prática de exercícios e supressão do tabagismo (VEJA, 5 de julho de 1995: 84-90).

Quatro anos mais tarde, citando as pesquisas da Universidade de Yale, outra matéria afirma que as terapias hormonais à base de estrogênio “[...] não fazem bem somente aos ossos e coração, mas também podem aguçar a memória [...]” (VEJA, 14 de abril de 1999: 34).

Em 2002, a terapia hormonal é indicada como um dos pilares para a saúde da mulher, além de importante estímulo para a “disposição sexual”:

[...] A ação mais positiva da medicina nos anos 90 foi repor esses hormônios na esperança de restaurar a saúde e evitar as doenças associadas à falta daquelas substâncias- entre elas quase todas as disfunções sexuais, como [...] ausência de desejo [...]. (VEJA, 13 de fevereiro de 2002: 74-77)

133 A matéria refere-se a uma pesquisa que aponta maior incidência de câncer de mama em mulheres submetidas à terapia hormonal

No ano seguinte, em matéria intitulada ‘*De quem é a razão?*’, as dúvidas sobre o uso da terapia hormonal voltam à tona. Alguns estudos que sustentaram a eficácia, sem riscos do tratamento, estavam sendo investigados e desqualificados em relação à metodologia e à seriedade.

A terapia a base de testosterona¹³⁴ é descrita principalmente para homens (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86, 28 de maio de 1997: 90-92, 24 maio de 2000: 119), mas também aparece em uma das matérias como coadjuvante na terapia hormonal feminina (VEJA, 24 de maio de 2000: 119). A reposição de testosterona é apontada, de forma geral, como um procedimento eficiente para ajudar a *combater* o envelhecimento. “[...] Sob orientação média [...], ela melhora a massa muscular, diminui a gordura, aumenta a potência sexual e a resistência a infecções e ao desgaste intelectual, [...] diminui a irritabilidade e faz bem para a psique [...]”.

Ao contrário, quando o hormônio é “[...] consumido sem necessidade, aumenta a ansiedade, o volume das mamas e o risco de câncer no fígado e próstata, além de contribuir para a infertilidade [...]” (VEJA, 24 de maio de 2000: 119).

A medicalização do envelhecimento é um processo percebido desde o fim da década de 70, mas que se intensificou a partir da metade dos anos 80. Assim como no caso dos hormônios, a orientação médica, ou de outro profissional da área da saúde, passa a ser habitualmente mencionada nas reportagens a fim de legitimar os procedimentos considerados úteis ao bom envelhecer.

A presença dos especialistas do envelhecimento, geriatras e gerontólogos, é acompanhada de outros profissionais como nutricionistas, professores de educação física e psicólogos. Entretanto, são os médicos que dominam o discurso do envelhecimento saudável, ainda que norteando procedimentos sobre nutrição, atividade física, psicologia e aspectos da esfera social.¹³⁵

A possibilidade de evitar que certas “(...) *condições de debilidade associadas à velhice degenerem em doença* (...)”, traz à tona a geriatria preventiva (Marcos Ângulo - Sociedade Brasileira de Geriatria). O tratamento da osteoporose, por exemplo, deve ser iniciado dez ou vinte anos antes do aparecimento dos primeiros sinais / sintomas.

De acordo com os geriatras, envelhecimento e doença não podem ser confundidos (John Rowe¹³⁶). Outrossim, alguns falsos temores sobre a velhice devem ser combatidos,

134Sua utilização já foi abordada de forma mais detalhada quando tratada a sexualidade masculina.

135Como aspectos da esfera social indico: questões demográficas, comportamentais e de cuidado.

136 Geriatra e professor da escola de medicina de Harvard.

dentre eles, o de que na velhice, a senilidade é inevitável: “(...) *Essa é uma concepção torturante errônea (...) É muito comum o idoso confundir um problema cardíaco com um declínio que ele considera natural, e que não precisa ser (...)*” (Maurício Wajngarten¹³⁷).

Ainda em relação ao temor da senilidade, o médico afirma que, como a maior parte das pessoas acima de 65 anos sofre de alguma condição de saúde adversa, estas podem apresentar um quadro de confusão mental em virtude da multi-medicalização, “[...] também erroneamente confundido com um subproduto da idade avançada [...]”.

O declínio mental é um tema que preocupa os especialistas, por ser o primeiro sintoma associado à velhice. Entretanto, “[...] o cérebro decai muito mais por falta de estímulo e de uso do que por causas biológicas [...]”. A perda da funcionalidade cerebral é quase insignificante; ainda assim, a idade apontada pela reportagem como aquela na qual os neurônios, quando estimulados, ainda poderiam estabelecer novas conexões, é 70 anos. Admite-se, assim, que após esta idade o declínio mental seja algo previsível. Na tentativa de burlá-lo, a doutora Kawas, citada na reportagem, aconselha as pessoas a “(...) *se manter sempre dispostas a enfrentar novos desafios intelectuais, exercitar a mente com leituras e conviver num ambiente culturalmente renovado, como a grande terapia para preservar o cérebro jovem por muito tempo (...)*”. O exercício mental seria, então, a única maneira de manter-se são no que diz respeito à função cerebral.

Todavia, a mesma notícia aponta pessoas que mantiveram a atividade intelectual até mais tarde, como Einstein, que “[...] chegou aos 76 anos em plena atividade [...]” e, contraditoriamente, afirma que “[...] nenhuma descoberta matemática foi feita por estudiosos com mais de 30 anos [...]”; ou ainda, “[...] que uma pessoa de 90 anos não tem mais o vigor físico e mental para sair-se com uma descoberta original a ponto de ganhar o Prêmio Nobel [...]”. O que seria, então, “plena atividade” para um estudioso como Einstein?

No fim da década de 90, uma matéria intitulada ‘*A força da mente: o cérebro bem usado melhora com o tempo, estica a vida útil e previne as doenças da velhice*, traz uma outra perspectiva acerca da atividade cerebral e de suas implicações no processo de envelhecimento (VEJA, 19 de agosto de 1998: 102-105).

A reportagem divulga as conclusões de uma pesquisa que aponta que o cérebro “[...] desenvolve-se rapidamente na infância, mas é o único que pode ser melhorado por meio do uso intenso até fim da vida [...]”. A principal modificação em relação à visão anterior funda-se na possibilidade de restituição ou mesmo de aperfeiçoamento de uma estrutura que antes era

137 Cardiogeriatra do INCOR.

pensada como passível de deterioração ou, na melhor hipótese, manutenção da integridade funcional.

O cérebro é descrito como um órgão fascinante e diferente de todos os outros, “[...] uma maravilhosa máquina que desempenha múltiplas tarefas biológicas [...]”. As novas descobertas têm demonstrado que o cérebro é mais complexo e poderoso do que se imaginava. Ele é um criador de imagens, sem o qual não haveria som, cor ou luz.

[...] Tudo o que você vê, ouve e sente reflete o mundo exterior. A forma como alguém percebe, interpreta ou reage a isso, no entanto, é pura criação do cérebro, a mais maravilhosa e elaborada produção da vida na terra. [...] Pense nas suas emoções, na atração sexual, no amor entre pais e filhos, nos sonhos e pensamentos. Eles também são produtos do cérebro. Sua missão mais elementar é recolher os estímulos externos, captados pelos sentidos, e transformá-los em impulsos elétricos que percorrem os neurônios. Toda essa informação é catalogada e arquivada na memória. É a ela que o cérebro recorre quando precisa tomar decisões, comandar os movimentos corporais e organizar pensamento. [...] (VEJA, 19 de agosto de 1998: 102-105)

A melhora do desempenho cerebral é análoga à sua utilização. O exercício constante em atividades intelectuais como leitura, aprendizado de novas línguas, resolução de problemas matemáticos ou mesmo em tarefas rotineiras no trabalho “[...] pode esticar a longevidade [...]”, e evitar os problemas típicos de memória e a senilidade. Ao contrário, o desuso pode favorecer a perda de algumas importantes conexões.

A concepção de que o estímulo cerebral garante o funcionamento pleno do órgão, é corroborada pela correlação inversa entre nível de instrução e mal de Alzheimer. A reportagem indica que a doença cai de 38 para 7% em pacientes com instrução universitária e da mesma classe social e bairro. “(...) *Quem estuda ou tem uma vida intelectualmente ativa vive melhor e geralmente mais (...). O cérebro é uma máquina para usar e gastar (...)*” (Ivan Izquierdo¹³⁸). O pesquisador afirma ainda, que o benefício conquistado pelo cérebro através do trabalho intelectual é levado para o resto do organismo ao qual está ligado.

A hierarquização corporal, tendo o cérebro como centro de toda a ação humana, está presente todo o tempo. Acerca deste pensamento, observa-se que o cérebro é tido como a mais perfeita das estruturas, e a atividade intelectual¹³⁹ como aquela capaz de preservá-la e, portanto, também hierarquicamente superior. Dando suporte a toda esta

138Pesquisador do Departamento de Bioquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - estudo da memória

139 São consideradas atividades intelectuais aquelas que implicam o raciocínio lógico e o uso das palavras; atividades artísticas ou relacionadas à emoção não são citadas.

teorização, a matéria refere-se ao pensador René Descartes como “[...] o primeiro a concluir que a consciência, decorrente da atividade cerebral, era a prova primordial da existência do ser humano [...]”.

Em 2000, outra matéria sobre o mal de Alzheimer¹⁴⁰ (VEJA, 6 julho de 2000: 78) apontava o humor como um remédio eficaz no combate à doença. O pesquisador David Snowdon acompanhou 678 freiras com idades acima de 75 anos, durante 15 anos, interessado em estudar a doença. Dentre as mulheres estudadas, aquelas que apresentavam em seus relatos da juventude maior número de palavras como felicidade, amor, gratidão e esperança, haviam chegado com mais saúde à velhice do que as que utilizavam termos como tristeza, indecisão e vergonha. Além disso, as otimizistas também se revelaram mais longevas (variou em 6 anos), e as autoras de textos mais ricos em idéias, vocabulário e conhecimentos gerais, exibiam menor grau de demência senil.

A conclusão do pesquisador foi a de que esta era mais uma prova de que se manter intelectualmente ativo desde a juventude é uma maneira de evitar doenças cerebrais. “[...] Uma atividade mental mais intensa robustece as conexões entre os neurônios e forma novas redes entre eles [...]”.

Três anos mais tarde, o tema reaparece. As causas da doença permanecem obscuras, mas a idéia de que a manutenção da atividade intelectual desde a juventude pode reduzir seus riscos, continua presente.

Entretanto, diferentemente da matéria de 1998, o peso maior é dado ao cuidado, e, não mais a exaltação da máquina humana. A reportagem de 2003 descreve o drama das famílias e dos doentes acometidos pela doença. “[...] Um doente de Alzheimer não tem direito nem mesmo à falta de esperança; o seu destino é o nada absoluto [...]’ (VEJA, 6 de agosto de 2003: 72).

Uma questão interessante observada é a associação da doença com a perda de identidade, como em um dos casos descritos: Adelaide de Moura, acometida pela doença, não se reconhece nos espelhos de sua casa e atribui a imagem refletida a outras pessoas. “[...] Hoje os espelhos estão de volta, pois Adelaide, aos 83 anos, encontra-se em estado avançado da doença e completamente alheia ao mundo [...]”.

O discurso agora, não se atém a complexidade estrutural do cérebro humano, mas

140 Em matéria de 24 de outubro de 2001 a médica Carla Frohmiiller identifica os primeiros sinais da doença como: dificuldade frequente de localizar objetos usados, de se concentrar, de se expressar com números, de não reter informações e de esquecer palavras.

a uma de suas funções tida como primordial, a memória. “(...) *Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela não somos nada (...)*” (Luis Buñuel¹⁴¹).

Ainda sobre o mal de Alzheimer, a matéria aponta que, no início, a doença “[...] assume características que tendem a ser confundidas com o processo natural de envelhecimento - confusão de memória, alterações sutis de comportamento e dificuldades de expressão [...]”. E mais: que ela atinge 20 milhões de pessoas em todo o mundo e é a maior causa de demência naqueles com mais de 60 anos.

O “[...] processo natural de envelhecimento [...]” é referido sem, no entanto, descrever quais as características que lhes são pertinentes e que poderiam não ser confundidas com a patologia mencionada. A impotência em relação à cura da doença fica clara nas entrevistas que possuem um tom de pessoalidade, incomum às matérias da sessão Saúde. E sobre o procedimento frente ao doente, é sugerido: “[...] o importante é perceber o que os aflige no dia-a-dia e acertar que as trocas afetuosas podem sobreviver até o último momento, ainda que em outro patamar [...]”.

A partir da década de 90, o tema envelhecimento é abordado em diversas matérias nas sessões Saúde e Ciência, nas quais trava-se uma verdadeira batalha na busca da velhice saudável. A tentativa de prolongamento da vida associa-se à necessidade de fazê-la produtiva e independente durante o maior número de anos possível.

Em diversos momentos, novas drogas são apresentadas como uma “Dose de vigor”¹⁴². A vitamina C diminui a incidência de ataques cardíacos (VEJA, 20 de maio de 1992: 53); outras vitaminas, em super dosagem, ajudam a evitar certos tipos de câncer, combatem o *stress* e retardam o envelhecimento¹⁴³ (VEJA, 30 de junho de 1993: 74); um antidepressivo¹⁴⁴ utilizado para o tratamento do mal de Parkinson torna-se a nova coqueluche nos EUA no combate ao envelhecimento (VEJA, 6 de março de 1991: 49, e 22 de setembro de 1993: 86); a Melatonina, reforça o sistema imunológico, inibe o crescimento de tumores e combate a depressão (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86).

141 Ao falar sobre a doença de sua mãe.

142 Subtítulo de uma matéria sobre as novidades de uma pesquisa da Escola de Saúde Pública da Califórnia a respeito da vitamina C.

143A matéria é intitulada: A Química da Vida.

144 Deprenyl é um medicamento utilizado para o tratamento de Parkinson mas começou a ser ministrado pelo húngaro Joseph Knoll com o intuito de aumentar a expectativa de vida. Segundo ele, um indivíduo que tome duas cápsulas semanais do remédio a partir dos 45 anos aumenta sua expectativa em até duas décadas.

[...] A ação restauradora e benéfica das vitaminas, a grande arma na guerra aos radicais livres, é hoje uma das raras unanimidades entre os médicos do planeta [...]. Com esse nome de grupo terrorista irlandês, os radicais livres, vivem de fazer arrastão biológico, destruindo a superfície das células. Existe uma corrente científica que atribui todo o processo de envelhecimento à destruição causada por essas moléculas oxidantes [...] é como se as pessoas enferrujassem com o passar dos anos [...]. (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86)

Em 2000 a unanimidade científica parece ter caído por terra. “[...] A Sociedade Brasileira de Geriatria não aceita a prescrição de [...] vitaminas e minerais como tratamento clínico [...]” (VEJA, 6 de julho de 2000: 78). A matéria apresenta as supostas conquistas do “[...] mercador de juventude [...]”, o geriatra Eduardo Gomes, médico famoso entre as celebridades, que promete por meio de uma terapia à base de minerais, vitaminas e procaína,

[...] A manutenção do vigor físico, apetite sexual, leveza nos movimentos, mais velocidade, melhora de atenção e memória. Pele com brilho e viço. Corpo mais rijo e mais magro. Desaparecimento do medo, tristeza e angústia. O paciente começa a ver mais, pensa e dorme melhor. A apatia e o desânimo somem. Os brancos de memória e sonolência acabam. [...]

O médico justifica sua teoria afirmando que nós, brasileiros, somos uma sub-raça por possuímos um solo pobre em minerais, ao contrário dos EUA que, ao corrigir esta deficiência, tornou-se uma super potência. A afirmação, de comprovação científica duvidosa, dá corpo a outras que enaltecem a eficiência do método, a partir da ótica do próprio médico.

Eduardo Gomes, “[...] de 49 anos (aparenta mais) [...]”, à época, já tinha três processos contra ele no Conselho Federal de Medicina, e contava com o ceticismo da comunidade médica. Entretanto, continua enriquecendo como um eficiente vendedor do sonho da eterna juventude.

O tom de crítica usado nesta matéria não foi observado em outras que apresentavam, igualmente, drogas ou soluções instantâneas para burlar o envelhecimento. Observou-se, portanto, que no mesmo período, idéias contraditórias sobre a relação entre envelhecimento e saúde foram exibidas nas páginas da Veja.

Além disso, o crescimento do número de abordagens do tema nas sessões Saúde ou Ciência foi flagrante, bem como a crescente responsabilização do sujeito pela manutenção de sua saúde, beleza e juventude, através dos recursos ofertados pela ciência.

O discurso da prevenção antecipa a preocupação com o envelhecimento, como aponta a matéria *‘Nunca é cedo demais’* (VEJA, 1 de dezembro de 1999: 127):

[...] Nunca os consultórios dos geriatras estiveram tão cheios como agora. Era de esperar que os pacientes fossem senhores e senhoras sexagenários. Afinal, a geriatria é aquela especialidade da medicina que se ocupa das doenças de velhos [...] se vê, com frequência cada vez maior, é uma legião de jovens saudáveis muitos ainda na casa dos 30 anos. Em média de cada dez pessoas que batem à porta de um

geriatra, cinco têm menos de 50. em 1996 não passavam de duas. A professora [...] pisou pela primeira vez o consultório de um geriatra aos 33 anos, muito antes de sentir o corpo reclamar. Lá descobriu que tinha tendência a desenvolver artrose [...]. Foi aconselhada a tirar radiografias periódicas [...] fazer exercícios de reeducação postural [...] a intenção é nunca deixar a doença se instalar. [...]

A prevenção também é uma arma contra algumas doenças, anteriormente atribuídas ao envelhecimento, a exemplo da osteoporose “[...] que se alimenta dos descuidos da juventude [...]” (VEJA, 2 de julho de 1997: 62-64), ou as doenças cardiovasculares.

Em 1993, alguns pesquisadores entusiasmados prometiam que em mais 30 anos seria “[...] finalmente derrubada a ditadura genética que há 1 bilhão de anos mantém a vida sob suas leis de ferro [...]” (VEJA, 22 de setembro de 1993: 86). Tal otimismo já era encarado com descrença. Contudo, as pesquisas e, sobretudo, o sonho de encontrar respostas para o processo de envelhecimento e a possibilidade de detê-lo não cessaram:

[...] biólogos conseguem deter o envelhecimento celular [...] pesquisadores da Universidade do Texas conseguiram prolongar a vida de células humanas da retina, dos vasos sanguíneos e da pele para muito além do limite em que elas normalmente perecem [...]. (VEJA, 21 de janeiro de 1998: 63)

ou

[...] Nunca se estudou tanto o processo de envelhecimento. Recentemente, foi identificado o principal mecanismo do relógio biológico humano: os telômeros (...) são eles que restringem o tempo de vida das células [...]. (VEJA, 1 de dezembro de 1999: 126)

Na realidade, em muitas matérias, a exaltação das novas descobertas científicas e um certo ceticismo em relação às mesmas, convivem lado a lado. Desta forma, as incertezas das promessas científicas contribuem para a reafirmação da modificação dos hábitos de vida, como a forma realmente eficaz para alcançar uma velhice saudável. Isto porque, alterar “[...] o curso da natureza [...]” ainda parece uma manobra arriscada.

[...] O envelhecimento celular não é apenas um capricho, uma brincadeira perversa da natureza contra a humanidade [...] Retardar o envelhecimento das células pode ser um problema (Bianca Borsatto, pesquisadora da UFSP). [...] A morte de tecidos é a principal defesa do organismo contra o câncer, já que este se caracteriza pela multiplicação desordenada de células [...] (VEJA, 21 de janeiro de 1998: 63)

[...] Há um único problema: envelhecer não é apenas uma brincadeira contra a humanidade. Parar o relógio biológico pode ser arriscado. Nenhum médico ou cientista conhece em detalhes os efeitos adversos do medicamento quando tomado por longos períodos [...]. (VEJA, 26 de maio de 1999: 90)

Além disso, a dificuldade de estabelecimento dos processos naturais associados ao envelhecimento, embaralha as cartas saúde e doença e, na maior parte dos textos, provoca

uma confusão entre aparência saudável¹⁴⁵ e ausência de doença. A saúde é, portanto, uma categoria que agrega diversos valores, muitos dos quais difíceis de serem mantidos por toda a vida.

Envelhecer ainda é um caminho matizado por muitas variáveis, difíceis de prever nos laboratórios. Mesmo em relação aos hábitos saudáveis, a vida de algumas pessoas prova que o trilho não é tão reto.

Em 2001, na sessão Perfil, o arquiteto Oscar Niemeyer apresenta características que o identificam como um anti-exemplo do envelhecimento saudável (VEJA, 14 de março de 2001: 66):

[...] Aos 93 anos o arquiteto toca vinte projetos, fuma, come ovos e carne vermelha à vontade. Preocupa-se com um problema: um dia terá de morrer [...]. Apesar disso, dorme bem, tem boa saúde e nenhum dos distúrbios que seriam previsíveis em alguém com esse comportamento aparentemente desleixado. [...]

Ainda assim, tentar decifrar como funciona a “máquina humana” é uma tarefa que supera a tentativa de entendimento das peculiaridades dos envelheceres que a própria revista apresenta espalhada por matérias menores, anúncios e entrevistas. Quando o assunto é envelhecimento, a idéia de superação do mesmo, da manutenção da funcionalidade e estética, da independência e de um estado constante de saúde são os temas mais prevalentes.

¹⁴⁵ A aparência saudável agrega-se a valores tais como: beleza, sucesso, “corpo sarado”, funcionalidade, felicidade sexual, emocional, financeira, profissional e familiar.

4 O TEMPO COMO PALCO

*[...] Imagino o artista num anfiteatro
onde o tempo é a grande estrela
vejo o tempo obrar sua arte [...] o tempo com seu lápis impreciso
põe-lhe rugas ao redor da boca
como contrapesos de um sorriso [...] No anfiteatro, sob o céu de estrelas
Um concerto eu imagino onde, num relance,
o tempo alcance a glória e o artista,
o infinito [...].¹⁴⁶*

(Chico Buarque)

Nas sociedades ocidentais, os conceitos fundamentais de cronologia embasam nossa concepção de envelhecimento e de curso da vida. O modo como entendemos o mundo e nossos corpos baseia-se nas noções de espaço e tempo tal qual as concebemos. O tempo é expresso de forma linear, em passado, presente e futuro e possui um caráter progressivo. “[...] Todas as nossas experiências, enquanto são nossas, se dispõe segundo o antes e o depois [...]” (MERLEAU-PONTY, 1999:549).

[...] Para Heidegger, a temporalidade é a categoria fundamental, tudo o que existe, existe no tempo. O ser das coisas ou aquilo que faz com que as coisas sejam (ou não sejam) é dado pela temporalidade. A temporalidade é constitutiva. Tudo o que se pode apreender, apreende-se na temporalidade [...]. (HOFFMAN, Introdução II, TODES, 2001)

Em Todes¹⁴⁷, a noção de tempo, assim como a noção de espaço, é dada pela corporeidade: o presente é o que o corpo sente agora; o passado é aquilo com o que eu lidei e que ficou distante do corpo (aqui, as categorias tempo e espaço se aproximam muito); o futuro é constituído por aquilo que estiver distante de mim. Portanto, o corpo é o ancoradouro, a referência para os posicionamentos espaciais e para a percepção temporal.

Anselm Strauss, aponta a idéia de temporalidade como uma experiência, o fluxo do tempo faz com que as ações do presente sejam influenciadas pelas do passado e do futuro, logo, o tempo tal como descreve o autor, não segue um curso linear seqüencial

¹⁴⁶ *Tempo e Artista – Chico Buarque.*

¹⁴⁷ Samuel Todes. *Body and World*, extraído de apontamentos de aula - Bianca Bruno.

entre passado presente e futuro, mas desvela-se dinâmico e incessante.

[...] a experiência humana do tempo é uma experiência de processo: o presente é sempre um “vir-a-ser”; está sempre chegando, à medida que o futuro se aproxima de nós, ou está sempre indo embora à medida que a ação do presente reflui no passado [...]. (STRAUSS, 1999:49)

O envelhecimento, enquanto fenômeno que ocorre dentro de nossa percepção de tempo e espaço, é entendido sob uma perspectiva unidirecional e associado à etapa da vida mais próxima à idéia de finitude (FEATHERSTONE e HEPWORTH, 2000: 109): “[...] envelhecer nos confronta com os limites intransponíveis próprios da condição humana [...]” (VON ZUBEN, 2001: 174).

No imaginário social este processo é algo que se refere à natureza, ou às mudanças que a *passagem do tempo*¹⁴⁸ imprime nos corpos,

[...] o envelhecimento é um processo que concerne à marcação da ‘idade’ [...] e que se desenrola como desgaste, limitações crescentes e perdas, físicas e de papéis sociais, em trajetória que finda com a morte [...]. (MOTTA, 2002: 40)

É interessante imaginar o quão corporais são estas perdas e desgastes, pois, mesmo quando associadas à cognição ou a aspectos emocionais, muitas mudanças encontram sua raiz explicativa nas alterações cerebrais, na dificuldade de conexão e funcionamento das estruturas corporais responsáveis por tal tarefa. Voltamos à idéia reducionista que, embora conceba a participação do corpo em aspectos como a cognição, continua apostando na relação estrita, matéria / função e, no cérebro como seu *locus* objetivável e passível de ser decifrado e manipulado.

Tais possibilidades de entendimento sobre o envelhecimento em face da noção temporal, do papel da corporeidade, da idéia de finitude, bem como, da dinâmica das representações do velho, da velhice e do envelhecimento em um dado contexto sócio-cultural circunscrito, enriquece a análise do material coletado que, em alguma medida, refere-se ao desenrolar do tema na esteira do tempo.

A análise do material referente a 35 anos da revista *Veja* trás, por certo, as implicações de inúmeros acontecimentos, expressos ou não nas revistas, que influenciaram e foram influenciados pelo tema em questão. Desta feita, embora seja inviável enumerar e correlacionar todos os possíveis norteadores das diferentes representações observadas, destacam-se alguns pontos verificados confrontados com a

bibliografia de referência.

Vale ressaltar que as representações apresentadas abaixo, vistas em uma perspectiva de ocorrência no tempo, são apenas aquelas partidas de um dos olhares possíveis, posto que, um vasto material, presente nas matérias não específicas, nas imagens e em diversas propagandas, não foram consideradas neste estudo. A prevalência de certas representações em um dado momento não inviabiliza a ocorrência de outras, por vezes até contraditórias. No texto que se segue, algumas destas contradições estão presentes, bem como as representações que foram mais enfocadas no período analisado.

▪ Quem é Velho?

A palavra *velho* é investida de alguns sentidos bastante peculiares, e, distintos em diferentes épocas. Nos primeiros anos de publicação, a revista utilizava a mesma para designar pessoas de idade avançada, o que, até os anos 70, significava estar acima dos 50 anos. Para estas pessoas, chegar à velhice significava assumir um padrão bastante previsível em relação a comportamento, trabalho, indumentária, cuidados corporais, interações conjugais e geracionais.

Embora a palavra fosse largamente utilizada, observou-se que, em algumas propagandas e matérias, já estava presente a polarização velhice / juventude, sendo a primeira dotada de limitadores sociais, físicos e emocionais, neste momento atribuídos ao simples fato de se ter chegado à determinada idade.

A palavra continua sendo utilizada, entretanto, não serve mais para designar apenas uma categoria etária com características próprias, porque agrega ao seu sentido valores cada vez mais pejorativos, até finalmente, servir para identificar um quadro comportamental e uma aparência que não se deseja ter. Ser velho é ser ultrapassado, feio, descuidado, pobre, doente ou, simplesmente, parte de um passado que não se pode resgatar.

Em diversas matérias a partir da década de 80, algumas características outrora constitutivas do ser velho são descoladas da matriz etária. Estas características englobam aspectos corporais e atitudes frente ao trabalho, família, relacionamentos, sexualidade, lazer e consumo.

É possível encontrar outras utilizações do vocábulo, que não acompanham a lógica descrita como, por exemplo, na entrevista com Norberto Bobbio, 86 anos, jurista, cientista político e filósofo.

¹⁴⁸ Grifos meus.

Na matéria ‘*O grande velho*’¹⁴⁹, apesar de o próprio entrevistado atribuir à palavra características nada otimistas, o título, bem como a ênfase dada à importância do entrevistado, sugere que, ao menos aos olhos da revista, Bobbio não estaria inserido nas características que ele mesmo descreve. Bobbio é o *grande velho*, ou um grande velho, como outros que, produtivos e incluídos na sociedade, fazem parte um tipo distinto de velho.

Anita Liberalesso (NÉRI, 1991:89-92) realizou pesquisa em que avaliou os significados atribuídos aos conceitos: “*O velho é*” e “*quando eu ficar velho eu serei*”¹⁵⁰. Da análise do material coletado referente ao primeiro conceito, resultaram quarenta escalas *bipolares do Diferencial Semântico*, as quais foram incluídas em três categorias de atributos:

A primeira denota “[...] a desejabilidade de qualquer adulto, independente de idade cronológica, mas ligada a geratividade, à autonomia e a integração social [...]”; a segunda aponta que “[...] velhos improdutivos e dependentes serão aceitos, valorizados e vistos como interessantes, se forem atualizados e progressistas após terem sido bem-sucedidos como adultos [...]”; a terceira refere-se ao “[...] velho que não incomoda: fácil de contentar, condescendente, oportuno, discreto, ele conhece seu lugar. O inverso define o velho a ser evitado: exigente, crítico, indiscreto, queixoso, chato, amargo [...]” (estas características são tipicamente usadas para designar alguém que é velho antes do tempo).

Em suas conclusões, a autora indica que os fatores que mais valem para a definição do perfil do “Velho” na amostra brasileira são: “*instrumentalidade-ineficácia*”¹⁵¹ e “*autonomia-dependência*”¹⁵². Além disso, os resultados sugerem que, para a amostra verificada, “*geratividade*” e “*integração social se associam na definição da instrumentalidade*”, ou seja, o fato de adjetivos¹⁵³ atribuídos a pessoas muito reforçadas socialmente covariar com outros, ligados à interação social com adultos, indica uma correlação entre as categorias. Observa-se ainda que essa associação congrega “[...] atributos úteis a designação de adultos desejáveis de quaisquer idades [...]” (NÉRI, 1991:102).

Ademais, os resultados encontrados vão ao encontro de outros autores¹⁵⁴ que atribuem ao objeto em questão, “o velho”, significados e atitudes multidimensionais. E como importante contribuição, a autora indica que, na amostra utilizada, houve uma predisposição positiva em relação ao velho e à velhice, contrariando algumas proposições sobre estes

¹⁴⁹ Matéria de 1996.

¹⁵⁰ Este levantamento foi realizado nas cinco regiões geográficas do país, com pessoas entre 13 e 45 anos, de ambos os sexos, estudantes de 1º, 2º, 3º graus e pós-graduação.

¹⁵¹ Atributos ligados à integração social.

¹⁵² Atributos relativos à geratividade.

¹⁵³ Agradáveis, carinhosas, generosas, bonitas, cordiais, interessadas pelas pessoas, bem-humoradas, atraentes e humildes (Néri, 1991:102).

objetos. Também foi observado que os significados associados à velhice pessoal foram mais positivos do que aqueles atribuídos ao conceito “*o velho é*”.

▪ **Velhice**

A velhice aparece nas páginas da Veja, a princípio como uma etapa de vida, delimitada e atrelada à idade cronológica. Entretanto, em alguns textos, pode ser observada referência à velhice como um estado de espírito, um traço de personalidade, em geral de conotação negativa.

A velhice, diferentemente do envelhecimento, não se caracteriza como processo, mas como estado. Dentre as características referidas, a velhice apresenta-se como um momento de descanso almejado, no qual a aposentadoria é destacada como um marco. Vale ressaltar que as relações de trabalho são sempre referidas ao emprego formal. O trabalho doméstico, por exemplo, não é citado.

A partir da década de 90, observa-se que as matérias sobre o tema abordam, preferencialmente, o envelhecimento, dirigindo as atenções para a prevenção da velhice, em reportagens que se referem à meia idade¹⁵⁵, momento identificado ao mesmo tempo como causa¹⁵⁶ e consequência do envelhecimento.

Na maior parte do material analisado, a velhice é destacada como um estado indesejável, que deve ser adiado ao máximo. Visível, expressa-se nos corpos e, em menor medida, nos comportamentos. Em relação a estes últimos, a variação do que é esperado para a velhice é maior no espaço de tempo estudado do que as características corporais. Mesmo nas matérias dos anos 2000 a 2003, a velhice é associada à decrepitude, às perdas funcionais e à feiúra, diferentemente do envelhecimento que, enquanto processo, agrega-se a valores mais positivos.

Observou-se, ainda, correlação da velhice com diminuição do poder aquisitivo, levando à dependência do Estado e/ou dos familiares. Em algumas matérias, nota-se certa infantilização, sobretudo no material que aborda a institucionalização e os cuidados da família para com os seus velhos.

Contrariamente, a idéia de uma velhice produtiva, economicamente ativa em função da produção e potencial de consumo, bem como disposta a realizar novos projetos, esteve presente de forma bastante tímida nas primeiras décadas de publicação, sendo este perfil,

¹⁵⁴ A autora cita: Rosencrantz e Mc Nevin (1969) e Holtzman e col (1979).

¹⁵⁵ Em alguns casos este momento é identificado com a menopausa.

¹⁵⁶ Já que as mudanças hormonais são apontadas como responsáveis por muitas das características da velhice.

privilégio de poucos personagens, destacados na revista. Entretanto, o padrão antes restrito a alguns, passa progressivamente a tomar mais espaço e tornar-se o arquétipo predominante nas matérias.

Em vários textos, a desvinculação entre velhice e doença é explícita, ainda que as características atribuídas a um ou outro estado se confundam.

A distinção entre ser velho e adulto, por vezes é bastante clara; por outras, é inexistente, sugerindo uma certa fluidez da categoria representada nas revistas, não obstante as categorias velhice e juventude serem dispostas como pares opostos, com frequência.

Em algumas reportagens é possível fazer distinção entre a percepção da velhice do outro frente à própria; sucede, então, a identificação da velhice em outros personagens pela aparência, personalidade, ocupação, comportamento sexual e aceitação ou não das modificações corporais e emocionais.

A velhice (feminina e masculina) apresenta maior distanciamento nas primeiras décadas, onde os papéis sociais relativos às diferenças de gênero eram bastante marcados. A velhice feminina é doce, ligada à família e ao cuidar; a masculina, por sua vez, quando não empobrecida e dependente, agrega-se à imagem de sucesso, estabilidade e charme.

Entretanto, paulatinamente, ocorre uma aproximação de algumas características apresentadas para ambos: os cuidados corporais, ainda que associados prioritariamente à figura feminina, invadem o universo masculino, e o investimento para uma velhice saudável é cada vez mais direcionado para homens e mulheres. Ainda assim, a velhice é, de forma geral, considerada pior para as mulheres, sobretudo pelos ‘estragos’ que produz, usurpando um bem precioso da feminilidade: a beleza.

▪ **Envelhecimento**

[...] Viver tanto tempo é um dom de Deus, mas tem seu preço [...].

(Marcelo Mastroiani, no filme Viagem ao Princípio do Mundo)

Conceber o envelhecimento como um fenômeno que se delinea na passagem do tempo, percebido segundo uma concepção cronológica, é uma experiência subjetiva¹⁵⁷, própria de cada sujeito (VON ZUBEN, 2001:167), é uma forma complexa de abordar o tema,

¹⁵⁷ Von Zuben destaca como uma concepção da fenomenologia: o *tempo subjetivo*. Este é experienciado como vivido e possui uma duração interna e individual; ele é a vivência de cada sujeito, “[...] o tempo de vida de

mas ao mesmo tempo, aquela capaz de se relacionar a um material igualmente complexo, como o exposto nas revistas analisadas. Desta forma, não teremos ‘o envelhecimento’, mas inúmeros ‘envelhecimentos’ matizados pelas interrelações possíveis destas duas concepções.

Considera-se, portanto, apesar da necessidade de maiores investigações, a interface entre o material produzido e divulgado nas revistas com o universo externo às mesmas. Parte dos canais expressivos de nosso tempo, a mídia, e em última análise as revistas, são aqui consideradas como inseridas em dado momento sócio-cultural, informando e sendo informada pelo mesmo de forma dinâmica. Desta feita, a conexão com outros trabalhos, que também têm nas revistas seus locais de investigação, desenha um interessante panorama da exposição do tema.

No trabalho de Lara Deppe (2001) sobre o discurso científico e a sua relação com a estética¹⁵⁸ publicado na revista Nova, é discutida a presença da noção do acúmulo de substâncias deletérias como propiciadoras do envelhecimento. Nesta concepção insere-se a visão de um corpo que, se disciplinado e orientado por regras bem determinadas, pode ter um envelhecimento mais próximo do padrão ideal. Este padrão, além da juventude, tem na manutenção do peso um fator preponderante, ligado à estética e a saúde (em muitos momentos, estes dois conceitos se confundem).

O enquadramento em um dado padrão estético encontra-se fortemente ligado ao discurso médico científico de busca ou manutenção da saúde. Nara Sudo (2004) indica que, em relação à gordura, a manutenção da saúde é imputada como um dever individual.

Os discursos sobre a obesidade analisados por Sudo encontram, no material observado neste trabalho, pontos de interseção; o envelhecimento, assim como a obesidade ou o ganho “excessivo” de peso são¹⁵⁹ estados que precisam ser modificados, ou, como indica o forte vocabulário bélico utilizado nas reportagens, combatido¹⁶⁰.

Deppe (2001:71) destaca uma semelhança entre o tipo de construção efetuada para a obesidade e para o envelhecimento no que diz respeito ao controle alimentar. Uma boa alimentação, além de influenciar na forma corporal, pode contribuir para a longevidade.

cada um ou o modo peculiar como cada qual processa, em si mesmo, suas relações com as coisas do mundo [...]”.

¹⁵⁸ A concepção de estética utilizada é correlacionada à beleza.

¹⁵⁹ A comparação refere-se somente ao final da década de 1990 e início da década de 2000 já que o trabalho da autora é relativo aos anos de 1997 a 2002.

¹⁶⁰ Esta observação cabe também para o trabalho de André Pires o qual indica que a boa aparência nos anos 80 está mais ligada à manutenção do peso na revista Cláudia.

Semelhante questão foi também observada na *Veja*. A necessidade de abordagens mais internas, as quais influenciam na aparência, fazem da alimentação uma aliada no “combate” ao envelhecimento.

A autora cita uma matéria na qual a referência à interseção gordura/ envelhecimento ganha contornos simplistas: Barbosa¹⁶¹ remete a uma associação pretensamente presente nos “[...] romances de antigamente: as jovens heroínas eram sempre magras; tias mães e comerciantes de meia-idade, rechonchudas. O que os escritores intuíram, a ciência moderna comprovou: engordar envelhece [...]”.

Semelhante imagem é desvelada por Sudo que, mencionando Kehel (2003:258), afirma:

[...] A velhice [...] é aterradora quando o tempo vivido não tem valor. O mito da eterna juventude, no limite, tende a produzir corpos sem história, dos quais querem apagar, com o auxílio da medicina, todas as marcas do passado, explicitando que na atualidade possuir um corpo magro, jovem e em forma exige um investimento que está longe de ser natural, como gostam de sugerir as reportagens. [...]

Embora concordando com a autora no que diz respeito à preponderância de um discurso naturalizador de certas práticas, e condutas frente ao emagrecimento / envelhecimento e o papel da ciência na reafirmação deste, creio que tais representações encontram eco em outras expressões sociais e são parte de uma conformação bem mais complexa e menos maniqueísta, sob o ponto de vista do poder unilateral dos meios de comunicação.

Não inválido, entretanto, a recorrente exibição de certos valores, bem como a congregação dos mesmos para a apresentação de um padrão idealizado de sujeito, e os tangenciamentos entre as figuras alijadas deste padrão, como é o caso do gordo e do velho.

A *batalha contra o tempo* também é destacada por André Pires (1998), ao abordar as representações dos velhos nas revistas *Claudia* e *Playboy*, nos anos 80 e 90. A comparação entre estas duas publicações trouxe importantes contribuições no tocante à diferença de discursos em relação ao público leitor preferencial, no caso de *Cláudia*, as mulheres, e no de *Playboy*, os homens.

Na revista ‘feminina’, a idéia de autocontrole do corpo e das emoções é encontrada nas matérias sobre rugas e outras marcas do tempo, diferentemente do que ocorre na *Playboy*, onde tais sinais são encarados não como produto dos mau tratos, mas, como um indicativo de charme do homem maduro.

¹⁶¹ Maria Luisa Barbosa, entrevistadora da revista *Nova*.

Na revista *Veja*, estas duas concepções coexistem, com preponderância para o primeiro enfoque. As matérias que versam sobre estética e cuidados corporais apresentam-se mais próximas da abordagem das revistas femininas observadas por Pires. Semelhante visão é apresentada por Deppe, que indica outro significado (também presente em *Veja*) atribuído às rugas: elas são um sinal de envelhecimento precoce, não mais marcas do tempo previstas como parte da velhice.

A preocupação com o envelhecimento é também estendida a sujeitos cada vez mais jovens, e passa a ser vista como responsabilidade do indivíduo e conseqüência de atos da sua juventude e vida adulta. A ênfase sobre a prevenção é indicada por Pires, Sudo e Deppe como parte integrante da representação do envelhecimento nas revistas analisadas, *Claudia*, *Veja*, *Isto É* e *Nova*, respectivamente.

O envelhecimento constitui-se numa espécie de doença e como tal, num processo tido como natural, margeado por um discurso científico igualmente contraditório. Esta visão parte da idéia de um estado modelar, em que a saúde corresponde à plenitude das funções da *máquina humana* em permanente equilíbrio. Qualquer desvio deste estado ideal, quase sempre aderido à figura jovem, deve ser evitado ou restabelecido.

A matriz biológica é a base de entendimento do envelhecimento, informando inclusive, características psicossociais importantes. A representação do *bom envelhecer* ancora-se na lógica de contenção, controle e disciplina corporal capazes de “empurrar para longe” o fantasma da velhice. Mas, a aparência jovem e o funcionamento orgânico pleno apresenta-se conectados a outras imagens mais subjetivas, como sucesso, felicidade e disponibilidade para a vida, sugerindo que os discursos biológico, social e de senso comum se retroalimentam na construção das representações observadas.

▪ Lugar do Corpo

Quando já estavam muito velhos, [...] Salvador Dali e sua mulher Gala domesticaram um coelho [...]. Um dia, quando deveriam partir para uma longa viagem, discutiram [...] o que iriam fazer com o coelho, porque o coelho tinha medo dos homens.

No dia seguinte Gala preparou o almoço e Dali deleitou-se, até o momento em que compreendeu que comia um ensopado de coelho.

*Levantou-se da mesa e correu [...] para vomitar [...]. Gala, ao contrário, estava contente que seu amado tivesse penetrado suas entranhas, tivesse-as acariciado lentamente, tornando-se o corpo de sua dona.*¹⁶²

¹⁶² KUNDERA, Milan. *A imortalidade*, p. 99.

No texto *The woman beneath the skin*, Barbara Duden¹⁶³ discute como pessoas de outras épocas experienciaram seus corpos. Ela enfoca, sobretudo, o corpo feminino e o modo como este foi percebido em diferentes momentos da história, partindo do pressuposto de que essa experiência é distinta daquela que sentimos em relação aos nossos corpos hoje.

Para muitas pessoas de outras épocas e culturas, a visão naturalista, reducionista e materialista do corpo, tão impregnadas no nosso mundo, não se fazia presente. Duden mostra como o pensar e o experienciar o corpo não são um dado natural, e como o próprio conceito de natureza, ou, tudo que acreditamos sobre a natureza e o natural, são metáforas poderosas que dotam algo que, com frequência, são estados mutáveis, com uma espécie de finalidade e eternidade.

O texto segue revelando como a corporeidade foi percebida, em diferentes momentos, e como alguns dados do passado contribuíram para a nossa forma de entendê-la.

No século XVIII o corpo é criado como objeto, ele pode ser violado, perdendo seu potencial mágico. A partir deste momento, através da visão do corpo dissecado, o corpo do cadáver, produziu-se uma imagem a ser projetada no vivente. Cria-se um novo padrão para a estrutura e a funcionalidade corporais. A autora pontua que, neste momento, ocorre a degradação do *self* que, antes, se estendia por um todo corporal inviolável, passando a uma noção de *self* no qual o sujeito possui o corpo.

É desta forma que o corpo é visto pela história da medicina tradicional. O acúmulo de conhecimento científico fez surgir o *verdadeiro e objetivo corpo*.¹⁶⁴

A descrição dos processos corporais, tal como estudado por fisiologistas, médicos e neurocientistas, visa obter, de alguma maneira, descrições normativas do que seja o corpo; portanto, são modelos descritivos antigos da corporeidade, dos fenômenos corporais, da disposição fisiológica do corpo masculino e feminino, tratados como ultrapassados e obsoletos, que deixam de preocupar cientistas, passando a poder constituir o interesse de historiadores da ciência.

A idéia presente desde o século XVIII, de um corpo constituído anatomicamente e fisiologicamente, era a de um corpo dotado cientificamente com aparência de ser um fenômeno natural, enquanto que este mesmo corpo era feito invisível, como criação natural.

A fisiologia, como se constitui do século XVIII para o século XIX, voltada para a normatização, foi fundamental para o pensamento do corpo como máquina perfeita. A

¹⁶³ DUDEN, Barbara. *The woman beneath the skin. A doctor's patients in eighteenth-century*.

fisiologia do esforço, da performance física, apareceu na França e na Inglaterra, antecipando a produção de todo o mecanismo de introdução da atividade física e da ginástica nas escolas; com isso, fez perceber a presença de algo bastante comum em nossos dias: o corpo como um material moldável, passível de intervenção e reconfiguração.

Dentro desta concepção, instala-se a noção de saúde como catecismo, preocupação e busca, algo impensável em outras épocas. A saúde passa a ser um bem, e sua busca, uma tarefa pessoal.

A desnaturalização do próprio corpo, enquanto campo de análise, abre portas à problematização sobre a forma como encaramos o envelhecimento. A idéia de que não só a valoração sobre o envelhecimento possa ter mudado, mas também o próprio entendimento sobre o que muda com o passar do tempo, provavelmente sofreu alterações semelhantes às aquelas apresentadas pela autora. A objetivação do corpo, a visualização por meio das dissecações e a violação de sua totalidade, provavelmente contribuíram para o acirramento da divisão entre corpos jovens e velhos.

No modelo normatizador criado, o corpo jovem é o padrão e, desta forma, o corpo velho é associado à limitação biológica, à degeneração e às perdas funcionais. O verdadeiro corpo, em plena função e capacidade, não é o da criança (apenas uma promessa futura), muito menos o do velho (a instauração da decadência).

Os avanços científicos e o modo como estes foram utilizados pela biomedicina, tiveram, certamente, um importante papel na concepção que se tem do corpo e, portanto, do corpo que envelhece. Não se pode esquecer, entretanto, que as mesmas descobertas que dessacralizaram o corpo e o fizeram cindir, contribuíram para o fato de vivermos mais e estarmos experimentando algumas mudanças nunca imaginadas por nossos antepassados.

Segundo Turner¹⁶⁵, o corpo é hoje o *locus* tanto de desigualdade social, quanto de *empowerment*. No mundo do individualismo, o corpo é símbolo de *status*, critério de distinção social, cartão de visitas, alvo de categorização e hierarquização nas relações sociais. “[...] Quem é gordo hoje está em defasagem, está atrás de quem é sarado; quem é velho caído está atrás de quem é velho saudável. Todo este processo acaba redundando numa espécie de moralização da vida biológica [...]”.

Neste quadro de moralização da vida, onde se insere um corpo que não vale mais como moeda neste mercado social?

¹⁶⁴ Grifos meus. Esta é a forma como a ciência tem correlacionado as descobertas científicas à nova abordagem do corpo. Para esta visão, não é o material que se modifica, mas a forma como o vemos; aquela que existia antes, constitui apenas uma visão equivocada.

A resposta talvez esteja no modo como Todes retira o corpo da passividade de mero receptor, conferindo-lhe a propriedade de intencionalidade. A intenção do corpo é a de decifrar os enigmas do mundo que quer controlar; para tanto, move-se de forma a construir ou criar necessidades.

Seguindo este raciocínio, entendo que, mesmo ao pensarmos o corpo como objeto, não o perdemos como sujeito da experiência e ativo em sua relação com o mundo. O corpo da era do transplante, das próteses, do Viagra, da reposição hormonal, do controle alimentar e da atividade física, experimenta estas e tantas outras vivências de sua época, recebendo-as e agindo sobre (e com) elas.

Se hoje já podemos vislumbrar algumas intervenções que modificaram as possibilidades do corpo em idade bastante avançada, certamente o futuro nos reserva surpresas que poderão alterar inteiramente o que pensamos sobre o que é envelhecer.

▪ A Velhice Mostra a Sua Cara

*[...] Eu não tinha este rosto de hoje
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Eu não tinha estas mãos sem força
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração que nem se mostra.
Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
-Em que espelho ficou perdida a minha face?[...]
(Cecília Meireles)*

O corpo é, no material analisado, o *locus* do envelhecimento. Nele se insinuam as marcas do tempo, nele se exerce o controle e a disciplina necessários para adiar a velhice, nele se concentram poderosos sinais para as interações sociais. Na maior parte dos textos é evocado o corpo objeto, compartimentalizado e passível de inúmeras intervenções.

Nos primeiros anos de publicação, o corpo também estava fortemente presente, mas a velhice dos corpos era algo dentro da expectativa do envelhecimento, ainda que, a tentativa de manutenção da juventude já estivesse expressa em menor escala.

Em quase todas as matérias que abordam o tema, em qualquer época, alguma característica corporal relativa à velhice é citada. Entretanto, é a partir da década de 80 que se intensificam as matérias voltadas especificamente para os cuidados corporais, com vistas a ‘deter’ o envelhecimento.

¹⁶⁵ TURNER, Terence, Bodies and anti-bodies: flesh ant fetsh in contemporary social theory.

O envelhecimento é como uma ferrugem no corpo máquina, embora, assim como destacado no trabalho de Deppe, o próprio organismo tenha a capacidade de se proteger das eventuais perdas imputadas pelo mau uso do corpo ou pela inexorabilidade do tempo.

Semelhante abordagem é também observada em Veja. A “habilidade natural” de auto preservação de um estado pleno encontra-se refletida, paralelamente à ambígua necessidade de agentes externos que impeçam o avanço das marcas corporais.

No trabalho de Pires, os cuidados corporais são encontrados em poucos artigos da revista Playboy, enquanto na revista Claudia, a temática é largamente abordada.

Segundo o autor,

[...] a motivação para cuidar da aparência não é gerada pelo medo dos efeitos do envelhecimento no corpo, mas pela restauração de um estado que pode ter sido provisoriamente abatido por uma noite mal dormida [...] não há, como em Claudia, um conceito de saúde que engloba vários aspectos do corpo da mulher e que exige a adoção de novos estilos de vida e o consumo permanente de bens e serviços com o intuito de evitar o avanço da idade. Ao contrário o envelhecimento não é sequer tratado [...]. (PIRES, 1998:112)

Pires ressalta, ainda, que a não adoção de um estilo de vida que vá ao encontro da manutenção da juventude e beleza é encarada em ambas as revistas como sinal de “descuido”, “negligência” e “preguiça”, ainda que os caminhos e as propostas de um estilo de vida ideal sejam diferentes entre as revistas *feminina* e *masculina*.

Na revista Veja, a equação ausência de cuidados corporais e culpabilização, também está presente. E, como uma forte aliada na batalha contra os agentes externos e os próprios desejos, a ciência propõe um conjunto cada vez mais poderoso de intervenções corporais. A manipulação do corpo é destaque em um número crescente de matérias, que recebem o aval de especialistas e os depoimentos satisfeitos dos clientes.

Em geral, as vantagens das intervenções corporais superam os possíveis riscos. A expectativa sobre a aparência ganha proporções notáveis, espalhando-se sobre outros aspectos do comportamento dos sujeitos que envelhecem.

A sexualidade, por exemplo, é vinculada, diretamente à obtenção de um corpo desejável, indubitavelmente coerente com o padrão sugerido. Estar *bem* em relação à aparência é um poderoso instrumento de barganha nas interações amorosas; de fato, é quase imperativo.

Além do corpo estético, outra concepção bastante presente é a do corpo funcional que, assim como o primeiro, é comprometido pelo envelhecimento. A manutenção das atividades

sociais, laborais, de lazer e, em última análise, a utilização do corpo como um aparato funcional e expressivo, são preocupações expressas nas páginas da *Veja*. Em diversas matérias são relacionadas listas de perdas das capacidades orgânicas que culminam na limitação e na dependência, palavras obscenas no vocabulário do bom envelhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*[...]-Envelheceste, meu caro - disse.
-Ficaste grisalho. Mas te parece com o jovem Samana que
certa vez entrou no meu jardim
[...] Hoje és muito mais semelhante a ele do que eras
naquele dia em que abandonaste a mim e a Kamasvami. A
semelhança está nos olhos [...] Ai de mim! Eu também
envelheci. Fiquei velha. Dize-me se conseguiste
reconhecer-me! [...]*¹⁶⁶

Muitas publicações sobre envelhecimento afirmam sua relevância baseada em dados epidemiológicos. O aumento populacional é abordado com preocupação, como um problema que exige intervenções a fim de preparar os sistemas de saúde, previdência e serviços para o número crescente de idosos.

Outros trabalhos ressaltam as delimitações bio-psico-sociais do fenômeno do envelhecimento e buscam, através de pesquisas e observações, características que diferenciem o processo *natural* do envelhecimento das patologias comumente associadas a este processo.

Ainda há os que entendem o envelhecimento como um fenômeno marcado por mudanças corporais, investidas de valores sociais e onde o limite entre o que é biologicamente determinado e o que é social, cultural e historicamente construído é bastante tênue.

A complexidade destas abordagens se expressa como um mosaico, revelando superposições, arranjos e conexões entre as muitas maneiras de ver o ser que envelhece e suas representações nos canais de comunicação.

Observar de que maneira um fenômeno tão marcado pela temporalidade, como o envelhecimento, se desenrola através dos anos desperta particular interesse. A opção de analisar as representações de um determinado tema tendo como pano de fundo as mudanças sociais, as descobertas científicas, os acontecimentos políticos e econômicos em um espaço de tempo tão amplo trazem, ao mesmo tempo, conseqüências positivas e algumas dificuldades.

Como conseqüências positivas, aponto as inter-relações entre as representações do envelhecimento, do velho e da velhice, e a dinâmica sócio-cultural expressa nas próprias revistas ou no material bibliográfico utilizado.

Em relação às dificuldades, destaco a grande quantidade de material a ser analisado e, por conseguinte, o perigo de uma abordagem superficial do tema.

¹⁶⁶ HESSE, Hermann. Sidarta: 121

Em primeira instância, imaginava encontrar nas revistas um único discurso, modificado apenas pelo aspecto temporal e nuançado pelas transformações, sobretudo as de ordem social, que se processaram ao longo do período estudado. Entretanto, o que pude constatar foi uma riqueza de representações e imagens bem maior do que eu supunha. Ainda que haja preponderância de algumas representações, a leitura mais atenta comprovou um universo mais plural expresso nas revistas nos vários anos observados.

Confirmou-se a hipótese de que a corporeidade tem papel primordial nas representações do envelhecimento, velho e velhice, bem como a tendência crescente em função do tempo, da juventude como padrão comparativo e ideal.

À velhice agregam-se mais valores negativos do que positivos e, sobre a mesma, pesam uma série de características que se deseja evitar, e o discurso biomédico é um informante potencial destas características.

Após o Ponto... o Arremate

Como contribuição pessoal, este trabalho, seu processo de elaboração, bem como todas as experiências vividas nestes dois anos, serviram de abertura e importante reflexão. Assim, continuo a tecer com o fio de um conhecimento que nunca cessa...

[...] Nada permanece inalterado até o fim [...]

Zeca Baleiro

REFERÊNCIAS

AMOSS, Pámela T & HARREL, Stevan. *Other ways of growing old: anthropological perspectives*. Stanford University Press, 1981. p.246.

BERQUÓ, Elza. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Grin (org). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p 12-15.

ASHLIMAN, 1997-2002. *Aging and death in folklore*. Disponível em <http://www.pitt.edu/~dash/aging.html>, atualizado em 3/12/2002. Consulta feita em outubro de 2004.

BIRMAN, Joel. *Futuro de todos nós: temporalidade, memória e terceira idade na psicanálise*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, 1994. 24 p. (Série Estudos em Saúde Coletiva, n.86).

BRIGEIRO, Mauro M. C. *Rir ou chorar? envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina*. 2000. 106 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

CANGUILHEN, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1978, p.90-117.

CASTELLS, Manuel. *A era da informação: economia, sociedade e cultura. A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. V. 1, Prólogo e Capítulo 5.

DEBERT, Guita Grin. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: LIBERALESSO, Anita, DEBERT, Guita Grin. *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papirus, 1999. p.41-68.

_____. Antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, Myriam Moraes. *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67.

DEPPE, Lara Cristina. *A eficiência da beleza: análise da presença do discurso científico na revista Nova*. 2001. 115 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIBLIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS 1930 (Alzira Alves de Abreu, Israel Beloch, Fernando Lattman - Weltman, Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão (coord). 2. ed., v. V. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 6001- 6005.

DUDEN, Barbara. *The woman beath the skin. A doctor's patients in eighteenth-century germany*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1997. Cap. 1: "Toward a history of the body". p. 1-49; 191-211.

FEATHERSTONE e HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado. In: DEBERT, Guita e GOLDSTEIN, D. (coord). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumali, 200. p. 109-132.

FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Recife, PE: Artenova, 1977. P.86.

FILIZZOLA, Mario. *A velhice no Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1972. p.454.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. Cap. 1, p. 25-75.

GONZAGA, Heloísa Mamede Silva. Envelhecimento cerebral normal - fisiologia. In: CANÇADO, Flávio Aluizio Xavier (coord). *Noções práticas de geriatria*. Belo Horizonte: COOPMED: HEALTH CR, 1994. p. 55-59.

GROISMAN, Daniel. *A velhice entre os animais: da gerontologia à antropologia social*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, 1997. (Série Estudos em Saúde Coletiva; n.157, p 5-15).

_____. *Instituição médica e velhice: o caso da Clínica Santa Genoveva*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, 1997. (Série Estudos em Saúde Coletiva; n.157, p 18-27).

_____. *A infância do asilo a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século*. 1999. 124 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. A velhice, entre o normal e o patológico. *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 61-78, 2002.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade?* Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 103-131.

HAYFLICK, Leonard. *Como e por que envelhecemos*. Rio de Janeiro: Campus, 1996. Cap. 2 (p.11-24), Cap.4 (p.35-41) , Cap.7 (81-100), Cap.11 (157-175).

HECK, Rita Maria & Langdon, Esther Jean. Envelhecimento, relações de gênero e o papel das mulheres na organização da vida em uma comunidade rural. In: MINAYO, Maria Cecília, COIMBRA, Carlos E. (org) *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 129-151.

HESSE, Herman. *Sidarta*. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 121.

HOFFMAN, Piotr. Introduction II. How Todes rescues phenomenology from the treat of idealism. In: TODES, Samuel. *Body and world*. Massachusetts, The MIT Press, Cambridge, 2001. p.xxviii-xl;

KUNDERA, Milan. *A imortalidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p.99.

KATZ, Stephen. *Disciplining old age: the formation of gerontological knowledge*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. p.209.

LOPES, Gerson, TORRES, Luiz Otávio, MAIA, Mônica Bara. Sexualidade, envelhecimento e velhice. In: CANÇADO, Flávio Aluísio Xavier (coord.). *Noções práticas de geriatria*. Belo Horizonte: COOPMED: HEALTH CR, 1994. p.401-419.

MARTINS, Jeanete Liasch. Gerontologia e interdisciplinaridade: fundamentos epistemológicos. In: NERI, Anita Liberalesso, DEBERT, Guita Grin (org). *Velhice e sociedade*. Campinas, SP: Papyrus, 1999. p. 225-229.

MERLAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo, Martins Fontes, 1999. p.549.

MOTTA, Alda Britto. Envelhecimento e sentimento do corpo. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza e COIMBRA, Carlos E. A (org.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002. p. 37-50.

NERI, Anita Liberalesso. *Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas, SP: EdUnicamp, 1991. p.89-92.

NEYO, Raul de Barros. Parâmetros fisiológicos do envelhecimento cerebral. In: CANÇADO, Flávio Aluísio Xavier (coord). *Noções práticas de geriatria*. Belo Horizonte: COOPMED: HEALTH CR, 1994. p. 49-59.

PIRES, André. *Velhos em revista: envelhecimento nas páginas de Claudia e Playboy (anos 80 e 90)*. 1998. 193 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REES, Antonia Muniz. *Valores preferenciais: o contexto discursivo das principais revistas femininas*. 1989. 184 p. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicação e Artes (ECA), USP, São Paulo, 1989.

RIFIOTIS, Theoplilos. Cicli vital completado: a dinâmica dos sistemas etários em sociedades negro-africanas. In: BARROS, Myriam Moraes (org). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 85-110.

RUIZ Osvaldo López. *Manuel Castells e a “era da informação”*. Disponível em <http://www.comciencia.br> atualizado em 10/04/2002, consulta feita em novembro de 2004.

SIMÕES, Assis Júlio. “A maior categoria do país”: o aposentado como ator político. In: BARROS, Myriam Moraes (org). *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 13-34.

SPINK, M.J., MEDRADO, B. Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem eórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M.J. (org) *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*. São Paulo: Cortez, 2000. p.41-61.

STRAUSS, Anselm L. *Espelhos e máscaras*. São Paulo: EDUSP, 1999.

SUDO, Nara. *Diga-me quanto pesas e te direi quanto vales*: um estudo sobre representações do gordo em revistas contemporâneas. 2004. 134 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

TODES, Samuel. *Body and world*. Massachusetts, The MIT Press, Cambridge, 2001. p. 294-297.

TURNER, Terence. Bodies and anti-bodies: flesh and fetish in contemporary social theory, In: CSORDAS, Thomas J. (org) *Embodiment and experience. The existential ground of culture and self*. Cambridge University Press, 2001. p. 27-47

VON ZUBEN, Newton Aquiles. Envelhecimento: metamorfose de sentido sob o signo da finitude. In: NERI, Anita Liberalesso. *Maturidade e velhice*: trajetórias individuais e sócio-culturais. Campinas, SP: Papyrus, 2001: 151-182.

WELTMAN, Fernando Lattman. Mídia e transição democrática: a (des) institucionalização do pan-óptico no Brasil. In: ABREU, Alzira Alves, WELTMAN, Fernando Lattman, KORNIS, Mônica Almeida. *Mídia e política no Brasil*: jornalismo e ficção. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 138-139.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade lembrança de velhos*. São Paulo: T. A Queiroz, 1979.

MILLS, C. Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1959.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. *Envelhecimento e imagem*: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro. São Paulo: Annablume, 2000.

ANEXO A – Outras imagens

Ano	Instituição ou Produto	Imagem	Texto
1969	Banco do Comércio	homem de barba e cabelos brancos cercado de jovens	<p><i>“juventude em pílulas”-</i></p> <p><i>“Ainda vão acabar descobrindo a pílula da eterna juventude”[...]num belo dia, o homem conseguirá prolongar os verdes anos da juventude. Esse dia, porém ainda vai tardar. Até lá, o melhor a fazer é conquistar uma velhice risonha e mais tranqüila [...] enquanto não descobrem a pílula, ou outra forma de viver mais tempo, estaremos empenhados num trabalho emocionante: fazer a velhice se sentir mais jovem”</i></p>
1973	Recanto da vovó, “abrigo da velhice desamparada”	Mulher idosa, de óculos tricotando	<p><i>“[...] Um velhinho detesta dar trabalho aos outros. E paga caro, porque se condena ao terrível frio da solidão [...] Ora , vamos, a velhice não pode ser uma ameaça, mas uma promessa de paz...eles tiveram tanto trabalho conosco e agora não querem que a gente se preocupe com eles! Coisas de velhinhos...”</i></p>
1978	Fraldas Johnson's	enfermeira idosa cuidando de um bebê.	

	Empresa de seguros	casal de idosos	<i>“na casa São Luiz para a velhice a vida começa aos 60, aos 70, aos 80, aos 90...”</i>
1984	Brastemp	senhora, óculos, cabelo branco	
1987	Carro diplomata	Homem idoso de roupa de corrida junto a uma família à mesa.	<i>“acima de tudo classe[...]destinado a pessoas capazes de diferenciar conforto, suavidade, rapidez e segurança”.</i>
	Credicard	Mulher idosa	<i>“troque seu cartão até 30 de setembro, as crianças da AACD agradecem”.</i>
1991		casal de idosos mais de 80 numa casa (sala) típica de vovó	<i>“tudo que é feito com amor fica marcado p/ sempre”.</i>
1993	margarina All Day	mulher idosa ao telefone	<i>“dando prêmios [...] chegou seu dia de ser mais feliz”</i>
1996	Hoechst (laboratório)		<i>“O homem de cinquenta anos pode ainda esperar muito da vida. Até mesmo um infarte”.</i>
	Trans Brasil	casal de idosos com pranchas de surf correndo na praia.	<i>“Tarifa sênior [...] Um senhor desconto”.</i>
1999	série de propagandas	casal de meia idade	<i>“ O tratamento da impotência só não resolveu aonde eles vão passar a segunda lua de mel”.</i>
2000	Banco Real Prêmio Banco Real de talentos da maturidade.	uma mulher e dois homens	<i>“ Para quem já criou os filhos, os sobrinhos e os netos, criar uma obra de arte por ano é fíchinha”.</i>
		ator Paulo Autran	<i>“ O coração do</i>

			<i>brasileiro já está batendo mais tranqüilo. Chegaram os primeiros medicamentos genéricos para hipertensos".</i>
200 1		idosa em caixa eletrônico e uma fila atrás esperando.	<i>"Se tudo na vida fosse rapidinho como instalar o uol".</i>
	Margarina Becel Activ	uma mulher idosa fazendo ioga	
200 2	Margarina Becel pro-active	homem meia idade, cabelos brancos, com um cachorro	<i>"Wanderley Lengruber, 55 empresário, apaixonado por animais e pela vida". "Pela primeira vez em 10 anos, estou com o colesterol no lugar certo: 200".</i>
	automóvel	página com dois anúncios imitando anúncios de jornal	<i>1. "Vovô enxuto e boa pinta. Procuro ninfetinha sarada para relacionamento intenso e duradouro. Quero casar e ter 15 filhos. CP 777787". 2. "Homem Procura Mulher: Moreno, alto, educado e carinhoso. Procuro mulher romântica e sensível p/ relacionamento sério. CP 56568". em baixo dos dois anúncios a frase: "Escolher o melhor é automático".</i>
	Natura- cosmético	Mônica Waldvogel, jornalista Patrícia Sivieri, professora de educação física, ambas comemorando seus aniversários	<i>"Natura chronos. O anti-sinais que não pára o tempo"</i>

Embora o material de propagandas seja riquíssimo e desperte grande interesse, não foi possível analisá-lo com a merecida atenção. O mesmo foi utilizado como exemplo de algumas representações do envelhecimento e do velho em determinada época, ou, como no quadro acima, para indicar diferentes representações que podem ser veiculadas através da propaganda, bem como os produtos que são associados à imagem da velhice.

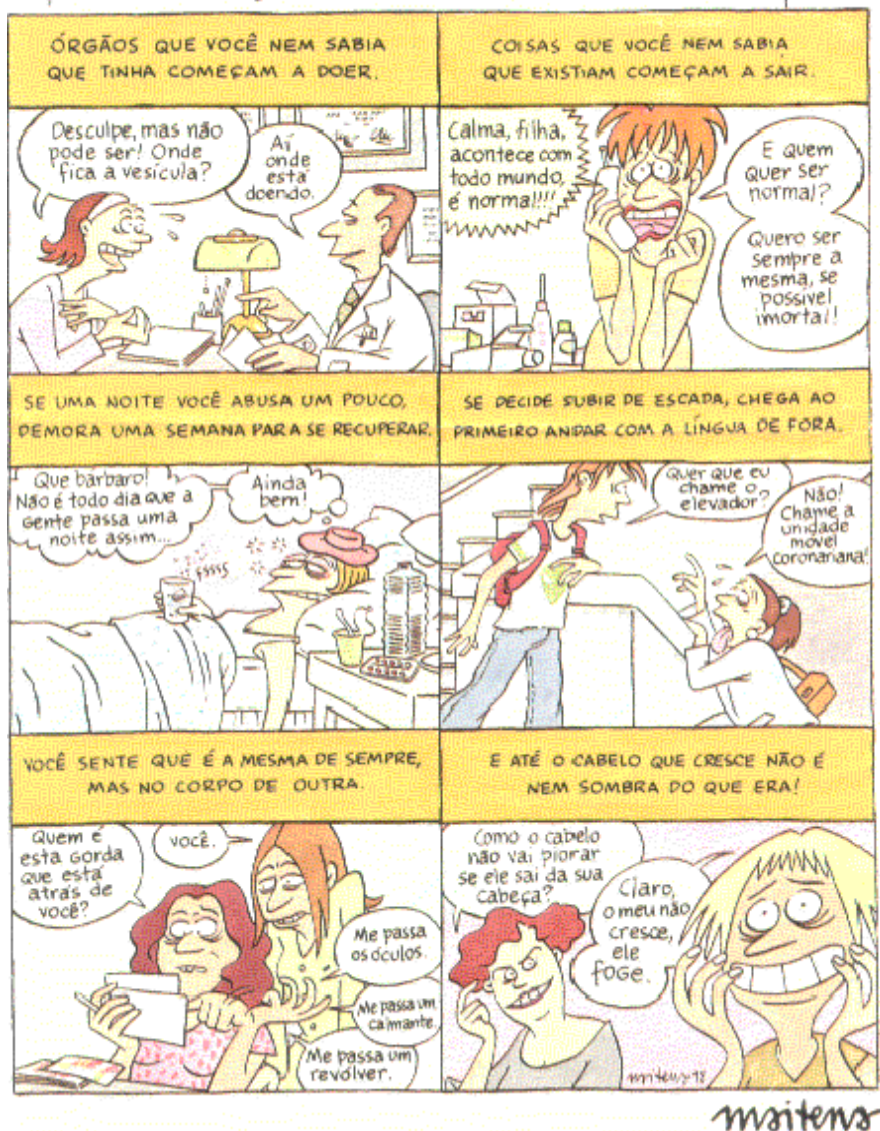
Foi observado que nos anos 70 e 80 muitas propagandas relacionam a imagem de homens velhos a carros, investimentos, máquinas e equipamentos. Enquanto as mulheres são associadas ao cuidado, caridade e a aparelhos e equipamentos para a limpeza e organização do lar.

Também neste período a incidência de propagandas de asilos e casas de repouso é constante, o mesmo não acontecendo posteriormente.

A partir da década de 1990 aumentam as propagandas relacionadas à saúde de forma geral: medicamentos, aparelhos de ginástica ou alimentos que ajudem na prevenção de alguma doença.

ANEXO B – Mulheres Alteradas

O pior de começar a envelhecer é a decadência física



Fonte: Revista Claudia, fevereiro de 2004:146